

Artes & Letras

Valmir Michelin

e-mail: folha@tagline.net

Estudantes resgatam a história do cinema de Guaíba em vídeo

A história do Cine Teatro Gomes Jardim foi o tema de um vídeo produzido na disciplina de artes, no ano passado, por estudantes do Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim. Após conhecerem a história do cinema e aprenderem como fazer um roteiro, os alunos colocaram a teoria na prática e buscaram realizar um documentário da história do cinema. Integraram o grupo os launos: Aline Benfato, Cintia Selau, Cristiane Oliveira, Cristiane Silva e Cristiano Santos.

O projeto deste ano é realizar o 1º Festival de Vídeo de Guaíba e a 1ª Mostra de Cinema. O festival de vídeo deve ter duas etapas. Uma com trabalhos de alunos e a segunda com produções feitas pela comunidade na área de documentário ou ficção.

A proposta é divulgar a arte visual e fazer com que os estudantes entendam melhor a sétima arte.

DIA DO CINEMA- Protocolado ontem, na Assembleia Legislativa do Estado, projeto de Lei, de Ronaldo Zulke, que institui o dia 27 de março, como sendo o Dia do Cinema Gaúcho. Foi no dia 27 de março de 1909 que estreou no Estado o primeiro filme de ficção produzido no RS "Ranchinho do Sertão", de Eduardo Hirtz.

Cantinho do Poeta

■ Envie sua poesia à redação da Folha ou pelo e-mail: folha@tagline.net

PENSANDO BEM

"Só depois que a última árvore for derrubada, o último peixe for morto, o último rio envenenado, vocês irão perceber que o dinheiro não se come",
Provérbio indiano

PARA REVE



Cinema Paradiso

O filme "Cinema Paradiso", (Nouvo Cinema, Itália, França, 1989), dirigido pelo italiano Giuseppe Tornatore (autor também de "A Lenda do Piauí", "O Homem das Ilhas"), conta a relação de um menino, Alfredo e Toto, com a história do cinema e a importância dele para uma cidade italiana. O filme chegou a receber o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro.

Livros: A Secretaria de Educação adquiriu novos títulos para a Biblioteca Municipal da cidade.



ALMANAQUE GAÚCHO

RICARDO CHAVES

Em Gênesis e Cunha | gchaves@gaucha.com.br

O almanaque gaúcho é uma obra de arte e informação

Duas décadas de Festival de Cinema Estudantil

Guaíba não conta com uma sala de cinema tradicional há mais de 40 anos. Porém, tem um festival de filmes que completa 20 anos.

Em março de 2002, foi demolido o prédio do antigo cinema da cidade. No clássico filme italiano Cinema Paradiso, de Giuseppe Tornatore, o antigo cinema deu lugar ao estacionamento. Na cidade de Guaíba, o cinema deu lugar a um supermercado.

O ano 2002 marcou, definitivamente, o fim de um ciclo do cinema na cidade, com a demolição do prédio, embora as sessões de cinema tenham se encerrado em 1977. Por outro lado, no mesmo ano em que o prédio foi abito, no mês de novembro, nascia um novo ciclo, com a criação do Festival de Cinema Estudantil, que tem oportunizado que a cidade não apenas veja filmes, mas produza curtas-metragens.

Com essa proposta, foi realizado, entre os dias 29 e 30 de novembro de 2002, o primeiro evento dentro do auditório do Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim (IEEGJ), que hoje leva o nome do antigo cinema da cidade.

Cine Teatro Gomes Jardim, o qual foi inaugurado em março de 1917. A cidade berço da Revolução Farroupilha, com o Cinesudantil Guaíba, vem também se consolidando como a cidade berço de novos cineastas.

O festival é pioneiro no país e referência no debate e uso das novas tecnologias na sala de aula, tendo contribuído para o surgimento de novos talentos e um novo olhar sobre essa mídia. É um evento que vem ocorrendo ininterruptamente (mesmo durante a pandemia) e recebendo a cada ano mais trabalhos de escolas de todo o Brasil e até do Exterior.

O evento originou-se dentro de um projeto de sala de aula do professor de Filosofia e jornalista Valmir Michelin, do Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim. O sucesso da sua primeira edição repercutiu positivamente e, a partir da segunda edição, a iniciativa teve o apoio da Prefeitura de Guaíba, entre outras entidades.

O ciclo é, agora, um dos maiores eventos culturais da cidade; tem recebido



O Cine Teatro Gomes Jardim, de Guaíba, após uma reforma em 1927



Depois de virar supermercado, o prédio do cinema foi demolido em 2002

em média cerca de 1.500 produções, das quais algumas são selecionadas e exibidas durante a semana do festival. As inscrições para esta edição se encerraram ontem e a premiação ocorrerá em março de 2023, na Semana do Cinema Gaúcho.



A fachada do Cine Teatro Gomes Jardim

formal O Pampa registra a inauguração da casa de espetáculos em 1917



Cine Clube Paradiso e Museu do Cinema

Em 2011, foi criado o Cine Clube Paradiso, primeiro clube de cinema da cidade, buscando integrar os apaixonados da sétima arte, com a sala Charles Chaplin, do IEEGJ. Além dos vídeos e do cinema, o festival se propõe a debater o uso da

fotografia, do jornal e do rádio nas escolas. Tem realizado oficinas, palestras e oferecido dicas de como criar uma rádio na escola, montar um jornal e trabalhar com fotografia. O festival busca, ainda, parcerias para criar na cidade o Museu do Cinema Gaúcho

e o curso técnico de Produção Audiovisual, buscando, com isso, implementar um polo de produção audiovisual.

Mais informações no IEEGJ, pelo telefone 3480.1328, ou com o professor Valmir Michelin, pelo telefone (51) 99636-7059.

“Não é que eu tenha medo da morte, mas simplesmente não quero estar aqui quando isso acontecer.”

WOODY ALLEN, escritor, roteirista, cineasta e ator norte-americano, cujo nascimento completa 87 anos.

Hoje na história

• Em 1951, nasce o ator, dramaturgo e escritor paulista Welcy Carrasco.

• Nasce, em 1963, o cantor, guitarrista e pianista cearense Lucas Silveira. Ele é vocalista e um dos fundadores da banda de rock Fresno, criada em Porto Alegre.

Terceto

CLÁUDIO JACOBUS FURTADO

Pedi ao mar um canção,
Que me pudesse confortar.
E o velho mar contou-me:
Não, tudo o que sei é ser o mar.

Pedi ao vento um beijo,
Para sei supra me embalar.
E o vento não me disse nada,
O que sabia era ventar.

Quanto mais versos eu invento,
Agora só pensar em ti.
Es o meu canto e meu alento.
É onde eu estou, estás ali.

PIADA

O professor de matemática levanta uma folha de papel e pergunta: — João, se eu dividir essa folha em quatro pedaços, o que eu tenho? — Quatro quartos, professor! — Muito bem! E se eu dividir a folha em mil pedaços? — Papel picado, professor!

HOJE É

Dia Mundial do Combate à Aids,
Dia do Numismata

SANTO DO DIA
Iliô

Há 30 anos

Os 13 milhões de aposentados e pensionistas brasileiros receberam, a partir de hoje, sua parcela da maior verba já liberada pela Previdência Social no país. Os pagamentos são relativos aos benefícios de novembro, à primeira parcela de atrasados aos 147% e ao 13º salário.

Terça-feira,
1.º de dezembro de 1992



Há 40 anos

Nove pessoas morreram em um acidente envolvendo um ônibus e um veículo de carga, em Alegrete, na fronteira oeste do RS. O caminhão teria batido na lateral do coletivo, que ficou completamente destruído. Outros oito passageiros ficaram feridos e foram levados ao hospital.

Quarta-feira,
1.º de dezembro de 1982



Há 50 anos

Duzentos açougues já fecharam suas portas em Porto Alegre devido à greve da carne, com deles apenas no bairro Sarandi. Os comerciantes se recusam a pagar a taxa extra exigida pelos intermediários e ficam sem o produto, o que inviabiliza seu negócio.

Sexta-feira,
1.º de dezembro de 1972



Centro de Documentação e Informação



Almanaque

NOVA FOLHA

CINEMA

Antigo dono do cinema

Cinema fechou em 1977 depois de décadas a serviço da sétima arte na cidade

114.80 anos, em 1977, o cinema de Goiás, pertencente à família Saldes, fez as últimas projeções no prédio na rua São de Senabos, no Centro de Goiás. O prédio foi inaugurado em março de 1907 e, desde então, definitivamente, em 2001, para dar lugar a uma supermercada, foi cenário de importantes momentos políticos e de formação.



CURVAS
José Antônio Cavalcanti



DATAS DA SEMANA

Panorama

Para além de preconceitos e estereótipos



Um novo olhar sobre a diversidade sexual e de gênero, além dos preconceitos e estereótipos, é o tema central da exposição 'Para além de preconceitos e estereótipos', que está sendo realizada no Centro de Arte e Cultura de Goiás. A exposição, curada por [nome], apresenta uma seleção de obras de artistas locais e internacionais, abordando temas como identidade, diversidade e inclusão. O objetivo é promover o diálogo e a reflexão sobre essas questões na sociedade goiana.



cultura

Março marca o início e o fim de uma era do cinema

Há 103 anos, era inaugurado cinema em Pedras Brancas.

Em março de 2002, há 20 anos, o prédio foi demolido.

Foto: Arquivo do Museu



Em março de 2002, prédio acabou sendo demolido para abrigar supermercado

Há exatamente 103 anos, no dia 4 de março de 1917, era inaugurado o Theatro Gomes Jardim na rua Sete de Setembro (ao lado do atual Museu Carlos Nobre). O jornal *O Pampa*, no seu número 11, de 4 de março de 1917, estampava na sua capa a inauguração do espaço construído pelo tenente coronel Manoel Rodrigues Filho. "O nosso entusiasmo duplo é: primeiro, este teatro significa o progresso de Pedras Brancas e segundo, o mesmo é um templo de educação", dizia o jornal na sua capa do diretor proprietário Pery Oliveira. "É forte, gigantesco. É uma obra imponente e que poucas, ou quiza, nenhuma a iguala interior do Estado", diz o texto com grafia da época. Na sua capa, o jornal ressaltava as lindas pinturas internas feitas pelo pintor A. Rabello: "Lindas pinturas ornaram-lhe as paredes, notando-se em derredor da plateia, com uma auréola de flores e circundada-las, galhardões em frescos encantadores de rosa que

se despejam em vestas.". O jornal *O Pampa* ressaltava o proprietário do teatro como sendo um homem de bem. "Se alguém merece o título de philanthropo é nosso homenageado, pois não há quem encontre sua bolsa fechada: seja o maltrapilho e andrajoso, ele acolhe e para estes mais deita seu olhar", escreve.

Mais tarde o cinema foi comprado por Arlindo Stringhini e em 1959, Scalco compra a parte de Stringhini e aumenta a capacidade de 340 para 640 pessoas.

O cinema fechou em 1977 e os equipamentos foram vendidos. O proprietário do jornal *O Guaíba*, Antônio Blaskoski, defendeu na época a compra dos equipamentos e do cinema pela prefeitura, mas isso não ocorreu. Com o fim do cinema, o local foi descaracterizado no passar dos anos, sendo usado para diferentes funções até a demolição em março de 2002, para abrigar um supermercado.

Em outubro de 2002, nasce o primeiro Festival

de Vídeo Estudantil de Guaíba, dando início a uma nova fase no cinema junto às escolas e comunidade. O festival completa 20 anos em 2022 e realiza a 21ª edição. A 20ª edição encerra no final deste mês, marcando a Semana do Cinema Gaúcho, com a divulgação dos premiados do festival.



Em 1977, o cinema fecha e equipamentos foram vendidos. Jornal *O Guaíba* registra na época compra do cinema



Tironz e Scalco, ambos já falecidos

NAS FOTOS: Walter de Oliveira Carneiro (1938 - 2021) mais conhecido por Tironz apelido dado pelos amigos quando trabalhava no Cine Gomes Jardim por se parecer com o ator da época Tyrone Power. Juntamente com Angelo Scalco (Todi) e Eduval Figueiró (Tovar) (foto acima) era responsável por projetar os filmes no cinema.



Jornal anunciava a inauguração em 1917/ Arquivo Miriam Leão



Adauto preservou violino que tocava na época do cinema mudo



Touar foi projetorista



No detalhe, Scalco, com tijolo que era do prédio do antigo cinema, ainda preservado pelo jornalista Valmir Michelon.





22º Festival Nacional de Cinema Estudantil

CinestudantilGuaíba2024



APRESENTAÇÃO

Estamos novamente buscando a parceria da sua empresa para a realização de uma edição do **CinestudantilGuaíba**.



O Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema de Guaíba acontece desde 2002, em Guaíba/RS, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Embora de abrangência nacional e até internacional, o evento busca atualizar—se as mudanças tecnológicas e passou a denominar-se desde 2015, no **Festival de Cinema Estudantil de Guaíba/RS, Mostra Nacional e Internacional de Curtas e Longas, o Cinestudantil Guaíba**.

O festival é pioneiro no Brasil e referenciano debate e uso das novas tecnologias na sala de aula, tendo contribuído no surgimento de novos talentos e um novo olhar sobre a mídia. É um evento que vem ocorrendo ininterruptamente, recebendo a cada ano mais trabalhos de escolas de todo o Brasil e do Exterior.

O evento originou-se dentro de um projeto de sala de aula no Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim. O sucesso do primeiro evento repercutiu, e a partir da segunda edição teve o apoio da Prefeitura de Guaíba.

A cada ano o Festival atinge mais municípios, tendo como foco principal a rede escolar da Região Metropolitana de Porto Alegre, municípios pertencentes à Região Costa Doce e Carbonífera, que integram a 12ª Coordenadoria Regional de Educação, além de abrir espaço para produções de todo o Brasil e até do Exterior.

O Festival, um dos maiores eventos culturais da cidade, tem recebido em médias últimas edições 1700 produções de mais de 100 países das quais são selecionadas e exibidas durante a semana do evento.

Além das exposições, acontece anualmente durante o evento, o Seminário Mídia e Educação, com oficinas e palestras para os educadores e estudantes de magistério, visando prepará-los para o uso destas novas tecnologias.

Todas as atividades do Festival são gratuitas e muitas escolas recebem inclusive transporte, atingindo na última edição mais de 10.000 pessoas. Embora o Festival aconteça somente em novembro, desde março são oferecidas mostras de filmes em escolas e entidades diversas. Também são realizadas oficinas de vídeo e fotografia, buscando oferecer referências básicas da linguagem audiovisual e noções técnicas da utilização do equipamento de captação e edição de imagens.

Guaíba, cidade Berço da Revolução Farroupilha, tem-se transformado no Berço de Novos Cineastas, pois alguns estudantes após participarem do evento seguiram carreira no cinema.

Numa cidade que não possui sequer uma sala de exibição, a Mostra de Cinema oportuniza o acesso de toda a comunidade de Guaíba a filmes nacionais, além de revelar especificidades da linguagem, produção e montagem na área do cinema, contemplando aos interessados em ampliar seus conhecimentos com palestras e oficinas.

OBJETIVOS



- Motivar o exercício da leitura crítica da mídia e a produção audiovisual como atividades pedagógicas vinculadas ao currículo escolar;

-Despertar nas crianças e adolescentes o interesse pela produção audiovisual, tanto como recurso para documentar suas descobertas em relação a temas trabalhados na escola, quanto como possibilidade profissional;

-Oportunizar a exibição e reconhecimento dos trabalhos produzidos no âmbito da escola;

-Oferecer a cidade de Guaíba e região uma alternativa de lazer e cultura com a possibilidade de divulgar a cidade turisticamente.

JUSTIFICATIVA

Vivemos numa época onde a linguagem visual predomina. As imagens fazem parte cada vez mais da vida das pessoas. É preciso além de ensinar o aluno a ler e a escrever, fazer com que ele entenda a linguagem visual, ou seja educar o olhar também faz para do ensinar.

Segundo o autor do livro *Televisão e Educação*, Joan Ferres 'uma escola que não ensina como assistir televisão é uma escola que não educa'.

A educação do olhar é uma necessidade na educação. Rubem Alves dizia que "Já li muitos livros sobre psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação – mas, por mais que me esforce, não consigo me lembrar de qualquer referência à educação do olhar ou à importância do olhar na educação, em qualquer deles. A primeira tarefa da educação é ensinar a ver... É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que nossa alegria aumente".

A produção audiovisual como atividade pedagógica integrada ao conteúdo dos projetos escolares, tem-se revelado um meio eficiente para desenvolver habilidades e competências diversas.

A inserção da produção audiovisual como atividade pedagógica nos currículos escolares, constitui-se numa vitrine para exibição e divulgação dos vídeos resultantes de trabalhos efetuados dentro da sala de aula.

Numa cidade que não possui uma sala de cinema há mais cinco décadas, tem no Cinestudantil, a oportunidade da comunidade ter contato com a Sétima Arte.

ATIVIDADES PREPARATÓRIAS

O Cinestudantil tem atividades preparatórias ocorrem de março a dezembro do ano anterior, onde o Festival realiza atividades preparatórias, como palestras, mostras e oficinas e curso, incentivando educandos e educadores a fazerem uma leitura mais crítica da TV e a produzir seus próprios vídeos. As atividades ocorrem



em Guaíba e cidades que demonstram interesse em conhecer a proposta do festival e dicas de como melhor usar as tecnologias nas escolas.

O Cinestudantil de Guaíba também realiza exposições de curtas-metragens nas escolas da rede municipal, estadual e particular durante o ano. É realizado um grande trabalho de divulgação do evento, de busca e seleção de programação (vídeos, filmes, mostras, palestras, etc.), seleção de jurados, temas dos debates, equipe de apoio e muito mais, estendendo-se até as vésperas do evento.

O Festival conta ainda com a parceria do projeto “Cinema Guaíba” (iniciado no Dia do Cinema Gaúcho, 27 de março), que acontece no Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim, local onde o evento teve origem. A Sala de Cinema exibe filmes de outras mostras e festivais e do próprio Festival e produções convidadas. No local são exibidos filmes para escolas, entidades como APAE, famílias carentes, além de sessões para a comunidade escolar do Instituto Estadual Gomes Jardim.



Oficina de rádio

PROJETO MUSEU DO CINEMA GAÚCHO

Junto ao projeto Cinema Guaíba está sendo constituído um Museu (que pretende no futuro ter um espaço para abrigar a memória do cinema de Guaíba, Região do Rio Grande do Sul) sendo um espaço onde os alunos podem ter aulas sobre a história e a evolução da Sétima Arte. O local já conta com acervo de filmes em super 8, 16mm, além de projetores e filmadoras. Durante o ano busca-se parecerias, documentos e equipamentos e filmes que resgatem a memória regional e gaúcha.





Scalco, dono do antigo cinema de Guaíba



CINE CLUBE PARADISO

Em 2011, foi criado o Cine Clube Paradiso, primeiro clube de cinema da cidade, buscando integrar os apaixonados da sétima arte com encontros quinzenais, nas quartas-feiras, na sala Charles Chaplin, do Instituto Gomes Jardim.

MOSTRASESPECIAIS

O Festival tem estado atento aos outros festivais, mostras e eventos que ocorrem no Estado, Brasil e até no Exterior, buscando trazer para a cidade novidades na área. Guaíba já recebeu mostras do Festival Verão Rs de Cinema, projeto Rodacine, filmes do Circuito SESC, e exibe há mais de dez anos a mostra do Dia Internacional de Animação (dia 28 de outubro), além do Circuito Tela Verde, entre outros.



OUTRAS MÍDIAS: rádio, jornal e fotografia

Além do vídeo e o cinema, o Festival se propõe a debater o uso da fotografia, do jornal e da rádio nas escolas. Tem realizado oficinas, palestras e dicas de como criar uma rádio na escola, montar um jornal e trabalhar a fotografia. Na área do jornal, o festival tem feito parcerias com a Associação dos Jornalistas de Guaíba para oficinas e como melhorar a comunicação interna e externas das escolas.

Na área da fotografia, o Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim realizou por mais 20 anos o projeto “Guaíba Um Olhar Fotográfico”, onde os alunos são estimulados a fotografar a cidade. Projeto segue nas aulas.

As imagens mais criativas foram expostas no Museu Carlos Nobre, no mês em que é lembrando o Dia Mundial da Fotografia 19 de agosto. Dessa iniciativa nasceu o “Guaíba Foto Clube”, primeiro Clube de Fotografia da cidade, fundado em 2002.



ATIVIDADES DO FESTIVAL

Durante Festival Nacional de Cinema de Guaíba, são exibidos os filmes classificados para as mostras oficiais: Mostra Alternativa (produtores independentes, profissionais e universitários) e a Mostra Estudantil que abre espaço para produções de alunos desde a educação infantil até o ensino médio e técnico. O evento exhibe anualmente longas metragens e curtas na mostra internacional. Também são oferecidas palestras, debates, seminário mídia e educação, exposições, apresentação de projetos do uso da mídia em sala de aula e mostra de filmes. Anualmente o festival presta homenagens a pessoas que contribuíram com o cinema em Guaíba e no Estado. Já foram homenageados os cineastas Paulo Nascimento, Jorge Furtado, Carlos Gerbase, Antônio Textor, Ivo Czamaski, a família Scalco (proprietária do primeiro cinema da cidade), ao ex projetorista do cinema de Guaíba, Eduval Figueiró da Costa (Tovar), ao apresentador Domício Grilo, o projeto Curtas da RBS, o ator Sirmar Antunes, ator Leonardo Machado e seu Camilo (in memoriam), entre outros.

Os filmes destaques recebem o Troféu Gomezito, alusivo a árvore símbolo da cidade e patrimônio do RS e a Gomes Jardim, escola onde começou o evento. Todas as atividades oferecidas pelo Festival são gratuitas e visam atingir as escolas mais



carentes de Guaíba e Região, tornando-se também uma alternativa de lazer a toda a comunidade.

Informações

cinestudentilguaiba@gmail.com

996167059-Valmir Michelin



Em Gramado, Educavideo

Festival já esteve no Uruguai

Exposição no Museu





Divulgação na TVE

Na Globo, quadro 'Meu professor é o cara' em 2015.





Uruguai presente no festival de Guaíba





Na revista Nova Escola





Memoria do cinema





Prêmio Novas Façanhas do Governo do RS e Festival de Cinema de Gramado. Entrega pela Secretaria de Cultura do RS e Iecine e Festival de Gramado.





Links de vídeos:

<https://globoplay.globo.com/v/4033484/>

<https://www.instagram.com/p/Cxo0Rt6rWdO/>

<https://www.youtube.com/watch?v=jT0oZH4erns>

<https://www.facebook.com/ReporterGuaibense/videos/papo-guaibense-os-quase-20-anos-do-festival-de-cinema-estudantil-de-gua%C3%ADba/305299274072172/>





- 20 ANOS -

Festival de Vídeo

Estudantil de Guaíba

MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS

Um livro por:
Josias Pereira
Dayara Franco
Rita Martins Vilela



Josias Pereira, Dayara Franco, Rita Martins Vilela

- 20 ANOS -

FESTIVAL DE CINEMA ESTUDANTIL DE GUAÍBA:

MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS

Editora

Rubra Cognitiva

Copyright © 2022

Josias Pereira, Dayara Franco, Rita Martins Vilela.

Capa

Rita Martins Vilela

Colaboração

Mike Bessa Dilelio

Diagramação e Revisão Pedagógica

Eliane Candido

Formato e Veiculação Digital

ISBN - 978-65-87148-03-8

Pelotas/RS, 2022.

PLL 038/2025 - AUTORIA: Ver. Manoel Eletricista
VERIFIQUE A AUTENTICIDADE EM <https://www.camaraguaiba.rs.gov.br/portal/autenticidadepdf>
CODIGO DO DOCUMENTO: 028854 CHAVE DE VERIFICACAO DE INTEGRIDADE: 2717C08C5F674FCAFA7AE6B625079BB8



Sumário

Prefácio: 1º Festival de Vídeo Estudantil do Brasil	3
1 O Cinema e a Memória Social	7
1.1 A relação das vivências pessoais dos professores com o cinema.....	10
1.2 Produzir vídeo desperta a nossa memória.....	13
2 O Festival de Guaíba	15
3 Os produtores de conteúdo	21
3.1 Quem são os personagens?	22
3.2 O festival na visão dos professores	23
3.3 A Produção de Vídeo Estudantil na visão dos alunos.....	48
4 De aluno a professor	53
5 Carta de um professor apaixonado	68
6 Criando Memórias	69
6.1 O MacGiver da vida real	70
7 A Visão do Criador: com a palavra, prof. Valmir	75
Referências	82
Anexos	83
Anexo A - Imagens do festival de 2002 a 2020	84



Prefácio

Festival de Cinema Estudantil de Guaíba: o 1º Festival de Vídeo Estudantil do Brasil

A produção de vídeo é uma realidade da sociedade atual. Hoje, os jovens, através de celulares e tablets, realizam gravações de vídeos, exibindo-os em redes sociais. Mas podemos pensar qual foi o primeiro festival de vídeo estudantil do Brasil? Como se iniciou essa ação de fazer vídeo dentro do espaço escolar? Qual é e qual foi a principal motivação?

Desde a década de 1920, pesquisadores como Roquette-Pinto defendiam o uso dos meios de comunicação na sala de aula, na época, representados pelo rádio e o cinema. O Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), de 1936, foi a primeira ação governamental na relação Cinema e Educação. Roquette-Pinto acreditava que essas tecnologias iriam ajudar a educar o povo que morria por falta de informação básica.

No século XXI, devido à globalização, os recursos para produção audiovisual digital se tornaram bastante acessíveis e, com a evolução tecnológica, essa ação foi se intensificando. Várias escolas trabalham com filmes e algumas avançam nesta relação, produzindo seus próprios vídeos de forma incipiente tecnicamente, mas de forma que o aluno se comunique, apresente o seu ponto de vista sobre a vida e o mundo.

A produção de vídeos apresenta-se como uma alternativa que possibilita a mudança de ação do aluno/professor de mero espectador para criação e autoria. A transposição de mero espectador de conteúdos audiovisuais para a de produtor audiovisual é uma realidade em algumas escolas, o que deixa alguns professores com medo do que os alunos irão realizar. Anteriormente, em determinados momentos, o vídeo era apenas um recurso que servia para mostrar a escola como um espaço bucólico e angelical. Contudo, quando os alunos começaram a ter voz dentro da produção de vídeo o bucólico fica de lado e entra a realidade social que esse aluno vive dentro da sociedade, uma vez que a produção de vídeo estudantil é



do aluno e não da escola. E a função do docente é ajudar este aluno a criar o seu ponto de vista fazendo uso desta tecnologia.

- Mas onde está a parte pedagógica do fazer vídeo?

Essa é uma pergunta que alguns despercebidos das relações educacionais podem estar se questionando. Porém, a parte pedagógica está, justamente, na **intencionalidade** de fazer o vídeo que vale pelo seu processo como um todo e não pelo produto final. O processo é a primeira quebra de realidade em relação ao vídeo, pois a intenção pedagógica de como o docente organizou as ações para trabalhar algum conceito do currículo, seja ele formal ou oculto, é uma das principais ações da produção de vídeo estudantil que, segundo Pereira (2018), trabalha conceitos fora do currículo formal, o chamado currículo oculto, uma vez que ele é tão importante quanto o currículo formal para a formação do ser humano.

A escola tem hoje a possibilidade de não ser apenas reprodutora e/ou consumidora de imagens. A ela cabe estimular o aluno a criar e buscar novos conhecimentos, apropriando-se deles *com* e *através* das novas tecnologias. Os programas de inserção das tecnologias nas escolas ficam, na maioria das vezes, voltados apenas a colocar computadores nas instituições de ensino, no entanto, também devem agregar filmadoras, máquinas fotográficas e celulares, contribuindo com uma nova alfabetização: a imagética.

A alfabetização da imagem deve ser conteúdo debatido nas escolas, em diversas áreas do conhecimento. As escolas estão aos poucos sendo equipadas com tecnologia, mas será que os professores trabalham com esta tecnologia disponibilizada?

Sobre a alfabetização imagética, Barbosa (1991), declara:

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa, e através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento (BARBOSA, 1991, p. 27).

Na mesma linha de Barbosa (1991), Betto (2006) reafirma que é necessário que a escola eduque o olhar do aluno. No artigo “Educação do Olhar” (2006), o autor apresenta a diferença entre a escola e a TV. Segundo ele, a escola se



esforça, ao menos teoricamente, para formar cidadãos, e a TV para formar consumidores. A produção de vídeo é uma ação que contribui para educar esse olhar sobre os meios de educação dentro do espaço escolar.

Imagino em sala de aula os alunos analisando programas de TV e clipes publicitários; transformando o jogo de emoções em objeto da razão, decodificando os conteúdos dos programas e a carpintaria televisiva. (...) (é preciso) educar o olhar. E, assim, dar importante passo rumo à democratização dos meios de comunicação, pois instituições de ensino também devem ter suas rádios comunitárias e produzir vídeos. Só um olhar crítico nos abre o horizonte da cidadania e da democracia real (BETTO, 2006, p. 02).

Podemos ampliar a visão de Betto, pois hoje não são apenas debatidos programas de TV comercial, mas as redes sociais e também os vídeos feitos por alunos. Nosso Cineclube Estudantil é um espaço onde temos cadastrados curtas-metragens de alunos de Educação Básica para que professores e alunos possam ver e debater a visão de outros alunos e não apenas a visão de um filme comercial.

O jovem de hoje está na Internet, está no celular e, assim, tem uma realidade de informação completamente diferente da sala de aula tradicional. A tecnologia contribuiu para que eles se apropriem de novas maneiras de se comunicar, novas formas de trabalhar e novos modos de acessar o conhecimento.

Não podemos esquecer que o homem, ao atuar “sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 1985, p. 49). Assim, não podemos negar as mudanças sociais e tecnológicas que alteram a maneira de ser e a forma como os indivíduos se relacionam. Essa ideia foi defendida por Babin e Kouloundjian (1989), ao declararem que “a invasão das mídias e o emprego de aparelhos eletrônicos na vida cotidiana modelam pragmaticamente um outro modelo de comportamento intelectual e afetivo” (BABIN, KOULOUNDIJIAN, 1989, p. 11).

Segundo Pereira (2014), a escola pode buscar respostas aos novos desafios da sociedade, pois vivemos em um tempo histórico e social em que a imagem é um espaço de socialização e a comunicação entre os alunos se amplia com a produção de vídeo estudantil. Proponho a produção de vídeo na sala de aula, pois gera prazer para alunos e professores, possibilita troca entre os sujeitos, contribuindo na formação do cidadão, além de conteúdos que trabalhem a alteridade (pensar o outro).



Essas ações são elementos encadeadores de outras ações na escola que visam uma sociedade mais igualitária e humana. Considero que a produção de vídeo influi no processo educacional, porém, é preciso saber de que forma isso acontece e, dessa forma, podemos analisar estes 20 anos do 1º festival de vídeo estudantil do Brasil: **O Festival de Cinema Estudantil de Guaíba**, da cidade de Guaíba, no Rio Grande do Sul. Aqui defendemos que este foi o primeiro festival a se dedicar, especificamente, a produção de vídeo feito por estudantes. Outros festivais comerciais abriram um pequeno espaço para se debater vídeo feito por estudantes, sendo o foco o cinema e vídeo comercial e não o vídeo estudantil.

Assim, Guaíba sai na frente e inicia o projeto de forma inovadora com um aluno fazendo um vídeo e professores pensando na ação pedagógica deste processo, como ocorreu com o professor Valmir, idealizador do Festival de Cinema Estudantil de Guaíba que, desde 2001, organiza um festival de vídeo estudantil. Neste livro tentaremos compreender essas ações pedagógicas que este festival ajudou a organizar e como duas décadas depois este festival foi a inspiração de vários festivais de vídeo estudantis no Brasil e, principalmente, no estado do Rio Grande do Sul que, por coincidência ou não, é o estado brasileiro que mais tem festivais dedicados a vídeo feito por estudantes.

Guaíba foi o berço da Revolução Farroupilha e, também, o berço de outra revolução silenciosa, a da produção de vídeo estudantil, que tira o aluno da educação bancária e o coloca como agente mediador do seu processo educacional.

Valmir é mais um professor que sonhou, que ousou a fazer algo diferente mesmo que a academia não tenha ainda reconhecido a produção de vídeo como ação pedagógica, o professor Valmir sim, sabe que é uma ação pedagógica, cultural e social que ajuda a melhorar a educação de jovens que vivem em um mundo diferente do que a academia imagina. Parabéns, Guaíba e ao professor Valmir por iniciar e manter o 1º festival de vídeo estudantil do Brasil há 20 anos em execução.

Josias Pereira

Pelotas, setembro / 2021.



1 O Cinema e a Memória Social

Estudantes de todo o país que já passaram pelo Festival de Cinema Estudantil de Guaíba carregam memórias afetuosas do local e, conseqüentemente, reassistir aos seus filmes e de colegas trazem lembranças que existirão para sempre no formato físico, como no caso do produto audiovisual. O cinema estudantil não trata o vídeo final como "produto", ao contrário do cinema comercial, já que na construção de um vídeo dentro do espaço escolar a pedagogia se centra no processo e não no resultado do vídeo final, como informa Pereira e Janhke (2012).

Com 20 anos de história é impossível não afirmar que o **Festival de Cinema Estudantil de Guaíba** já carrega em si milhares de histórias e memórias de pessoas que por ali passaram. Não somente dos alunos que aparecem na tela, mas também dos professores que mesmo “atrás das câmeras” participaram dos projetos, como dos pais e responsáveis que apoiaram e ajudaram seus filhos durante o processo, ressurgindo lembranças da cidade (na época) e do local onde gravaram aquele filme. Portanto, podemos afirmar que são infinitas as memórias construídas durante esse processo de gravação, tanto individual quanto coletiva.

É que a película fixa necessariamente a obra de arte no seu contexto histórico e social (o último banho fotográfico é chamado, exatamente, de “fixador”). Não são somente os objetos, os costumes, a maquiagem, os mil detalhes datando o espaço em volta do homem que nos incomodam na nossa participação no drama, é o homem ele próprio, intérprete da sociedade através do menor de seus gestos, sua maneira de andar ou sorrir. A sinfonia ou a tragédia nos seguem de nossa infância à nossa velhice, sua eternidade não cessa de nos ser contemporânea. O filme, ao contrário, continua, por sua natureza mesma, ancorado à duração do seu nascimento. Na camada de gelatina não se conserva senão o tempo fóssil (BAZIN, 2016, p. 190).

André Bazin (2016), trata da película uma vez que seus escritos são de quando não existia ainda o cinema digital, mas, com 20 anos de história, o Festival passou por muitos formatos tecnológicos até chegar, na atualidade, ao formato completamente digital do século XXI.



[...] Então, hoje é muito fácil né! Tem celular, mas há 20 anos atrás, era preciso um computador de edição, não era todo mundo que tinha, eu fui ter um computador de edição muito tempo depois, com uma placa de vídeo boa, enfim, era só no videocassete mesmo, era muito mais difícil (MICHELE VILLANOVA, 2021).

[...] Quando a gente fez nosso primeiro filme, em 2005/2006, nós não tínhamos nem câmera, quem nos emprestou a câmera - aquelas hi8 na época, ia uma fita que chamava assim, uma fitinha analógica semidigital, mas analógica ainda - foi o prof. Valmir! Ele emprestou a câmera pro meu amigo que era aluno dele e nós nos juntamos e fizemos o filme (EDUARDO, 2021).

Além destes relatos serem muito contextualizadores em relação ao início do Festival, eles também trazem as memórias de como os filmes estudantis aconteciam em meados dos anos 2000 a 2006. A dificuldade é notada em ambas as falas, já que na época não existia tanto acesso à tecnologia quanto existe hoje, mas mesmo com as adversidades, o Festival, encabeçado pelo professor Valmir, citado na fala de Eduardo, pode prosperar ainda mais, pois agrega enorme importância na história cultural da cidade de Guaíba, na vida desses alunos e, também, na história do cinema estudantil brasileiro.

Talvez uma pergunta que podemos realizar é porque estes professores, mesmo sem capacitação em sua graduação, iniciaram essa ação de produzir vídeo dentro do espaço escolar?

Para o cinema estudantil ocorrer é necessário que exista um professor/tutor disposto a ajudar os alunos na aprendizagem de uma nova ferramenta, sabemos que hoje em dia o acesso ao celular e aos vídeos de plataformas como o *YouTube* é cada vez mais comum entre crianças e adolescentes que estão no ensino fundamental, mas o que motiva esses professores a trazerem o assunto para dentro da sala de aula?

Nas graduações de licenciaturas não existe - ainda - muito incentivo ao uso de ferramentas educacionais voltadas às tecnologias, como por exemplo, à prática de fazer vídeo. Nas grades curriculares não há uma cadeira/disciplina que ensine os professores a utilizar a tecnologia ao seu favor em suas aulas. Então, naturalmente surge a questão: como esses professores produzem vídeo estudantil sem terem tido uma formação adequada? O que os motiva e os leva a produzirem vídeo estudantil com seus alunos?



Foi possível, a partir da pesquisa, perceber que estes professores nutriam o interesse no audiovisual desde muito cedo, na infância, estimulados por pais e parentes e, ao chegarem na graduação, trouxeram este interesse para sua profissão de educadores. Como foi verificado por Pereira (2007) na sua dissertação que analisou professores que produziram vídeo na cidade do Rio de Janeiro com seus alunos. Segundo o pesquisador, o que motivou estes professores a realizarem vídeo no espaço educacional foi justamente a sua socialização primária, ou seja, sua ligação com o cinema na sua vida social e cultural.

A maioria dos professores que participaram do início do **Festival de Cinema Estudantil de Guaíba** cresceu em uma época em que o cinema e o audiovisual não eram tão acessíveis quanto é nos atuais. Mesmo assim, esses professores sentiram a necessidade de se aprofundarem no assunto. Já que tiveram pais e parentes que os incentivaram a correr atrás de seus interesses, eles também desempenharam esse papel estimulador na vida de seus alunos, ajudando-os e apresentando-os ao mundo do vídeo estudantil. Esse papel tocou, significativamente, a vida de muitos alunos ao longo dos anos, pois há relatos de professores que afirmam que suas ações diferenciadas através do uso do vídeo estudantil, acabaram por serem cruciais na escolha das profissões que os alunos seguiram, formando cineastas, técnicos audiovisuais, professoras(es) de artes plásticas, dentre outras formações que dialogam com a Sétima Arte.

Quem de nós já não teve um professor que foi um mentor, aquele que nos fez pensar na vida, a refletir sobre o que somos e o que queremos para o futuro? Repensar a nossa realidade é uma das funções da educação, para além da simples ação educacional.

Esses professores, então, acabaram tendo que procurar formações por conta própria, fora da graduação, já que esta - muito frequentemente - não proporciona aprendizagens interdisciplinares com base na produção de vídeo ou, até mesmo, ajudando e ensinando as tecnologias necessárias para lidarem com o tema em sala de aula. Neste sentido, o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba oferece oficinas para os professores que querem aprender a usar tais ferramentas, pois tem consciência de que para a produção de vídeo estudantil adentrar a escola é necessário que o professor tenha capacitação técnica para desenvolver tal ação. E, paralelamente, propõe a capacitação pedagógica do uso desta tecnologia.



A seguir, apresentamos alguns relatos¹ da vida pessoal de professores que sempre se interessaram pelo cinema e, foi justamente esta característica e carinho, que os fez trazer o cinema para suas aulas.

PATRICIA - *Eu sou uma pessoa extremamente curiosa e sou apaixonada por cinema. Adoro cinema. Meu sonho desde pequena era ser atriz.*

EDUARDO - *Sou natural da cidade de Guaíba. A cidade já teve cinema, depois ele foi desativado e agora o prédio onde se encontrava já não existe mais. Eu nasci no ano de 1990 e esse cinema já não funcionava na cidade, tanto que a primeira vez que eu fui em uma sala de cinema foi em Porto Alegre (POA), né, do ladinho de Guaíba. Eu já devia ter uns 9 ou 10 anos, hoje em dia as crianças já vão cada vez mais cedo, mas eu demorei pra ir ao cinema, então eu acho, tenho certeza na verdade, que meu primeiro grande contato com o audiovisual foi a televisão.*

INÊS - *Cinema sempre foi muito lindo. Sempre me atraiu muito. Eu nasci na cidade de Viamão, depois de moça vim morar em Guaíba. Lá em Viamão tínhamos o cine radar. Eu sou a mais velha de 4 irmãos, estávamos sempre juntos. No domingo de tarde meu pai nos dava dinheiro para ir ao cinema que ficava à uma quadra da nossa casa, ia com meus irmãos assistir os filmes. Os filmes que eu adorava eram os do Teixeirinha. Eu vi todos eles.*

JANAÍNA - *Apaixonada a vida inteira. O cinema fez parte da minha infância. Tinha uma tia muito querida que morava em POA. Ela nos levava ao cinema pra ver Os Trapalhões. E agradeço muito a ela, a essas memórias de infância que eu tenho. Sempre fui apaixonada por filmes, depois eu fui crescendo e continuei cada vez mais apaixonada.*

Percebemos nas falas a parte emocional e da memória retratada nesta relação que tiveram com o cinema e como o fato de irem assistir filmes no cinema. Este, com certeza, foi o primeiro passo para o fazer cinema ou vídeo!

1.1 A relação das vivências pessoais dos professores com o cinema

A produção de vídeo estudantil em sala de aula traz inúmeros benefícios para os discentes e docentes, que vão se multiplicando e acentuando com o passar dos anos, ou seja, quanto mais contato o aluno tiver com a produção ao longo de sua formação na educação básica, mais aprendizados ele terá. Um dos principais

¹ Todos os relatos e entrevistas descritas neste livro foram concedidas no ano de 2021.



valores que este aluno irá aprender refere-se ao saber ouvir o outro, respeitar o ponto de vista dos demais membros do grupo, trabalhar colaborativamente, interagir, participar e cooperar. Viver em sociedade não é algo simples, mas necessário para nossa sobrevivência, portanto o primeiro passo é respeitar as diferenças e opiniões de todos.

Os benefícios e aprendizados da produção de vídeo estudantil são visíveis em alunos que participam de projetos onde a escola procura manter a continuidade desta ação, pois ano a ano podem adquirir novos saberes com a experiência e prática da produção audiovisual. Produzindo vídeos todos os anos é possível notar as mudanças pessoais dos alunos e também na melhora da qualidade da produção que eles mesmos acabam trazendo. Quanto mais tempo e mais cedo eles iniciam no projeto, mais avanços têm - ao longo dos anos - nas qualidades técnicas e estéticas do filme. Fazer vídeo é uma forma do aluno poder trabalhar a sua sensibilidade estética e poética, apresentando para o mundo os signos internalizados durante a sua vivência social.

Além disso, é possível perceber como muda a postura dos alunos. Eles passam a ser mais responsáveis com suas ações e com os colegas, se portam com mais cuidado à frente da sala, sua dicção melhora, muitos acabam perdendo a timidez e aprendem a conviver de forma mais amigável com os colegas. Como aponta Pereira e Dal Pont (2018), a produção de vídeo proporciona, entre tantas coisas, debater o currículo formal e o não formal.

O vídeo também tem sua característica documental e histórica, sendo assim, para estudarmos algum comportamento de determinada cultura podemos recorrer ao cinema a fim de nos aproximarmos da realidade daquele local, portanto o documentário é um gênero que ajuda muito nesta perspectiva. Com o vídeo estudantil não é diferente, pois tudo que já foi produzido em determinado momento com os alunos, em um futuro não tão distante, se tornará a memória de uma época da comunidade escolar que, aos poucos, foi se modificando com a modernidade e com a entrada de novos alunos, mas se recorrermos aos vídeos feitos anteriormente será possível ver aquela realidade escolar novamente.

Como o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba já tem 20 anos, então, você consegue imaginar quantas memórias e histórias o festival ajudou a criar?



Além da construção de memória coletiva da escola, do corpo estudantil e da cidade onde os vídeos foram gravados, abre-se um destaque ao acompanhamento da evolução dos estudantes. Se estes alunos gravam um ou mais vídeos por ano durante vários anos, acabam tendo em mãos uma representação e memória que levarão para o resto de suas vidas, podendo, muitas vezes, se verem crescer e amadurecer em tela. Imaginemos um aluno que começou a produzir vídeos já nos anos iniciais do ensino fundamental e seguiu produzindo até seu ingresso ao ensino médio. Com certeza, este aluno terá um rico material em mãos de nove anos de sua vida e de seus colegas documentados em vídeo.

Particularmente, estes vídeos terão um valor imensurável para o aluno, pois além de ver seu crescimento físico e como pessoa (altura, voz, postura diante da câmera, manuseio de ferramentas tecnológicas, valores, interação, socialização, etc), ele poderá ver o quanto a sociedade ou aquela comunidade mudou e quanta coisa aprendeu durante esses nove anos. Tudo isso e muito mais, guardados em vídeos que poderá rever, visitar e mostrar aos seus amigos, parentes, pais, filhos e a quem quiser e quando quiser!

Produzir um filme, gravar, editar e todo o processo ligado à produção de vídeo estudantil possibilita laços inquebráveis das pessoas com a sua obra. Quando a gente realiza um vídeo é como se parte de nós tivesse sido depositada naquela obra, uma parte da nossa energia fica ali gravada para ser revisitada em um futuro longínquo ou próximo. Com os estudantes não é diferente, afinal, eles passam por um processo muito mais intrincado quando são envolvidos na produção de vídeo, pois eles aprendem conforme produzem, se esforçam, pesquisam, conforme dão seu melhor para conseguir fazer um vídeo que condiz com as suas expectativas e com a sua imaginação. Ao fazer isso os estudantes acabam se aproximando do vídeo de forma íntima, com esse sentimento de que parte de si, de seus ideais e ideias foram depositados naquele trabalho, sendo uma representação de quem ele é naquele momento. Produzir um vídeo é conhecer um pouco de seus medos e sonhos já que precisa deles para poder criar.



1.2 Produzir vídeo desperta a nossa memória

A memória está ali o tempo todo, em momentos nos lembramos de algo ao ouvir certo som, sentir certo cheiro ou até ao tocarmos algo, com a visão é a mesma coisa. Não há como negar que somos arrebatados por emoções quando revisitamos fotos antigas de família, de amigos, pessoais, lugares: fotos e vídeos antigos despertam, vividamente, um momento em nossa memória, congelado no tempo, para sempre revisitarmos quando sentirmos saudades. Ao produzir vídeo nós estamos congelando no tempo um momento da nossa vida, preservando-o para sempre com imagens em movimento, o som da nossa voz e de quem estiver na tela, a forma como nos comportávamos na época e muitas outras questões que só serão visíveis a quem estiver ligado pessoalmente àquela imagem. Reviver momentos da sua vida com os vídeos produzidos na escola é uma experiência enriquecedora. Você pode lembrar de amigos, de lugares, de momentos da sua vida sempre que quiser, além disso, rever um vídeo que você produziu quando tinha apenas 13 anos pode render gostosas gargalhadas e momentos inesquecíveis. Rever como você era, como falava, entre tantas outras coisas. Como vimos, a produção de vídeo possibilita, dentre tantas ações pedagógicas, a criação de memórias.

Ao produzir vídeos as escolhas dos alunos são, constantemente, colocadas à prova, principalmente, no que diz respeito ao tema de que o vídeo tratará. O vídeo não pode, para cumprir com seu ideal pedagógico, ser um desserviço, ou seja, não trazer informações corretas ou trazer uma mensagem ambígua, por isso, durante todo o processo deve-se instigar a responsabilidade do aluno e o compromisso com a verdade. Fazer com que o aluno se atente ao tema escolhido, à forma como será apresentado e desenvolvido para que não seja manipulador ou que traga um viés errado ao espectador. Este cuidado não impacta somente no vídeo final, mas também, na forma em que os alunos passarão a ver televisão, vídeos e qualquer produto audiovisual que eles consumam: ficarão mais atentos às falácias e as fakes news, problema tão atual e complicado de lidar que poderia ser facilmente contornado se fosse possível educar os cidadãos sobre como analisar as formas de mídias, a fim de perceberem quando estão sendo enganados.



A responsabilidade não é somente exercida para com o plano maior de como o vídeo final ficará e sobre o tema, mas também é muito exercida nos grupos, uma vez que os estudantes fazem sempre os seus projetos de forma coletiva, pois o cinema é uma arte coletiva, então, os alunos precisam se responsabilizar com aquilo que foi combinado dentro de seus grupos, lembrando de seus compromissos com outros e, conseqüentemente, exercendo a coletividade e a noção de que devem ser solidários sempre que possível. Todas estas questões são formadoras de sujeitos críticos e responsáveis que sairão da escola atentos às ações socializantes, terão mais facilidade em adentrar na vida adulta, a se tornarem pessoas mais humanas, sociáveis e comunicativas, que sabe ouvir a opinião do outro, dialogar e respeitar o ponto de vista de todos.

Quando o aluno escolhe um tema para o seu vídeo, intrinsecamente este tema está ligado à realidade do aluno. É por isso que dizemos que quando o estudante faz um vídeo ele coloca um pouco do seu universo simbólico dentro da história, seja com maior ou menor fração. Memória e criação de tema estão interligadas, pois uma estimula a outra, o que está na minha memória é o que eu vou tentar falar em um vídeo ou tentar responder.



2 O Festival de Guaíba

Um festival que perdura durante 20 anos certamente está apoiado em bases sólidas. Sejam bases firmadas por parcerias, por força de vontade dos professores ou pela curiosidade dos alunos. Ao longo de duas décadas é de se esperar que muita coisa aconteça e, conseqüentemente, muita coisa mude. Percebemos que os festivais de vídeo estudantis têm à frente, na maioria de suas ações, um professor que acredita neste processo e de forma herculana organiza este festival, mesmo contra alguns professores que acham que ele está querendo apenas aparecer.

O professor Valmir pode ser caracterizado como aquele que criou o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba em 2001 e, até o momento está à frente do festival, inclusive, muitas vezes, é confundido com o próprio festival como se ambos fossem uma coisa só. Uma cidade da região metropolitana do Rio Grande do Sul, cerca de 30km de distância da capital Porto Alegre, uma cidade sem cinema, com aproximadamente 95 mil habitantes, teve um professor que um dia pensou: Por que não realizar um festival de vídeo estudantil?

Vivemos em sociedade e isso nos possibilita várias trocas de ações e práticas que vão muito além do compartilhamento de informações. Num primeiro momento, o professor Valmir teve o tino de pensar o festival de vídeo estudantil na escola, depois pensou para a cidade de Guaíba e, posteriormente, em um festival de nível nacional. Mas, como será que tudo isso começou? Qual a relação que MacGiver Silveira - o aluno, não a série de TV - tem com a criação dos primeiros vídeos no Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim?

Valmir talvez fosse capaz de imaginar, ou não, a dimensão que o impacto da criação deste festival iria alcançar e transcender as barreiras do cinema tipicamente conhecido na época como algo distante da realidade. Em 20 anos centenas de alunos passaram pelas escolas de Guaíba e conheceram o então Festival de Vídeo Estudantil, que mais tarde se tornaria o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba. O festival foi se modificando, juntamente, com a sociedade nestas últimas décadas!

Para compreender um pouco mais sobre como este festival foi sendo modificado e acrescentado na sociedade guaibense e no Brasil, perguntamos a



alguns professores atuantes no festival os seguintes questionamentos: a) como foi o contato com a tecnologia e cinema dentro e fora da escola? b) de onde surgiu essa coragem para que, em pleno ano de 2001, assumissem a responsabilidade de tentar fazer vídeo com seus alunos mesmo sem nenhuma capacitação técnica?

Todos os professores entrevistados possuíam vínculo com o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba em algum momento, durante estes 20 anos de existência. Cabe destacar, que nenhum destes profissionais tiveram a tecnologia presente na sua formação acadêmica ou na educação básica. Então, por que fazer vídeo com os alunos?

O cinema é uma arte coletiva, portanto, parte do princípio da colaboração. Dificilmente se faz um filme sozinho e, se o faz, ele não termina onde começou. Além disso, o cinema pode ser olhado por diversas óticas como a história e a antropologia, por exemplo. O filme é feito para si ou para o outro? De acordo com a visão do educador Álvaro Adib, com formação em Antropologia e trabalhando com alunos da Educação Especial, relata os motivos que o levou a trabalhar com educação e, posteriormente, com o vídeo estudantil, ou seja, o cinema foi capaz de proporcionar no âmbito educacional uma experiência para além das telas e do puro entretenimento. Foi uma ferramenta para que este professor, e tantos outros, pudesse proporcionar aos seus alunos um veículo de sua própria voz. Contando suas histórias, mostrando o mundo da sua própria perspectiva, através de um registro audiovisual, como uma ação transformadora e que pudesse ser levada adiante, não somente pelo professor, como nos ensina a pedagogia da autonomia:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na sua busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o meu dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 2010, p. 83).

Freire (2010), no seu livro a “Pedagogia da Autonomia”, traz provocações que impulsionam realizar uma leitura crítica da realidade entre alunos e professores, entendendo a importância da consciência crítica e reflexiva de ambos e de suas posturas autônomas na construção do conhecimento. Estas reflexões e considerações propostas pelo autor permitem visualizar e provocar aproximações com o campo de produção de vídeo realizada por alunos.



A seguir, trouxemos alguns relatos dos professores que vivenciaram o festival de Guaíba, como o professor Álvaro Adib que conheceu o festival no ano de 2005 e informou que:

Minha namorada foi estudar em Porto Alegre e eu comecei a visitá-la várias vezes no ano e acabei morando em Porto Alegre depois. Mas no primeiro ano eu ia uma vez por mês. Um dia, na Usina do Gasômetro, eu encontrei um panfleto onde havia informações sobre o festival de Guaíba e escrevi pra eles. Conteí que trabalhava com crianças com deficiência e o Valmir me convidou para apresentar os filmes, fomos selecionados e fomos com uma turma de alunos. Foi uma experiência incrível para eles e para mim, assim como para outros colegas que foram junto. Foi aí que passei a reconhecer a importância dos festivais nesse processo de criação. Tinha muita gente trabalhando na arte, mas era algo de “gueto”, as coisas ficavam muito perto do espaço onde tinham sido criadas... então, ninguém sabia que as crianças com deficiência faziam cinema. E foi casualidade quando encontrei o flyer e descobri o festival de Guaíba. Foi muito importante para eu ver a importância de fazer circular os conteúdos e trocar experiências. A gente aprendeu muito com essa experiência. Acho que foi algo que mudou em vários sentidos. Dali pra frente comecei a incorporar essa parte de acabar o processo de criação audiovisual em um festival. Algumas vezes voltamos para Guaíba, mas aí começamos a ir a outros festivais na região. Foi muito interessante quando começamos a sair, encontrar outras pessoas, formar redes e trocas... são muito benéficas para o processo educativo. A comunicação tem muito a ver com este processo. Você não pode pensar educação sem pensar em comunicação. É imprescindível que os alunos possam trocar experiências como parte do processo educacional. As coisas não podem acabar somente na experiência da aula... até podem, mas são mais potentes quando se consegue tirar isso da sala de aula e trocar com pessoas diferentes. É mais poderoso! (ADIB, 2021).

Há 20 anos o Festival de Guaíba impacta não somente a cidade na qual ele foi concebido, mas transcendendo as barreiras das salas de aula e inclusive da fronteira do nosso país. É visível nos depoimentos colhidos o empoderamento do aluno e a força que a voz dele possui dentro da escola e de sua comunidade, através da arte do cinema, neste caso, do vídeo estudantil.

A professora Michele Villanova (2021) foi uma das primeiras alunas a fazer um vídeo dentro do Instituto Gomes Jardim, antes mesmo da criação do festival pelo professor Valmir. Ela comenta, assim como o professor Álvaro, sobre a invisibilidade de alunos vulneráveis:

Eles se sentiam muito bem, eles tinham voz, eles podiam falar dos temas que queriam, podiam construir, se sentiam o máximo em ir para o festival e ver o trabalho deles, e das pessoas os reconhecerem. Pessoas que moram em vilas, elas são invisíveis. E o menino que está ali catando lixo? Que passa e ninguém vê! O menino que tá trabalhando em obra e também ninguém vê. É o mesmo aluno rejeitado na escola, porque ele não sabe ler, não sabe escrever, não sabe nem como tá passando de ano. Então ele já tá ali esperando, pensando quando ele vai abandonar a escola, é essa a



realidade das vilas e periferias. Então, fazer vídeo é um trabalho que com certeza ajuda os alunos. Dos alunos que eu consegui manter, porque alguns infelizmente eu perdi para as drogas, outros para o tráfico... alunos que eram fantásticos, que tinham potencial imenso, que gravavam com muita facilidade, estavam sempre dispostos, mas a gente não consegue todos, é muito forte essa tendência lá. Assim como também muitos eu sei que não foram por esse caminho porque enxergaram no vídeo uma oportunidade. A minha turma tinha quatro pessoas e aí é necessário fazer alguma coisa para motivar essa galera. Então, eu lancei a ideia do canal, a gente já fazia alguns vídeos né, esporádicos, e já tinha ganhado prêmios no festival de Guaíba. Lancei essa ideia, - vamos fazer uma coisa mais concreta, vamos fazer um canal! Depois disso, eu passei a ter uma média de 15 alunos pra 20, porque o projeto era aberto à comunidade. Olha quanto motiva uma criança, um jovem, esse tipo de trabalho né! Por que a gente precisa fazer o troço ser chato? Se a gente pode fazer a mesma coisa de uma maneira divertida em uma linguagem que eles gostam? E outra coisa que eu acho interessante de comentar: a gente falava de um assunto e gravava sobre aquele assunto, como por exemplo no vídeo de sustentabilidade produzido em 2016. No ano passado a gente estava falando sobre alguma coisa de meio ambiente e eles falaram frases do vídeo, porque isso ficou gravado na mente deles. Se é a professora falando, se é uma leitura chata, eles nem vão lembrar, né! Então, era muito comum eles não lembrarem muito bem das coisas estudadas, mas ao lembrarem do vídeo e que tal colega falou sobre aquilo, eles começavam a fazer a ligação dos assuntos e lembravam daquilo que foi falado. Vídeo é uma ferramenta fora de série, incrível, mas isso hoje é óbvio, o cara (Valmir) foi muito visionário quando propôs o festival há 20 anos (VILLANOVA, 2021).

Percebemos que, segundo a professora Michelle, o fazer vídeo dentro do espaço escolar pode contribuir no processo educacional, pois o vídeo ajuda na formação de memória como no caso do aluno que lembrou sobre as falas do vídeo para falar de sustentabilidade. Essa pequena ação apresenta e retrata como o fazer vídeo pode ser importante na sala de aula ou contexto escolar. Essa situação apresentada pela professora Michelle é retratada pela Neurociência que informa que a memória é efetivada de melhor forma quando agregada à emoção, pois é a emoção que auxilia na criação da memória. A criação da memória é apenas uma das ações das quais a produção de vídeo contribui no processo educacional, como informa Pereira e Dal Pont (2018) e Pereira e Janhke (2012).

A formação de espaços como festivais e seminários para fomentar e debater a produção de vídeo estudantil vem sendo uma estratégia muito versátil nas instituições escolares, bem como em sala de aula, pois queremos que aumente o número de professores que produzem vídeo no espaço escolar, uma vez que:

- O aluno tem a possibilidade de criar o seu próprio conteúdo audiovisual;
- Consegue explorar habilidades antes desconhecidas;



- Expressa-se artisticamente ao contar suas histórias;
- Interage com professores e colegas de maneira mais atrativa e pouco convencional;
- Conhece o trabalho de outros alunos ao participar dos festivais e seminários;
- Aprende a respeitar opinião de outros alunos;
- Contribui na criação de textos imagéticos de forma coletiva.

Esses e outros benefícios mostram um pouco do potencial dos festivais de vídeo estudantil que, ao contrário do que se pensa, vai muito além de uma mostra de filmes.

Dessa forma, desde 2001, o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba contribui não só para o desenvolvimento cultural e intelectual de sua cidade, mas também atravessando as fronteiras no país em sua seção internacional de filmes, chegando diretamente a outras culturas como o Uruguai, por exemplo, através o Prof. Álvaro Adib que, inspirado no festival de Guaíba, criou um festival de vídeo estudantil onde os vídeos eram produzidos por alunos com deficiências diversas. Ao ser questionado se o festival que organizava era exclusivamente para crianças com deficiência, pontua:

Foi aberto. Veio inclusive material de Guaíba. Foi comunitário e naquele momento ninguém fazia cinema com crianças ou adultos com deficiência... e a ideia era trocar e não criar esse gueto da deficiência. Sempre acabavam trocando entre deficientes, então, o objetivo do projeto era criar a comunicação entre o mundo da deficiência e o resto do mundo... limitar esse festival para um festival de crianças com deficiências não fazia muito sentido. Então era um festival aberto de cinema comunitário. O único critério era que os filmes fossem criados coletivamente em sala de aula com um interesse em comunicar narrativas audiovisuais que não tem espaço nos meios tradicionais. Esse foi o espírito deste festival. O real conceito de inclusão, até hoje acontece a mesma coisa... não há espaço nos meios tradicionais, rádios, televisões... é sempre essa mesma parte da sociedade que tem voz. Agora faz dois anos que criamos uma plataforma de streaming só para crianças e que teve o mesmo espírito que esse festival. Um espaço de encontro para narrativas que não tem espaço em outros canais. É algo pequeno em um oceano de comunicação e redes, mas é algo que existe e tem esse interesse em gerar um canal para essas populações que nunca tiveram voz e agora tem uma “vozinha” pelo menos (ADIB, 2021).

Já a professora Inês Kepler, residente na cidade de Guaíba, comenta quais as vantagens do festival de Guaíba em ter, também, um caráter internacional:



Sempre participamos, assistimos aos filmes, levamos os grupos para ver os lançamentos. O filme internacional é legal porque ele dá mais horizontes. Sai desse mundo de pertinho e traz vivências de outros lugares, outras situações. Quando eles viam os de Santa Catarina já era um deslumbre, pois mostrava as praias... imagina o internacional. O filme é isso né? Ele te faz viajar. E eles se veem por iguais... pensam o seguinte: não são tão diferentes que não poderiam chegar em uma telona. Os pequenos quando se olham na tela eles ficam eufóricos. Se encantam porque é como se eles estivessem na televisão. Se veem iguais a um Tony Ramos da vida. Teve um global que participou do festival e foi conversar com os alunos. Eles ficaram encantados e contaram que tinham visto ele na novela. E assim... eu gosto de filmes... acompanhei novelas, mas gosto mais de filmes. Quando esse rapaz veio e contou como era atrás das câmeras eles saiam dizendo que faziam cinema. Eles se engrandecem, se acham artistas. Eles gostam de se ver além do que eles são, isso traz empoderamento para eles. É muito bonito de ver. E a gente brigava e se ajudava como família. Trabalhávamos juntos. Teve uma época que até proibiram os alunos de entrar na sala dos professores, pois eles conviviam conosco direto. Era essa a nossa intimidade. O festival está presente. Está na nossa vida. Ele nos traz a alegria, a alegria das artes visuais como arte e não só como vídeo que vai passar para uma criança. Ele é vivenciado e amado dentro de Guaíba (KEPLER, 2021).

Neste ponto, acreditamos ser importante fazer um adendo quanto aos festivais de vídeo estudantis serem de caráter internacional. O festival de vídeo estudantil deve ter como base ações que visem incentivar a criação de vídeo por professores da cidade e do estado. Como educadores e pesquisadores que somos, pensamos que quanto mais professores produzirem vídeo melhor será para que essa prática que denominamos de Metodologia PVE (Produção de Vídeo estudantil) contribua com o processo educacional. Os festivais, mesmo sendo regionais, nacionais ou internacionais, devem ter como base sempre a produção local. Não adianta um festival ser internacional e ter apenas 5 professores da cidade realizando vídeo. Receber mais de mil vídeos para seleção do mundo inteiro e apenas 5 vídeos da cidade sede não faz muito sentido. São debates que devem ser pelo menos repensados. Mas, também, percebemos que quando um vídeo de outro país é exibido anima os alunos a conhecerem uma outra cultura. Encontrar o meio termo, o equilíbrio entre estas ações é o grande desafio dos organizadores de festivais.



3 Os produtores de conteúdo

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (FREIRE, 2010, p. 120).

O cinema estudantil parte de dois diferentes protagonistas: o aluno e o professor, sendo o aluno o sujeito central deste processo, mas que necessita de um mentor que o ajude na concepção e andamento de seu projeto. Esse papel de orientador é muito importante para que o aprendizado seja saudável e para que o vídeo estudantil alcance seus objetivos. E para isso é fundamental o papel do professor, dentro e fora de sala de aula.

O personagem do professor tem grande importância, já que é ele quem incentiva o aluno a produzir vídeos, organiza sua aula para que a produção do vídeo possa ser realizada. Mas ao pensarmos nas características dos professores que produzem vídeos nos perguntamos: Por que produzir vídeo? Quem é esse professor que sem muita assistência em sua graduação ou nenhuma assistência, decide produzir vídeo com seus alunos? Qual o motivo?

Foi refletindo sobre estas questões que separamos algumas perguntas para os professores que já passaram pelo Festival de Cinema Estudantil de Guaíba e até mesmo aos professores que ajudaram a criar o festival. O que os motiva? Essa é a pergunta motora que sempre nos vem à mente. Ao pensarmos nas motivações destes professores que, desde 2001, decidiram criar um festival ou inscrever seus alunos no referido festival, percebemos pontos em comum. Ao abriremos estes e outros questionamentos para discussões e debates, espaço onde podemos falar, trocar experiências, expressar nossas ideias, expor satisfações e até mesmo as dificuldades encontradas, estamos incentivando outros professores a se interessarem por esta ferramenta e, quem sabe, a começarem suas próprias produções.



É com esse intuito que desenvolvemos este capítulo, onde as respostas dos professores e alunos serão o fio condutor para que possamos compreender suas motivações, além de proporcionar maior proximidade com a comunidade do Festival de Cinema Estudantil de Guaíba.

3.1 Quem são os personagens?

Inês Kepler

Sou formada em Supervisão, como especialização. Fiz pós em gestão escolar e agora estou fazendo uma outra pós-graduação em tecnologias. Minha vivência como supervisora foi de 8 ou 9 anos, mas minha paixão é a sala de aula. E agora um tempo mais dedicado a parte de informática, onde trabalho muito com os vídeos é gratificante visualizar todo aquele deslumbre do cinema dentro de um celular, dentro de uma sala de aula, com um grupo de crianças onde em um momento eles são alunos e no outro eles são príncipes, rainhas, João e Maria, os contos de fadas vivenciados por eles. Então, trabalhar com cinema dentro dessa proposta é muito bom... e trazer os colegas, os professores para trabalhar junto enriquece muito o trabalho.

Janaína Macedo

Me formei em letras e sou professora de língua portuguesa e literatura. Hoje trabalho na escola municipal Santa Rita de Cássia. Sou concursada desde 2000 e foi através da minha entrada na primeira escola municipal que trabalhei que, logo em seguida, eu já consegui conhecer o festival de vídeo que vai fazer 20 anos.

Joana Ferraz

Meu nome é Joana Beatriz Vieira Ferraz, eu sou graduada em língua portuguesa e literatura, tenho especialização em língua portuguesa e supervisão escolar.

Rafael

Eu sou formado em Realização Audiovisual pela Unisinos em 2012, fiz uma especialização em televisão e conveniência digital e um mestrado em comunicação social e finalizei, pela Ulbra, uma especialização em gestão e docência.



Patrícia Varella

Sou professora de Educação Física e tenho especialização em metodologia e prática em projetos sociais.

Álvaro Adib

Eu trabalho com cinema desde 2004. Aqui tem muita gente que estuda e trabalha com cinema e muita gente que dá aula de cinema. A quantidade de gente que se gradua depois de estudar cinema é grande... então, mistura a educação com cinema, pois é uma forma de viver e fazer dinheiro. Eu estudei antropologia e depois cinema. Trabalhei em uma escola de ensino especial com pessoas com discapacidades e os caminhos da antropologia, do cinema e da educação começaram a se misturar de forma quase natural. Continuo trabalhando assim e em 2013 criei uma escola própria que se chama La Casa del Arbol e trabalhei da mesma forma com a chance de tomar minhas próprias decisões em relação às propostas de ensino. Esse é meu trajeto pelo cinema e não é só do cinema, é um projeto que começou na antropologia, foi para o cinema e acabou na educação quase sem pensar.

3.2 O festival na visão dos professores

Tínhamos muitas perguntas para fazer aos professores, mas preferimos dividir em pequenas partes, primeiro para conhecer a relação deste docente com o cinema, já que segundo Pereira (2007) o fazer vídeo dentro do espaço escolar por professores da Educação Básica está associado à sua educação e socialização primária, ou seja, as ações que este professor vivenciou na sua formação de vida, sendo a sua relação com o cinema uma das ações motivadoras que impulsionou os professores a produzirem vídeo.

A partir desta pesquisa, foi possível perceber que os professores entrevistados nutriam o interesse no audiovisual desde muito cedo, na infância, estimulados por familiares e amigos, e ao chegarem na sala de aula, nas aulas do curso superior de graduação ou cursos de formação continuada, trouxeram este interesse para sua profissão de educadores. A maioria destes professores cresceu em uma época em que o cinema e o audiovisual não eram tão acessíveis quanto é atualmente.



Bom, sem mais delongas, passemos às perguntas e às concepções de nossos colegas professores, pioneiros na arte de fazer vídeo estudantil.

Pergunta 1 - Qual a relação com o cinema das pessoas/fundadores que ajudaram a criar o festival? Vai muito ao cinema? É cinéfilo? Gosta de ir ao cinema? Qual o primeiro contato com cinema?

INÊS - *Bom, o cinema sempre foi muito lindo. Sempre me atraiu muito. Eu nasci na cidade de Viamão, depois de moça que fui para Guaíba, lá em Viamão tínhamos o Cine Radar. Eu sou a mais velha de quatro irmãos, estávamos sempre juntos. No domingo de tarde meu pai nos dava dinheiro para irmos ao cinema. Era uma quadra de distância da nossa casa, ia com meus irmãos assistir os filmes. Os filmes que eu adorava eram os do Teixeirinha. Eu vi todos eles. Como meus irmãos eram menores eu ia com meu irmão de 8, com a de 6 e os pequenos de 2 e 3 anos, mas chegava em um pedacinho do filme e eles não queriam mais ver. Toda a minha trajetória inicial, a curtição do cinema era com os filmes do Teixeirinha. Aquela telona, aquele som, aquelas imagens, aquela pessoa que “se tridimensionava” na minha frente foi me encantando desde cedo. Adoro ir.*

JANAÍNA – *A vida inteira, desde criança, o cinema fez parte da minha infância. Tinha uma tia muito querida que morava em Porto Alegre. Ela nos levava ao cinema para ver Os Trapalhões. E agradeço muito a ela, que já não está mais entre nós, essas memórias de infância que eu tenho com o cinema. Sempre fui apaixonada por filmes, depois eu fui crescendo e sempre fui uma apaixonada até mesmo pelo Oscar, pois me chamava muito a atenção e comecei a achar interessante acompanhar os filmes finalistas. Gostava muito de saber o que estava acontecendo... apesar de saber que no Brasil até as coisas chegarem aqui era mais difícil. Para o Brasil fazer um cinema bacana também foi uma caminhada mais complicada... mas eu sou muito, muito, muito apaixonada por filmes e cinema até hoje. Sou encantada. Eu ia ao cinema em Porto Alegre. Não peguei a época do cinema em Guaíba... minha mãe chegou a ir e ela ia muito também ao cinema em São Leopoldo, assistia muitos filmes italianos. Em Guaíba quando eu era criança ele já não existia mais. Era mais complicado de se ir ao cinema em outra cidade, tinha que ter disponibilidade de uma tia que gostasse de ir ao cinema com todos os santinhos. Era como um passeio de férias. E foi muito legal né? Como isso marca a vida da gente!*

JOANA - *Eu morava em Porto Alegre na minha adolescência e tínhamos um cinema na Cristóvão Colombo e eu gostava muito de ir na época. Meu tio já era de idade e gostava muito dos filmes do Teixeirinha. Meu pai do interior cantava as músicas do Teixeira e era um marco... não cansávamos de assistir o mesmo filme várias vezes. Assistindo em Porto Alegre os filmes do Teixeirinha e eu ia junto.*



RAFAEL - *Sempre gostei muito de consumir cinema, isso desde criança, eu brinco que eu sou “filho da sessão da tarde”, como muitos de nós né, os que cresceram na década de 80 e 90.*

Percebemos que a relação de infância com o cinema é uma constante dos depoimentos, sendo assim, como informou Pereira (2007), esses professores levaram o cinema para a escola por ações emocionais e não intelectuais apenas.

Uma das características que mais estão presentes nos professores da Educação Básica é o interesse precoce na escola, a vontade de estudar e entre outras tantas questões que acabam, também, influenciando na área em que o professor virá a atuar futuramente. É possível perceber que alguns alunos decidem suas profissões de acordo com sua matéria preferida e isso acontece, muitas vezes, pela relação que mantêm com seus educadores. Pensando nisso, aproveita-se para fazer com que os alunos tenham gosto por uma gama de assuntos e, na atualidade, a tecnologia está entre os interesses principais deles. Mas sabemos que no início dos anos 2000 não era bem assim, muito menos na época em que estes professores estavam se formando neste ofício. Foi por isso que procuramos entender a motivação que estes professores tiveram para trazer e tratar deste assunto com os seus alunos, analisando suas matérias preferidas, sua formação e se existiu algum contato com a tecnologia durante esse período.

Pergunta 2 - Como foi sua trajetória como estudante da educação básica? O que você mais gostava? Por que você gostava?

PATRÍCIA - *Eu sou uma pessoa extremamente curiosa e sou apaixonada por cinema. Adoro cinema. Meu sonho desde pequena era ser atriz, então sempre me instigou muito essa coisa da apresentação. Dava aula de educação física, mas incentivava muito meus alunos. Minha formação é ampla e até dançava com eles... então com a tecnologia também puxei para o cinema. Se não sabíamos algo, buscávamos alguém que sabia... um oficineiro, etc. Eu não sei muito sobre tecnologia, mas sempre temos um conhecido que pode nos ajudar. É através da arte que a gente nasce de novo. É através da arte que a gente pode mostrar tudo o que a gente quer gritar nesse mundo.*

ÁLVARO - *Foi no ensino médio, onde tivemos um curso que se chamava tecnologia... mas era uma coisa estranha. As coisas que a gente estudava nesse curso era por exemplo o sistema das bicicletas, como fazia um tijolo... era isso que*



estudávamos em tecnologia. Não tinha uma coisa eletrônica. Então, na verdade, no sistema educativo quando passei por ele não tive nada de tecnologia, pelo menos não o que se entende hoje por tecnologia. Na universidade também não. Por questão de interesse próprio, quando comecei a mexer com fotografia comprei minha primeira câmera e consegui câmeras de vídeo... já tinha 21 ou 22 anos. Na infância não tive nada disso.

INÊS - *Eu estudei em uma escola de freiras. As freiras eram muito rígidas e conteudistas. Eu lembro de uma ou duas vezes só... mas a gente não tinha muito. E era uma escola particular. A gente tinha em turno inverso aula de música, aula de dança... Mas vivências com cinema naquela época não se fazia muita coisa. Nem se tinha esse deslumbre até porque tudo era mais difícil. Lembro quando comecei a usar máquina fotográfica e rolo de filme, a gente tinha que cuidar muito para ver se não ia queimar... então era tudo bem difícil.*

JOANA - *Na escola, através dos DVDs que ela adquiria, minha diretora acreditava muito e comprava muito material, então, a gente era bem contemplado por ter esses recursos na própria escola.*

RAFAEL - *Eu comecei a produzir mesmo no colégio, mas eu não produzia, diferentemente de muitos que participam do festival, eu não produzia com a intenção de competir. O que eu fazia: tínhamos que apresentar trabalhos e eu sempre, como a maior parte das crianças, detestava ir pra frente da sala de aula e apresentar o trabalho, aí eu falava, sempre com a autorização do professor, se eu podia gravar um vídeo, assim, com algum tipo de dramatização, alguma coisa que envolva o conteúdo e quando o professor aceitava a minha sugestão eu fazia o vídeo e era muito bem aceito. Então, foi assim que eu tive meu primeiro contato com a produção de fato, eu já tinha uma cinefilia desde criança, desde a infância, mas na produção eu comecei a me envolver mais nessa parte do colégio né, mas diferente dos outros. Não era cinema estudantil de fato né, até podia ser considerado, mas eu não via como tal, eu via como apresentação de trabalho e era isso. Então, eu me formei na faculdade, nesse tempo trabalhei com televisão, fui roteirista do programa Pandorga da TVE, eu produzi curtas-metragens e assim foi. Estou na área até hoje.*

Uma das questões mais centrais na formação de educadores é a falta de contato com a tecnologia durante suas graduações, principalmente, de ações práticas com o uso da tecnologia, pois em muitos cursos ela é centrada apenas no discurso filosófico da tecnologia, o que é importante também, mas sua ação prática é deveras importante para o dia a dia do professor. A tecnologia não veio somente para que os professores se mantenham atualizados, hoje são conhecimentos essenciais para o docente lecionar com segurança tendo em vista as mudanças sociais vivenciadas nos últimos anos e que nem sempre chegam à escola. Isso envolve desde o saber reagir quando seu aluno está usando, indevidamente, um celular em sala de aula, até mesmo, saber ligar um aparelho projetor para tornar as



aulas mais dinâmicas. Ou seja, para isso acontecer é necessário que o professor tenha um conhecimento mínimo das ferramentas que circundam o mundo tecnológico do século XXI.

A pandemia do Covid-19² veio como um choque de realidade para muitos professores que não possuíam nenhum tipo de formação em tecnologia e outros que, tampouco, tinham interesse em tê-la ou conhecê-la. Assim, quando as escolas aderiram ao formato de aulas online, se sentiram perdidos, sem chão, sem saberem por onde começar. Por conta disso, procuramos entender quais as dificuldades que esses professores enfrentam diariamente por não terem tido formação adequada e como conseguiram se especializar.

Pergunta 3 - Enquanto aluno da faculdade, quais disciplinas você mais gostava? Tinha tecnologia presente na sua graduação?

PATRÍCIA - *Naquela época a gente não tinha. Agora temos... e eu tenho 56 anos e entendo que o mundo não para. Vamos buscando. Teve esse boom da tecnologia e não podemos ficar para trás. No magistério iniciei em 1984 e isso não existia... era teatro na escola, mas não havia isso. O contato com a tecnologia, portanto, é muito recente.*

ÁLVARO - *Não existia! Eu fiz nos anos 80 no interior do Uruguai e não tinha nada. Mesmo nas nossas casas não tínhamos... havia uma equipe de música. Quando eu consegui comprar o toca fitas (Figura 1) e eu poderia copiar de uma para outra foi uma revolução tecnológica. Depois consegui comprar um computador Tk 90X (Figura 2). Mas era algo pessoal, se havia interesse próprio onde você procurava. Na educação não havia nada pensado para oferecer para os alunos.*



Figura 2 - Toca Fitas anos 1980.



Figura 1 - Computador TK-90X.

² A pandemia do Covid-19, também conhecida por pandemia do coronavírus, é uma doença infecciosa em curso que iniciou em 2019. Fonte: Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Disponível em: www.paho.org/pt/covid19. Acesso em: 28 out. 2021.



ÁLVARO - *Eu comecei na educação por casualidade. Não tinha trabalho, conheci uma professora que era diretora, ela me contratou e comecei a trabalhar com coisas diversas na escola. Quando conheci os guris da escola achei interessante compartilhar com eles o que eu sabia de cinema, pois as pessoas com deficiência são quase invisíveis, a sociedade quase nem enxerga. Eu achei que era uma boa forma de dar visibilidade para as pessoas com deficiência colocando-os no lugar de sujeitos criadores de relatos audiovisuais, mas também como cidadãos. Então, acabei encontrando essa dimensão do cinema na comunicação no geral dentro da educação e da sua importância aos sujeitos se apresentarem em primeira pessoa, eles mesmos, como protagonistas... com possibilidades de contarem o mundo sob sua própria perspectiva e não sob a ótica de serem apenas os consumidores dos relatos dos outros. Por isso tem muito da antropologia nisso... pois ela nasceu como uma ciência colonialista e ela ia nos lugares para enxergar os outros e não tinha interesse em saber como os outros enxergavam os antropólogos. Isso começou a mudar com o desenvolvimento e avanço da antropologia... e vejo que o cinema tem muito a contribuir nessa dimensão. E no cinema somos colocados naturalmente como espectadores, mas temos muito a dizer, muito a mostrar...e na deficiência isso é muito fácil de ver e acontece no nosso mundo em todas as áreas. As mulheres têm muito a dizer, os deficientes têm muito a dizer... mas a forma tradicional de fazer cinema e comunicação é: os que têm os meios criam os relatos sobre eles mesmos, mas sem perguntar muito aos outros como eles enxergam o mundo, a realidade. Então achei que fosse um campo de ação muito grande, com muitas possibilidades e gostei muito da ideia de trabalhar com isso. E aqui estou!*

Há 20 anos que o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba impacta não somente a cidade na qual ele foi concebido, mas transcendendo as barreiras das salas de aula e inclusive da fronteira do nosso país. É visível nos depoimentos colhidos o empoderamento do aluno e a força que a voz dele possui dentro da escola e de sua comunidade através da arte, do cinema, neste caso, do vídeo estudantil. A tecnologia para estes professores foi um espaço de aprendizagem de forma isolada ou coletiva.

Uma das principais motivações para discutir a Produção de Vídeo Estudantil (PVE) e os festivais nacionais e regionais de Cinema Estudantil, o de Guaíba incluso, é dar o espaço de fala aos alunos e aos professores produtores de vídeos estudantis. É nesse momento de conversa, nessa troca de experiências, que se pode perceber diversos pontos positivos dessa ferramenta e, conseqüentemente, incentivar mais professores que já se interessam pelo vídeo a darem o primeiro passo. Perceber que suas dificuldades e medos são de muitos outros professores e fazer com que ele não se sinta sozinho. Muitas histórias de diversas turmas de alunos, de professores e de formas do uso do vídeo estudantil como ferramenta já



passaram pelo Festival de Guaíba. Muitos exemplos chamam a atenção e é com eles que conseguimos entender as motivações dos professores para aderir a essa ferramenta e como ela ajudou nas questões educativas em sala de aula. Além de incentivar vários professores a fazerem vídeo com seus alunos e ao mesmo tempo incentivar a criação de outros festivais pelo Brasil afora!

Pergunta 4 - Como foi seu primeiro dia em sala de aula, como professor? Você teve alguma dificuldade? O que te ajudou a dar aula, a melhorar a experiência em sala de aula? Como você começou a usar tecnologia/vídeo na sala de aula?

INÊS - *Como eu tenho 34 anos de magistério eu já trabalhei com terceiro ano, com quarto ano e com quinto ano, supervisão, secretária, vice-direção e agora estou no laboratório de informática da Educação Infantil até o nono ano, mas trabalho com um grupo específico de cinema no turno inverso. No magistério foi da água para o vinho. Quando comecei minha faculdade, meus trabalhos todos eram feitos a mão. Tinha só a máquina de escrever... computador só no final. A vivência em tecnologia foi muito restrita no período escolar. O primeiro computador foi depois de casada. A máquina elétrica de escrever teve acesso na secretaria. Depois, os computadores, em 2011 veio o material do PROINFO. 10 computadores e 1 computador para o professor trabalhar no laboratório, foi quando eu assumi a sala e lancei o projeto, mostrei pra diretora e supervisora, levei pra professora e pela prefeitura e foi aprovado. Eu trabalhava em conjunto com os professores, junto com aquilo que eles trabalhavam em sala de aula. O que eles estavam vendo, estavam introduzindo ou iriam introduzir em sala de aula eu fazia um link da aula deles no laboratório com vídeos e jogos. E aí a gente conseguiu manter o nosso laboratório. A gente tem um projeto dentro da escola. O aluno tem aula normal num turno e duas vezes por semana em outro turno no laboratório comigo. Eu gosto de ter essa visão porque eu gosto de estar sempre ajudando eles. Eu trabalhei muitos anos com retroprojeto, por exemplo, e muitos professores saem do magistério sem conhecer um retroprojeto. Usávamos muito para exibir as animações. E precisamos ver também que a tecnologia vem desde muito antes. O papel é uma tecnologia, o livro é uma tecnologia e nós só vamos ampliando esse leque.*

JANAÍNA - *Nada de formação audiovisual. Nenhuma na minha graduação. Como eu disse para vocês... o celular não era como agora. Tudo era mais difícil. A televisão ocupava um tempo muito maior nas nossas vidas... dependíamos muito dela e hoje não mais. Hoje temos esse acesso mais direto através de tudo o que acontece nesse mundo que mudou muito. Na minha graduação eu não tive e o festival de vídeo de Guaíba era o que nos formava em alguns aspectos. Já foi além... e víamos a importância de se trabalhar com audiovisual em sala de aula. Depois, quando o professor Josias começou a prestar um tipo de consultoria, nós*



conseguimos conhecer mais ainda. Lembro das formações que o professor Josias dava e que os professores comentavam: a gente nunca viu isso na faculdade. E deixava todo mundo louco para fazer parte e conhecer cada vez mais daquilo. Aí sabemos que houve uma grande explosão que deixou tudo mais fácil, mas tenho uma caminhada com professores que hoje estão aposentados que não tiveram as oportunidades que eu estou tendo hoje em sala de aula com meus alunos. Eu sou testemunha, prova viva disso que aconteceu. Aconteceu comigo e vi situações de professores que nunca tiveram a oportunidade de ver a importância do audiovisual na educação.

JOANA - *A parte tecnológica não foi muito marcante na minha graduação. Assistimos ao Pequeno Príncipe uma vez, mas não era muito incentivado. Fiz minha graduação na Fapa e na época estava iniciando lá no campus... Os recursos eram pouquíssimos e nem tinha auditoria. Na escola eu trabalhei com língua portuguesa no fundamental. Não me contentava com pouco, era sempre uma metodologia diferenciada. Montava grupos de dança e teatro que me ajudaram. Gostava muito de filmes e de trabalhar com filmes... na literatura contemplava. Então, nessa época, essa parte tecnológica era muito, muito difícil e na escola que eu trabalhei em 1992 eles tinham um aparelho de DVD de fita VHS e eu pouco sabia manusear. Achava que ia estragar... mas eu tinha um aluno chamado Divino MacGiver Silveira que amava tecnologia. Aí eu saí das turmas e queria conectar aquela parafernália toda e chamava o MacGiver. Conclusão: ao invés dele ficar em aula ele circulava comigo.*

Percebemos na fala da professora Joana essa ligação entre alunos e professores de forma diferenciada. O aluno MacGiver, por exemplo, auxiliava e aprendia junto com a professora o manuseio dos equipamentos para sua aula. E em entrevista com o aluno MacGiver ele comenta e lembra de todas essas ações que ele realizava. O fazer vídeo, segundo Pereira (2014), contribuiu para esta relação aproximada entre professores e alunos, saindo da chamada “educação bancária” de Freire (1996) para uma educação que se aproxima das metodologias ativas, na qual o discente é um sujeito ativo e participante de suas aprendizagens, enquanto o professor é o mediador deste processo.

Moscovici (1978) informa que o não familiar nos assusta, pois psicologicamente, não sabemos o que é aquela ação e pelo fato de ser diferente, não familiar, nos afastamos. Porém, é necessário de certa forma compreender o não familiar para que ele se torne familiar. Não é necessário concordar, mas compreender e passar a ser familiar para o seu cérebro. Assim, o fazer vídeo sobrevive como algo não familiar para a maioria dos professores que preferem negar essa ação, contudo alguns professores têm desejo de compreender do que



se trata e, por curiosidade ou convencimento, acabam realizando vídeo com seus alunos, ou seja, transformam o não familiar em familiar. E é neste momento que outros professores começam a ver a ação de fazer vídeo como algo que está em processo de ser familiarizado.

Pergunta 5 - Como foi seu primeiro contato com o Festival de Guaíba?

PATRÍCIA - *Desde que o festival surgiu venho acompanhando. Porque é um orgulho muito grande desse festival acontecer aqui em Guaíba e sou uma fã admiradora do professor Valmir, pois com todas as dificuldades ele não desiste do festival. É uma das coisas mais plenas em Guaíba: o festival de vídeo. Então, desde sempre acompanho e aplaudo muito essa iniciativa.*

INÊS - *Como começou a história... em 2007 eu tive um câncer. Minha vida deu uma estagnada, mas minha colega professora Marta conheceu o professor Valmir e participou do primeiro Festival. Ele virou para mim e disse que precisava de uma pessoa com mente aberta para ajudar ela a trabalhar e disse: vamos tentar? Ela não sabia nada e nem eu. Aí começamos com o Movie Maker e até hoje usamos ele. Aí com uma outra professora a gente fez um vídeo em 2008 com um menino que tinha uma visão muito linda da vida. O rapaz até está fazendo magistério hoje por conta daquele trabalho. Ele fez uma poesia e declamou. Ficamos encantadas. Chamamos a Joana e ela se encantou por ele também. Alugamos um terninho e ele declamou a poesia. Mandamos para o festival com aquele som improvisado e, pra nossa surpresa, fomos premiados. O que eu penso sobre o festival... tem todas as premiações, mas eu sempre bati na tecla que os meus vídeos não têm como objetivo final o troféu. Tem como objetivo fazer com que aquele aluno se veja em outro ambiente e cresça com aquele trabalho. Na hora de fazer a seleção eu mandava todas, mesmo que os outros achassem ruim. Se fosse indicado então já havíamos ganhado. Muitos não tinham o brilho do cinema... mas eles tinham sido produzidos pelos meus alunos, acompanhei tudo desde as primeiras linhas, as gravações... então, pela caminhada já estava valendo. E quando vinha o troféu era aquela empolgação, mesmo eles tendo vergonha de ir buscar o troféu. Fazíamos uma roda de premiação e depois de um tempo começamos a entregar somente de forma simbólica para deixarmos os troféus na escola. E esse ano de pandemia foi complicado, muitos problemas com os alunos e de adaptação... mas cada filme terminado parece que nasceu um bebezinho. Quando mostramos na telona e os pais veem assistir eles choram. É um despertar. E o professor tem que ser o mediador. Porque a história é pra ser contada por eles. Não é só falar o que tem vontade. A ideia pra mim, o cinema na escola, é fazer o aluno se ver como protagonista e atuar como um. Ele faz a edição, procurar roupa... encontrar as soluções. Às vezes a gente virava noite gravando, os pais já me conheciam então a gente fazia até piquenique. Claro que tinha briga, estresses, mas tudo foi aprendido. Teve uma turma que começou comigo no quinto ano e ano passado se formou... que dor. Algumas turmas eu começava do*



zero... mas quando estavam comigo desde pequenos então a cada ano eu ia enxertando. Estavam comigo desde o início, então chorei muito na formatura deles.

JANAÍNA - O Festival de Guaíba é incrível. Ele foi idealizado por um professor, pelo professor Valmir da Escola Estadual Gomes Jardim, professor de filosofia. Ele idealizou a criação do festival em Guaíba. E ele fez dentro do núcleo dele que era a escola... só que eu acredito que ele quis expandir, abrir essa ideia, pois ele foi um visionário. Posso afirmar para vocês que o que ele fez foi inovador. Foi algo incrivelmente diferente que ele teve uma ideia fantástica de criar o festival e conseguiu parcerias. Falou com a prefeitura e alinhou algumas parcerias que deram muito certo. Obviamente que eu fui beneficiada por essa parceria com a prefeitura, pois na época a secretária de educação, a professora Maria Neuza “Mosquita”, ela super abraçou a ideia para expandir para as escolas municipais. E foi através dessa parceria que eu como professora de uma escola consegui fazer parte do início do Festival... eu tinha certeza de que o Festival era algo muito diferente e teria capacidade de crescer muito. Sabe quando tu vês muito potencial? E eu como professora de sala de aula recém tinha entrado no município, tive o envolvimento com a Secretaria de Educação que proporcionou formações para nós professores. Lembro como se fosse ontem minha primeira formação através da secretaria foi com o Valmir que sempre coordenou tudo. Era uma semana com formações e a cada dia tinha um convidado, alguém que o Valmir, com antecedência, já havia agendado para que na semana do Festival, além da mostra, oferecesse essas formações para nós. Teve um ano que eu participei todas as tardes, pois era imperdível. Eu ia também depois que eu dava aula. E o professor Valmir sempre se preocupou em oferecer o Festival para todos, com programação manhã, tarde e noite, extremamente democrático. Ele tinha esse viés de oportunizar coisas para as pessoas dentro das suas possibilidades. Então tenho esse amor pelo Festival nessa minha primeira etapa participando das formações que foram essenciais para que eu me apaixonasse. E nessa época não tínhamos um celular para tudo... então por isso que é visionário. O celular não tinha essa facilidade. Havia filmadoras, com fita e etc... a tecnologia não era nem perto do que é hoje. Então, o porquê da importância do festival? Eu lembro do meu início participando das formações e eu sabia que aquilo tinha um potencial enorme que tinha uma importância grande pro meu trabalho, mas eu precisava amadurecer e ficar firme naquilo que eu gostaria de oportunizar depois. Como foi algo muito inovador que ele proporcionou para os moradores de Guaíba eu chegava no festival e via trabalhos realizados, depoimentos de professores, pessoas das universidades, assim como o professor Josias da UFPel, professores da PUC, com a cabeça muito avançada e eu ficava completamente apaixonada por aquela riqueza de conhecimento de um mundo que eu via que era possível de acontecer. E muitos faziam acontecer já naquela época. A gente via pelos trabalhos apresentados que o Valmir sempre procurou considerar tudo que era feito fora. Não ficamos fechados naquela bolha. Ele pegava tudo o que vinha de fora, tinha uma visão do que estava acontecendo no mundo e nos oportunizou. Eu divido o festival em 3 momentos importantes da minha vida: eu como participante de formações que deram muito certo pra mim e que me beneficiei demais, foi de uma riqueza incrível pra mim e o festival depois quando eu ajudei na organização que aí eu fui convidada por essa secretaria para ser assessora na secretaria de educação. Aí nossa... fiquei muito honrada com o convite e como a prefeitura era parceira do festival ela então designava as pessoas que ela achava



ter o perfil para ajudar na organização daquele evento. A cada ano o festival foi crescendo de uma forma absurda. Ele foi, cada vez mais, conhecendo professores apaixonados, pessoas que se engajaram com a ideia que começou pequeno e acabou se tornando esse grande evento da nossa cidade. Então fiquei extremamente orgulhosa de fazer parte dessa organização com o Valmir e outras pessoas, porque o Valmir sempre foi muito agregador, pessoas envolvidas com a cultura, ele juntava essas cabeças para fazer acontecer. Ele sempre foi um mestre. E a parte de secretaria de educação cuidava das formações e da mostra para os alunos, era um evento muito interessante que acontecia e fez com que o festival se tornasse parte do nosso trabalho na educação. A união da educação, da cultura, da arte... e eu lembro desse segundo momento meu como ajudante nesse projeto fantástico do qual tive a honra de conhecer pessoas de perto como o professor Josias Pereira da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a Denise Foss do Educavídeo da cidade de Gramado, a Eliane Candido do Festival São Léo em Cine da cidade de São Leopoldo e milhares de outras pessoas... professores de Guaíba criaram núcleos de cinema dentro de suas escolas como o professor Roberto Silva e o professor Marlon Nunes. Aí quando fui para a secretaria de educação a coisa se ampliou de uma forma fantástica e curtindo cada situação. Os cineastas que participaram um melhor que o outro, personalidades do nosso estado e do nosso país tivemos a oportunidade de conhecê-los e estar mais perto. Então, falo com muita propriedade, pois foram muitos anos participando e tenho muita gratidão. Ao fazer parte disso tive a oportunidade de conhecer esses gênios e estar com vocês. O professor Josias também viu no festival algo muito interessante e valorizou isso. Acho que assim como a gente admira demais o trabalho do professor ele também tem esse carinho enorme por todos nós. E o terceiro momento com o festival foi quando eu fui para a Escola Municipal Santa Rita, depois de sair da secretaria de educação, foi uma realização colocar em prática tudo aquilo que eu tinha aprendido, sempre com muito apoio do professor Valmir, dessas pessoas que mencionei e do professor Josias Pereira da UFPel.

JOANA - Em 2001 o Valmir foi na secretaria para colocar sua ideia de fazer uma parceria com a Secretária de Educação de Guaíba, que na época era a professora Maria Neuza “Mosquita”. Então a Mosquita pensou: ‘já que a Joana não para quieta eu vou lhe apresentar um pessoal’. Foi aí que conheci o professor Valmir e veio a proposta do festival de vídeo estudantil. Como adoro desafios, eu aceitei. No segundo ano do festival de vídeos o Valmir já tinha essa ideia e quem estava à frente do projeto era, na época, os alunos Divino MacGiver e Michele. O MacGiver com seu grupinho já estava envolvido na função dos filmes. Então, em 2001, a secretaria começou a fazer parte da organização do Festival. Nos envolvemos bastante e eu gostava muito. Ficamos 16 anos com a parceria. Em 2001, fazíamos as atividades na Escola Gomes Jardim. Eram atividades no espaço deles com 80 lugares... e muitas escolas não conheciam esses filmes. Então, se teve a ideia de fazer esse trabalho itinerante e durante o ano levamos para as escolas esses filmes e o MacGiver ia sempre junto. Fazíamos aos poucos, mas levamos essa mostra para as escolas. Os alunos achavam que eram altas produções e, na verdade, eram experiências muito simples, um curta de ficção ou um documentário da escola. Os alunos e professores ao verem aquilo pensavam que não era tão difícil assim e se sentiram incentivados. Uma das categorias que batalhamos muito era a propaganda educativa. E virou muito forte... trabalhamos



educação no trânsito, meio ambiente, diversidade, saúde, DSTs e começamos a se alicerçar muito nessa proposta de levar algo educativo. Nessa trajetória, muitas escolas começaram a acreditar que suas aulas poderiam ter um viés pedagógico a partir dos filmes que iam passar aos alunos. Fomos promovendo essas ideias e usando esse material em todas as escolas. O festival começou a crescer e o auditório começou a ficar pequeno, passamos para outros auditórios, mas o projeto continuava crescendo. A gente conseguiu a parceria de várias secretarias da prefeitura, como mobilidade urbana, trabalhávamos muito técnico. Uma enfermeira acompanhava a gente nas mostras sobre saúde até para dar credibilidade ao trabalho e informações corretas. Parceria com a secretaria do meio ambiente foi muito bom e, em um dos anos, tivemos 32 trabalhos só sobre trânsito... então, o pessoal da mobilidade urbana enlouqueceu e ficaram muito felizes com esses trabalhos. Nós tínhamos a verba da Secretaria de Educação, da Secretaria de Turismo, da Mobilidade Urbana... que nos davam a sonorização com técnicos que participavam das mostras, etc, e criamos um tema que era "Valorizando as belezas de Guaíba". Quando eu estava iniciando no festival de cinema uma escola aqui próxima ficou sem professor e não tinha como contratar ninguém. Cheguei na escola para trabalhar com o sexto ano. A primeira ideia que tivemos na época era sobre pedofilia. Aí iríamos fazer uma cena em que um menino estava andando de balanço, outro menino chegava pra ele com dinheiro e os dois entrando em um banheiro. Simples né? Usei a turma toda para gravar a cena. Ficou um trabalho muito lindo, pois um filmou de um lado, o outro via os ângulos... era um exército para fazer o filme. Era a cena de dois meninos entrando em um banheiro e mobilizamos toda a cena para essa propaganda educativa de segundos sobre a pedofilia. Até por eles se proporem a aparecer em uma temática como essa. Foi o primeiro trabalho que fizemos, com duas cenas e movemos toda a turma. Eles tinham que fazer tudo. A trilha sonora, quem participou, os créditos... então, envolveu muita gente. E aqueles computadores eram muito ruins, mas eles faziam tudo lá. Os alunos ficaram super ligados e preparados para tudo isso. Eu, como professora de Língua Portuguesa, propus a escrita do roteiro. Escrevemos um texto coletivo e depois o filme saía rapidinho. O professor Valmir é incansável, sempre acreditou no festival e em nós... e o resultado era formidável. A metodologia diferenciada é fantástica. O aluno era o protagonista daquela história e do seu conhecimento. Havia alunos de sétimo ano que eram oficineiros, então, eles se sentiam valorizados. Era de aluno para aluno e o resultado sempre foi muito bom.

RAFAEL - Embora eu tenha produzido esses vídeos na escola eu nunca atentei em me escrever ali. Sabia que o festival existia, ouvia falar, mas não tinha um conhecimento profundo assim, do que era o festival. Eu fui me envolver mesmo com o festival já depois de formado, quando eu fui convidado para ser jurado pela primeira vez em 2013 dos filmes, até então, não tinha nenhum envolvimento na curadoria né, só como jurado em 2013, porém em 2014 eu voltei como parte da curadoria. Eu tinha uns colegas meus que tinham participado do festival de alguma forma, o Eduardo Teixeira, um grande parceiro meu, estudamos juntos, nós formamos juntos, ele já tinha participado como aluno do festival, mas eu não tinha tido esse contato, meu contato foi bem depois.



Pereira (2012, 2014, 2018), em seus livros publicados nos respectivos anos, debate sobre como o fazer vídeo é um processo educacional e para isso o docente deve ter uma intencionalidade pedagógica para que essa ação se realize sempre com uma atividade que sugere diversas aprendizagens para o aluno, seja formal ou não formal. O importante é que o professor tenha em mente que fazer vídeo dentro do espaço escolar tem que ter esta ação educacional, mesmo que para o aluno seja apenas fazer vídeo e brincar de cinema, mas para o docente tem que ser, de forma direta ou indireta, um processo educacional.

Pergunta 6 - Em que momento você percebeu que o Festival / Produção de Vídeo Estudantil poderia ser uma questão importante para o processo educacional?

PATRÍCIA - *As mostras e oficinas eram feitas na ULBRA e poderíamos até fazer em praça pública, além da Escola Gomes Jardim que é a mais antiga da cidade... e o Valmir faz algumas exposições lá. Ele já colocou o telão na praça e trouxe até as estreias. O pessoal levava as suas cadeiras e íamos todos assistir aos vídeos feitos pelos alunos. Ele unia a comunidade através do cinema. Isso era abrir a cabeça de uma cidade. Pena que não há maior divulgação e que esse ano me comprometi com o Valmir para que a gente incentive isso ainda mais. Para chegar na vila e estes alunos virem até o centro, conseguimos passagens de ônibus para que eles pudessem vir e assistir. O festival movimenta a cidade, mas deveria movimentar mais. Tenho certeza de que poderia atingir maior número de pessoas, mas não atinge. Sou nascida e criada aqui. Luto pela minha cidade, gosto dela e se não gostasse já teria me mudado. Mas o pessoal é muito acomodado e por isso a importância do fomento disso na imprensa, para que eles participem e entendam a importância disso. A arte pode chegar a muitos lugares e a todas as escolas. Às vezes, por preguiça, não produzem vídeo, precisam abrir a cabeça. É por aí que podemos dar outras dimensões para os alunos e luto por isso, assim, como sei que é a luta do Valmir também. Imagine uma cidade de 100 mil habitantes que não tem cinema, não tem teatro, não tem vida cultural ativa, então, o fato de sentar-se para assistir vídeos de estudantes é um modo de ser distinto. Para eles é algo encantador e diferente “olha... veio vídeos da Argentina”, “da Espanha para Guaíba?”, para os alunos é algo que impressiona, é impactante... mesmo muitas vezes só enviando os vídeos sem poder estarem presentes por causa dos custos... mas, esse intercâmbio cultural entre países é fantástico. É muito bom. Tudo isso a gente tem que dimensionar e dizer: É em Guaíba. O que tu fizeste é importante. A tua cidade é importante e nós somos importantes. É AQUI e agora, somos importantes para o mundo.*



ÁLVARO - Na verdade, a primeira experiência de inserir cinema na educação foi em uma escola que hoje não existe mais. Comecei a trabalhar como oficinheiro geral, mas quando eu comecei a trabalhar eu falei pra diretora da escola que eu estudava cinema e era isso que eu queria fazer com os meninos e as meninas. Aí ela permitiu eu fazer o que quisesse. Eu não tinha uma formação específica em educação, eu comecei na verdade trabalhando e fazendo o que eu sabia que era ensinar a filmar, como fazer um filme e também muito atravessado pela antropologia e desse jeito de olhar o mundo que a antropologia tem que é um jeito de refletir sobre o mundo e qualquer coisa que se faça. Então, o cinema é muito fácil de misturar com a antropologia e a educação. Comecei a estudar de maneira não formal, não em uma escola ou universidade, mas estudar por minha conta... comecei a ler autores e acabei achando que tinha muito de antropologia como base. Se lê o Freire e tem antropologia, mas ele não é antropólogo... é uma forma antropológica de pensar a educação e o estudante como o outro. Foi uma marca muito própria do trabalho com que eu faço cinema com meus alunos. Eu precisava e aprendi muito com eles. Foi uma troca... eu não sabia nada de educação e nem de deficiências e comecei a estudar uma área específica da comunicação que é a comunicação comunitária e me apaixonei. Acabou sendo meu fundo teórico do meu jeito de fazer cinema nos espaços educativos. Até agora é o jeito que ensino e planejo os projetos de educação que envolvem cinema. O Festival de Guaíba foi o primeiro festival que a gente foi com os alunos. E foi essa descoberta que falei, de compreender a importância de colocar em comum e de ver junto a outras pessoas o que meus alunos e eu tínhamos feito. E ver também as coisas que outros alunos fizeram, reconhecer outros criadores. Então, foi o primeiro festival que permitiu descobrir isso e foi algo bem importante como inspiração para que fizéssemos um festival aqui no Uruguai. No ano seguinte da minha primeira participação no festival, eu e uma turma de amigos criamos um festival que durou 2 anos no interior do Uruguai que foi um festival de vídeo comunitário na cidade na qual eu nasci. O Valmir e a sua equipe foram para minha cidade de forma muito generosa. Eles também prestigiaram essa experiência de festival muito novo, no interior do Uruguai, algo muito pequeno... e a visita deles foi uma força importante para essa experiência. Depois o festival terminou por questões políticas, mas foram 2 anos muito bons em que o festival existiu. E a ideia nasceu da minha visita em Guaíba.

INÊS - Faço o projeto com os alunos do sexto ao nono ano. Mas eu lanço a ideia para eles e busco. Mas eu sinto com a euforia da tecnologia, de youtube e tal... eles gostam muito de aparecer, mas não gostam de ser organizados. Eles me procuraram muito antes e agora não. Não se preocupam com postura, com nada... e com meu trabalho a gente se preocupa para que tenha uma certa qualidade. Claro que também existem outras coisas que eles gostam à medida que crescem. Mas, como agora tenho meio turno, não tenho tanto contato com eles. Eu trabalhava muito com o professor Roberto Silva e a gente fazia muita loucura nesses festivais. E eu brincava com ele "estou lapidando uma pérola e tu cuida dela aí". Eu nunca fiz cinema... mas, sempre tive vontade e curiosidade. A escola uma vez até comprou uma máquina, mas estragou em seguida. E eles dão continuidade. Teve uma menina que se formou em propaganda e me ligou dizendo que era por minha causa. Ela se formou e estava trabalhando já na comunicação, muito encantada. Começou comigo na sexta série, era uma sementinha. Tinha outro menino, cujo pai é mecânico, ele dizia que sabia tudo de tecnologia por causa dos projetos. Ou seja,



podem pegar aquele conhecimento e levar para outras aulas. Eles que montavam os materiais e eu só assessorava... só com os novos que a gente precisava lapidar, ver onde cada um se encaixava e ver o que é prazeroso para cada um. Tem que ser prazeroso. É como magistério... tu precisas amar, precisas gostar de ver a cara do aluno, porque se não gostar tu vais viver frustrado. Eu não me sinto frustrada. Tenho 55 anos, passei boa parte da minha vida dentro da escola e não me vejo fazendo outra coisa. O cinema me deslumbrou... participamos de vários festivais em Porto Alegre e conversamos com alguns cineastas. Eles se encantam e a gente se encanta com eles.

JOANA - *Percebi que as mostras de filmes educativos não eram apenas uma mostra, eram uma aula. Os alunos aprendiam muito com o viés pedagógico dos filmes. Em uma tarde se trabalhava saúde, educação no trânsito e em pouco tempo havia uma aula diversificada. Levávamos os vídeos e as crianças estavam acostumadas com quadro e giz. Todo aquele material que chegava, brilhava. Juntávamos as crianças e ficávamos uma tarde com 100 crianças assistindo. E percebi, nesse momento, que eu também estava educando. E possuía o resultado da produção. Sempre havia na escola um professor que acreditava naquilo. Eram poucos, mas a ideia era ter um professor referência em cada escola. Ele iria articular tudo e o caminho estava organizado quando a gente chegava. Era preciso um professor ou uma direção que acreditasse naquilo. No momento em que existe um é uma sementinha muito importante. A produção de vídeo é um processo. Para transformar um tema em audiovisual eles já aprenderam muito. Aprenderam a socializar, a respeitar o colega, já brigaram e já se entenderam. Isso é o que me cativava. Pois eles escolhiam o tema e precisavam realizar a pesquisa, dividir as tarefas de quem escrevia bem, quem iria operar a câmera, montar o cenário... esse aproveitamento das habilidades de cada um era o que dava um resultado muito bom. E ali nesse processo, quanta coisa foi trabalhada além do conteúdo em si. Quando chega o filme pronto as pessoas não fazem ideia do trabalho que é. É difícil, árduo, mas também é gratificante... Começar do zero e chegar na produção final é muito bonito e me emociona.*

Conforme foi possível observar nos depoimentos acima, a produção de vídeo estudantil em sala de aula traz inúmeros benefícios para os discentes e docentes. Estes benefícios vão se multiplicando e se intensificando com o passar dos anos, ou seja, quanto mais contato o aluno tiver com a produção de vídeo ao longo de sua formação na educação básica, mais aprendizados ele terá adquirido.

Os benefícios e aprendizados da produção de vídeo estudantil são visíveis em alunos que participam de projetos onde a escola mantém a continuidade. Produzindo vídeos todos os anos é possível notar as mudanças pessoais dos alunos e, também, o aumento da qualidade da produção que eles acabam trazendo. Quanto mais tempo e mais cedo eles iniciam no projeto, mais eles têm avanço - ao longo dos anos - nas qualidades técnicas e estéticas do filme.



Além de tudo o que já foi mencionado sobre o festival, cabe ressaltar que o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba tem uma enorme importância por servir de exemplo e incentivo aos vários festivais que irão surgir ao longo desses 20 anos, se espalhando de forma direta ou indireta, nesta iniciativa brasileira realizada no estado do Rio Grande do Sul.

Pergunta 7 - Qual a importância que você acha que os festivais de vídeos estudantis, em especial o Festival de Guaíba, têm para o cenário educacional nacional?

PATRÍCIA - *É através do vídeo que tu falas com a alma. Pois eles têm muito para expressar. As próprias professoras têm uma categoria para educadora. O que adianta eu gritar se ninguém vai me ouvir? Então, essa coisa de tecnologia tem o positivo e o negativo... eles ficam gritando e não estão mais sendo ouvidos. Dentro da arte tu expões tuas ideias, abres tua cabeça para esse mundo e através da Sétima Arte tu entendes que alguém pode te escutar e assim tu podes lutar por um mundo melhor. Tenho colegas que fazem trabalhos maravilhosos, mas a categoria do magistério foi criada com muita limitação. Receio... “não vou me expor... melhor deixar assim” e eu sempre fui meio maluca. Tive muita honra de trabalhar no magistério e eu dizia: vocês sabem muito, mas precisam gritar pro mundo. Esse saber precisa ser compartilhado. Vocês têm que colocar isso para fora. Não adianta conhecer e guardar para nós. E isso eu instigo na gurizada... vocês têm que mostrar pro mundo o que vocês querem travar. E a gurizada é muito minha parceira! Então, a gente vai lá e faz. Eu sou apaixonada. Acho que é isso: a educação, a cultura, a arte... acho que é por aí que mostramos para essa gurizada um outro mundo. Outra visão. Eles têm que ter amor por esse mundo que a gente vive e é por isso que eu luto. Falo pra eles: vamos crescer, vamos expandir, vamos conversar, vamos fazer isso e mostrar nossa arte aqui de dentro. O vídeo empodera o aluno... e tens que ver na premiação o orgulho que eles ficam. Passam anos e seguem lembrando. Isso tem que ser salientado. Bato nessa tecla, que esse festival tem que ser apoiado e eles não sabem o que é esse festival dentro da educação.*

INÊS - *Eu imagino que o gostoso do cinema é como fazer uma viagem. Quando tu chega na praia é ótimo... mas, tu vai pelo caminho parando, observando... Nós reunimos as crianças, lançamos o projeto e tem as brigas de ideias. Todo esse caminhar já é o cinema. Às vezes, eu tinha alguns atritos com os jurados porque eles diziam “tu não ganhou o troféu porque não fez assim ou assado”, mas, o assim ou o assado não era pedagógico. O vídeo tem que visar o crescimento do aluno. No festival eles veem os artistas e eu vejo os alunos. Eu vejo aquela criança que era tímida e deu um grito porque interpretava uma bruxa. Ou aquele que achava saber de tudo e ficava travado através da câmera... então, ele percorreu a caminhada e chegou no resultado. Claro, que no festival se busca a qualidade. Mas, em uma escola municipal, em cidade que não tem cinema... O que acontecia: precisava ter alguém da secretaria de educação, procurar ônibus... e o*



festival já é conhecido nacionalmente. Vem gente de Santa Catarina para cá conhecer o festival e eu participei online com eles. Mas cheio de patrocinadores... e aí tem câmera, locação, financiamento. Agora na minha realidade: mochila nas costas e vamos no CTG gravar a pé. Montamos cenários, desmontamos... e essa é a minha realidade e a de muitos. Muito professor gostaria de fazer, mas ele tem 2h semanais, 300 turmas. Eu sei que é mais difícil. Eu ainda tenho essas horas para fazer isso. Corro atrás e faço meu trabalho tentando unir mais gente. A ideia é de que o cinema não é só se sentar e assistir ao filme, mas encantar as pessoas para elas serem as protagonistas. Cada ano que inicia eu já procuro os professores mais abertos, porque nem todos tem essa abertura e já vou lançando as ideias, as pequenas sementinhas. Assim é que eu trabalho. Parece que o deslumbre por fazer, o tecnológico pra mulher ainda não está bem enraizado de ela se apoderar, de poder fazer cinema. Aqui na escola temos um grupo com as meninas, mas é tão difícil, pois a timidez é tão grande... e os guris não. Eles vão pra frente da câmera, brincam... ultimamente eu conseguia mais meninos do que meninas. Teve um menino que se desenvolveu muito. Desde o sexto ano. E na época do Festival de Gramado a gente juntava dinheiro para ir para a cidade de Gramado. Tinha um menino excelente na minha aula que o pai não deixou ele viajar sozinho. Fui na casa deles para conversar e vi que o pai dele havia sido meu aluno. Perguntei se ele não ia deixar o filho dele viajar comigo e ele respondeu: se for com a senhora, professora, eu deixo. No outro ano foi ele, a mãe dele, o irmão... e ele começou a desenhar muito. No último ano, o primeiro lugar foi o dele, todos os filmes animados dele foram premiados. Era metódico, fazia tudo sozinho, praticamente sozinho. Ele começou a se desenvolver, virou líder da turma, participava do festival de talentos... E o grupo dele pegou uma amizade que não era somente dentro da minha aula. Esse grupinho vai ter uma amizade para o resto da vida. O grupo criou raízes por conta desse trabalho. Esse menino incentivava os outros, eles ganhavam todas as gincanas da escola quando ele era o líder. Foi orador da turma... e eu os acompanhei desde cedo. Esse menino eu vi desabrochar. Mesmo com o nível social baixo, a mãe apoiou, o pai apoiou, mas ele quem desabrochou. Sempre foi criativo. Ele fazia tudo. Quando ele produzia o roteiro eu conversava com ele para agregar mais gente. Ele queria protagonizar e dirigir. Mas tudo isso é um processo, o aluno entender que muitas vezes ele não pode fazer tudo sozinho. Aí ele veio me responder que o Charles Chaplin editava, atuava, vendia seus filmes e fazia tudo. Por que ele também não podia fazer? Então, ele estudava muito, trazia toda uma ideia. Ele ficou encantado pelo cinema mudo. Sabia tudo. Ele gostava de editar os próprios filmes. Pegava uma bacia e uma lâmpada embaixo da bacia para gravar as animações dele. Começou a fazer colorido depois. Mas ele gostava de preto e branco e mudo. Fazia os trabalhos muito bem-feitos e se sobrecarregava, pois ajudava todo mundo. Então, por isso eu dizia que a gente não podia assumir tudo sozinho, eu fazia um meio de campo para ajudar ele. Mas ainda sim me sinto muito realizada e o festival enobrece esse trabalho deles. Ano passado (2019), quando eles foram premiados, todo mundo subia no palco para receber o prêmio, ria e se divertia. Tu não envelheces quando estás perto do aluno. Eu tentava falar a língua deles sem ser pejorativa. Eu ainda era a professora, mas tentava trazer eles para mais perto. Quando fiz a caminhada me propus a isso. Eles ficam mais entusiasmados. E o vídeo nos aproxima muito do aluno. A tecnologia já é importante porque eles vivenciam isso e unir a tecnologia com o pedagógico é ótimo, pois é algo novo, saber corrigir o que não está bem-feito.



JANAÍNA - Histórico. Vejo como algo que só acrescentou, só nos beneficia e vou dizer mais: o festival desde o início começou pequeno, mas nós tínhamos a certeza de que ele não ficaria assim, porque a ideia foi tão criativa, foi tão inovadora, esse professor foi tão à frente do tempo dele que nem ele deve acreditar em tudo que ele construiu e o tanto que ele nos beneficiou a partir de uma ideia, uma boa vontade de querer levar algo diferente. E o mais interessante é quando tu consegues dividir isso com o próximo e oportunizar isso para o outro. Muitas vezes, as pessoas são egoístas ou querem usar somente seu nome para se beneficiar e tenho certeza de que esse nunca foi o objetivo do professor Valmir e por isso ele é tão grande. Ele cresceu tanto, pois veio de algo muito humilde e de um objetivo muito singelo, mas de um propósito de trazer algo para nós que nem o professor sabia onde aquilo iria chegar. Mas ele sabia que era algo interessante e grande. E eu vejo também o festival quando ele teve essa parceria, quando ele se aliou a CMPC celulose que é a maior empresa da cidade, sempre deu a sua contribuição e acho isso incrível. Assim como outras empresas e como o governo do município deu uma notoriedade maior... então, vemos a importância de se aliar às instituições quando a gente tem um propósito a mais e quando sabemos o que a gente quer e a quem beneficiar. Como o professor Josias que está lá na Universidade plantando as sementinhas dele e não sabia onde germinaria. Então, os benefícios que o festival trouxe para Guaíba é impressionante e impactante para a nossa cidade em termos de cultura que nunca mais vai se apagar. Essa história já é viva aqui para todos nós. E é uma arte coletiva. Eu me vejo como professora mediadora. O quanto é importante para a gente em sala de aula oportunizar o acesso aos alunos para terem essa visão ampla de trabalhar com audiovisual, o quanto isso é importante para eles. Eu retornei para a sala de aula em 2017 e já tinha uma boa formação por tudo que eu tinha participado no festival, tanto nas formações como nas organizações... então, foi o ano que decidi trabalhar com vídeo na escola. Cheguei na escola, como professora nova, super admiro meu diretor e minha vice-diretora, então, eu sabia que no momento certo eu conseguiria alcançar meu objetivo de trabalhar com audiovisual com os alunos... e lá não tinha nenhum professor empenhado nisso. Em 2017, lembro que no início do ano a escola teve uma questão do bullying, que tinha muitos casos de bullying, então, fizemos um projeto onde cada professor deveria implementar algum trabalho que tratasse sobre o assunto. Pensei: é agora que eu vou me encontrar e vou conseguir entrar com audiovisual. Então, entrei em contato com o professor Josias e ele me deu todo o apoio e me disse: "Jana, vai com tudo!". Ele me passou todo o material riquíssimo da universidade e eu fiz uma formação com meus alunos. E eu tinha uma sala para trabalhar com literatura. Então, eu tinha o Datashow, a tela e uma sala que eu organizei para ser toda diferente e eles amavam a sala de literatura. Só aí já conquistei meus alunos e com a escola fizemos uma parceria com a Universidade Federal de Pelotas, com termos assinados e tudo mais com o professor Josias. Com o apoio da escola fiz as formações. Me coloquei no lugar dos meus alunos e vi como as formações foram importantes para mim. Não queria só mostrar os vídeos e falar que eram capazes. Queria formá-los e a parceria com a Universidade foi fundamental para poder oferecer isso tudo a eles. Qual a importância de se trabalhar com vídeo. E eles precisavam ter vontade de fazer aquilo, aquilo teria que fazer sentido para eles senão aquilo se perde. Então, para mim foi sensacional poder ter as formações e quis mostrar para os alunos a importância disso, porque tinha sentido. Precisava ter propósito. Precisava ser educativo. Desde o início do



pensamento deles tudo tem uma linguagem. Passei para todas as minhas turmas e eu tinha umas 10 turmas. Todas elas foram formadas nesse primeiro momento e eu lancei esse objetivo: nosso trabalho em literatura será um vídeo sobre bullying. E aí fizemos. Cada turma precisava produzir um audiovisual e a nota era coletiva. Precisavam trabalhar juntos e eu queria muito que eles entendessem a importância do coletivo. Mostrar que para aquele que aparece na frente da câmera tem todo um trabalho que acontece por trás dela. E eles eram crus... conhecimento zero dessa parte e nós conseguimos fazer uma mostra de vídeos. Foi tão bonito e tão significativo que o diretor assistiu e pediu para que no final nós fizéssemos uma mostra para os pais. Os vídeos foram apresentados para os alunos também dos anos iniciais, já que trabalhei com os anos finais, porém com a ideia de dar continuidade para o trabalho... pois, logo o meu diretor viu que não era um trabalho qualquer e havia todo esse respaldo da Universidade e com todo o conhecimento que eu adquiri trabalhando no festival me deu esse Know-how. O professor Josias esteve na nossa escola, assistiu os vídeos, os alunos ficaram encantados com ele só de saber que ele era de uma Universidade. E a minha caminhada na escola com audiovisual foi assim. No primeiro ano deu muito certo e os alunos do sexto ano que eu estava trabalhando todos eles queriam trabalhar com vídeo a cada ano... e foi comprovado na nossa escola que os casos de bullying diminuíram. Foi um trabalho de orientação e o trabalho com audiovisual deu muito certo e demos a nossa contribuição também com o número de casos baixando na escola. Quando eu fui trabalhar formando-os para audiovisual eu queria que eles ali percebessem que eram colegas, teriam que se respeitar, trabalhar em conjunto e diversas situações disciplinares que tu vai trabalhando e vai alimentando aos pouquinhos aquilo e percebendo que o objetivo foi alcançado. Eu acredito muito no audiovisual. E aí o que aconteceu, nos outros anos eles queriam vídeo. Eu era a “sora” do vídeo. E o que me facilitou? A questão da tecnologia. Eu tinha uma GoPro e tudo foi muito mais fácil com o desenvolvimento da tecnologia ao longo do tempo. Meu trabalho se beneficiou demais por conta disso. Continuamos nos outros anos com temas educativos e na nossa escola teve Mostra a cada ano. Participamos do Festival de Guaíba, fomos premiados, na Barra do Ribeiro, e esse ano fomos premiados no Festival Virtual de Guaíba. Nossa escola participou com 16 filmes e ganhamos com 10 destaques. Foi a escola com mais vídeos inscritos. Isso tudo foi um trabalho. Não cheguei aqui com esse sucesso desse ano, mesmo sendo virtual, mas eu enxerguei que tudo aquilo que foi plantado há 4 anos está acontecendo agora. Só foi possível porque esses meus alunos que estavam no sexto ano quando dei essa formação são os “nonos” de agora e são os alunos que mais fizeram vídeo na nossa escola, que se apaixonaram por cinema. E se entregaram quando eu lancei a ideia de ter um festival de vídeo diferente dentro da escola. Seria um festival virtual e em nenhum momento eles pensaram: não dá para fazer. Eles conseguiram. Se organizaram, filmaram nas suas casas, juntaram e editaram. Foi emocionante perceber que foi um trabalho feito com muito carinho, amor e dedicação... e que eu não teria conseguido se não fosse toda a minha formação, esse conhecimento e essa vontade que o festival me fez ter desde o primeiro momento. Esse acesso à Universidade, ao professor Josias e o quanto esse festival em 20 anos só me deu coisas fantásticas pra minha vida pessoal e profissional. Pessoal, porque a gente vai estudar o cinema e tudo o que tá atrás de uma cena, o que uma cena quer te dizer... muita coisa eu aprendi com as formações oportunizadas com cineastas e estar ali na frente de um Jorge Furtado e ficar “Meu Deus, o que eu posso fazer



para agradecer?!". É isso, é incrível. Eu posso confirmar os benefícios que eu já vi, a mudança que muitos alunos têm de comportamento e atitudes, trabalhar com audiovisual tu dá muita importância pro seu aluno, porque tu dizes pra ele que ele é capaz, ele consegue e tu acredita nele, a professora tá aqui pra apoiar, mas quem faz são eles. Tenham coragem. E a coisa foi se multiplicando, eu tenho relato de alunos que falam que querem trabalhar com isso, querem fazer aquilo da vida, profissionalmente. E eles são do ensino fundamental, então, assim, para mim é uma alegria, é incrível. E outra coisa, também, logo no início eles tinham uma ideia do que fazer, mas depois eles diziam, muitas vezes, eu tinha que dar um fechamento, uma ajuda e mentoria, aí eles diziam: "Sora, como a senhora tem tantas ideias?" e eu sempre digo pra eles: "Porque a Sora lê muito, vê muitos filmes e vídeos e isso enriquece a nossa imaginação". Então, até nisso eles começaram a perceber, que precisam ler mais e imagina, eu como professora de literatura, olha o ganho que eu estava tendo com o audiovisual, mostrando pra eles que a leitura é muito importante é a base para termos ideias ou assistir filmes, eu sempre falo pra eles, pergunto se assistiram as coisas e isso eu tento passar pra eles porque eu vejo o quanto isso me enriquece, o quanto o cinema me dá essa maturidade, o quanto o cinema e a leitura enriquecem a minha imaginação criativa, para que a minha produção seja mais criativa eu preciso reconhecer todo o valor que tem por trás da literatura, do cinema, das artes no geral e como isso influencia e tem impacto na nossa vida. Então, é isso que eu tento lançar para os meus alunos, é bem esse efeito dominó de que vai chegar lá. E assim, nós já produzimos documentários, propagandas, já produzimos muitos vídeos que eu gostaria muito que vocês vissem nosso material. Eu não tenho palavras para dizer... e hoje se a gente pegar os vídeos desse ano e comparar com os vídeos do começo a gente já vai ver muita evolução, eles melhoraram muito. E esses alunos do nono ano eles fizeram um vídeo e concorreram na categoria Livre. Eles fizeram um videoclipe contando todo o desenvolvimento deles na escola, então, vai ser um vídeo que eles vão levar pra vida deles como recordação, recordação desse momento histórico de pandemia e como algo que ficou documentado da vida deles, de fotos antigas, da turma, tudo o que eles vão poder levar pra vida que eles construíram na escola está ali documentado, tá no audiovisual, então, o quanto isso é importante, talvez mais tarde eu vou tá já uma senhora idosa e vou ver os meus alunos comentando que viram os vídeos e lembraram da nossa história juntos. É emocionante, é só gratidão, o tempo inteiro, eu agradeço essas pessoas que abraçaram essa ideia junto com o Valmir, como vocês. Eu conheci alunas do professor Josias que já devem estar formadas, que ensinavam a gente como fazer as coisas, mexer em equipamentos, e o professor Josias, com todo o conhecimento dele nos dando essa base importante e o quanto para mim fez diferença. Sem dúvida nenhuma, essa formação e, também, de dar esse valor através da Universidade, isso conta muito, até para os pais. Para minha escola aquilo foi importante, por estarmos com projetos e parcerias, e é incrível como isso pode se multiplicar e chegar aonde a gente nunca imaginou. E uma coisa que me marcou bastante que foram essa aproximação com outras instituições que também desenvolveram, que viram no audiovisual algo extremamente importante... O projeto Educavídeo da cidade de Gramado-RS, com a professora Denise Foz, ela esteve no nosso festival com os alunos dela para conhecer o festival de Guaíba. Ela se encantou e dali ela já continuou valorizando o projeto que ela tinha em Gramado e eu lembro que depois, em 2016 ela virou Secretária de Educação e o Educavídeo cresceu de uma forma incrível né, porque



depois ele se anexou ao Festival de Cinema de Gramado. Então, nós professores, participamos de formações de vídeo em Gramado, nós na secretaria de educação levamos os professores para formações em Gramado através do Educavídeo. Essas trocas, essa riqueza de pessoas envolvidas no audiovisual é infinitamente maior, é tudo de melhor que pode acontecer. Parece que quando une as pessoas que acreditam nessas ideias... e são essas pessoas que vão continuar multiplicando para aqueles que ainda não tem, não tiveram oportunidade, são essas pessoas que vão oportunizar essas situações que talvez um professor recém-formado não teria ideia de que poderia acontecer. O Educavídeo hoje é enorme em Gramado. O Festival de São Léo em Cine da cidade de São Leopoldo-RS, criado e coordenado pela professora Eliane Candido com a parceria do professor Josias da Universidade Federal de Pelotas... Nossa! Eu participei, fui jurada do festival, uma riqueza, um evento excepcional! A professora Eliane foi impressionante, o trabalho foi incrível junto à Secretaria de Educação, então, eu fico pensando assim: e se todas as secretarias de educação do país, do estado, entendessem, vissem o quanto esse fazer vídeo dentro do espaço escolar pode impactar na vida dos seus alunos. Nossa, meu Deus do céu... a nossa educação já estaria em outro patamar. Tem uma boa caminhada, mas, nós assim, pessoas envolvidas, sou admiradora de muitos professores que têm esses núcleos de cinema na escola, mas, às vezes, tem pouco apoio, às vezes, é o professor ali sozinho em uma luta heroica e solitária. Conheço professores que não tinham o apoio nem da direção da escola, então, quando a gente vê que nossa “eu consigo fazer, mas com apoio” é outra coisa, eu vejo que lá no início do festival, quando eu participava somente de formações, mas via que aquilo iria crescer de tal forma que hoje a gente vê o quanto isso se transformou, eu vejo que lá atrás, bem no início do festival, em 2001, eu vejo o quanto o festival foi inovador. Em seguida, com a Universidade Federal de Pelotas eu vi, como o professor Josias é empenhadíssimo, interessadíssimo em desenvolver e ajudar o professor. Então, cada vez mais, eu penso assim: Devia ter um Josias, no mínimo, em cada universidade deste país, para poder ampliar esse mundo, porque tem mais ainda para desenvolver. Mas eu vejo que graças aquele primeiro passo que eu estou aqui falando essas coisas pra vocês, então, o primeiro momento é a primeira vez, o primeiro... e eu vejo que foi graças ao Valmir que deu esse primeiro passo em 2001, que hoje ampliou um universo pra todos nós e graças a essa vontade dele de ampliar de agregar pessoas que gostam e acreditam e não querem ficar na mesmice é tão difícil... Então, eu digo que é muito melhor agora. Vou dar um exemplo, nessa nossa época de quarentena esses trabalhos dos nossos alunos da escola foram avaliados em outras disciplinas, não só na minha, então teve essa parceria, teve esse olhar diferenciado para o aluno que estava tendo a vontade, a coragem, eu acredito muito na escola que desenvolve a questão da autonomia de fazer e acontecer. Nesse ano tão complicado eles conseguiram produzir e se saíram super bem e eles estão tão felizes com a repercussão que teve na cidade, porque é um festival reconhecido no mundo né, então, eles ficam muito honrados de participar e isso mexe com a autoestima do aluno. Eles lembram do festival, do professor Josias, das formações que eles tiveram e isso é tudo o que eu queria e quero continuar, sem dúvida nenhuma, ampliando cada vez mais, tendo acesso a tudo o que tem disponível para nós e depois passar isso para os meus alunos. E é muito gratificante, eu digo pra vocês que foi pra mim fundamental tudo o que foi feito depois na escola, eu produzindo como responsável pelos meus alunos, eu não teria feito nem perto disso sem o apoio que eu tive, desde esse primeiro



passo que o professor Valmir deu, graças a ele ter se aliado à essas cabeças pensantes, que é o professor Josias, com uma equipe incrível, que ele sempre falou muito: “Jana, é muito importante os meus estudantes, os seus alunos estarem engajados, eles também acreditarem, também valorizarem tudo o que acontece”. Eu sou grata a todos!

JOANA - Outras escolas de outros municípios também participaram desse momento de mostra. Os alunos adoram... “Esse filme veio do Rio de Janeiro, esse de São Paulo, esse do Acre.” Teve um pessoal do Acre que passou uma semana conosco, outros de Florianópolis. Nós daqui também visitávamos Gramado para conhecer o Festival. A comissão de cada escola. A gente saía de manhã cedo e ia para Gramado. Uma época participamos, enviamos nosso material, assistimos naquele telão enorme... então, incentivou muito eles. Foi um marco. Gramado também esteve conosco para descobrir como funcionava o nosso festival para que eles também pudessem realizar mostras estudantis.

RAFAEL - A produção audiovisual a meu ver é uma grande ferramenta pedagógica. Por quê? Primeira questão: a produção audiovisual é uma arte coletiva, tu não fazes sozinho. Existem mitos, principalmente quando a gente fala de cinema, que tem essa centralização na figura do diretor né, aqui no Brasil isso é muito forte, mas, na verdade, é um trabalho em equipe, ninguém faz nada sozinho! Então, tem que juntar esses alunos pra eles fazerem o filme, primeiro tem que debater qual história eles querem contar, que tipo de filme vai ser e, nesse primeiro momento, é uma tempestade de ideias. A gente sabe que crianças e adolescentes isso é normal, eles têm essa fase de se impor, então, é um exercício saudável porque eles aprendem não só a colocar a sua ideia como, também, a defendê-la, e a ouvir a ideia do outro, que pode também vir a acrescentar algo na sua ideia. Então, começa por aí, a produção audiovisual, o processo, não estou nem falando do produto final, estou falando do processo, é uma grande ferramenta para trabalhar a comunicação entre os estudantes e entre o professor também, porque o professor está ali, ele é um articulador. Ele não pode deixar aquilo virar um caos, mas também não pode impor sua ideia, porque senão grande parte do processo vai embora, perde o encanto. Dito isso, eles aprendem também a se organizar, por exemplo, designar tarefas, eu vou produzir, você vai cuidar dos figurinos, outro vai cuidar de escrever a história, então eu tenho que confiar em ti, por que eu só vou conseguir fazer o meu trabalho se tu fizer o teu trabalho. E isso me encantou, a dinâmica do audiovisual, não só como profissão, que é uma outra coisa, mas como uma ferramenta dentro das escolas, ele é algo interdisciplinar, qualquer matéria pode usar. Acho que isso vem até da minha própria origem, a minha produção audiovisual começou comigo querer fazer um filme e contar uma história; e eu adoro fazer isso. Hoje em dia, eu vivo disso, mas começou como uma forma de fazer um exercício que eu tinha que fazer e essa era uma forma que eu ficava mais a vontade de fazer. Provavelmente, aprendia muito mais do que se eu fosse decorar ali, ir lá para frente dizer um texto todo decorado, sair dali e esquecer absolutamente tudo o que eu acabei de falar. Eu acho que o Festival é muito importante, principalmente, porque ele proporciona uma troca ou ao menos tem esse potencial, entre alunos e professores de diferentes regiões. Isso eu acho que é o essencial, porque quando falamos de cinema estudantil não existe uma caixinha dizendo como temos que trabalhar. A gente tem professores que veem essa ferramenta das mais variadas formas possíveis, não



existe uma forma errada de se trabalhar, a meu ver, mas a gente vê um lado indo para o norte e outro indo para o sul. Então, quando a gente tem esse festival, a gente faz para os professores trocarem experiências, primeiramente, mas para os alunos também. Pensar em quais foram as experiências que ele teve ao fazer estes filmes? Como acrescentou em nível pessoal na sua vida? Uma coisa que eu percebo muito, uma coisa a nível de mercado mesmo, porque as crianças fazem isso com paixão, é uma coisa que a gente sabe, no mercado a gente vai fazendo e... como dizem, “a realidade esmaga teu espírito” (risos) e vendo outros trabalhos você resgata isso, entende... e claro, o festival tem a questão da competição saudável e ele ajuda a evoluir e a aprender. Então, no caso do festival que é uma mostra competitiva né, tem outros festivais que funcionam apenas como Mostra... Mas cada festival tem sua filosofia né, mas no caso do festival de Guaíba eu gostei que ele sempre foi muito sério... se tiver que premiar o mesmo filme dez vezes vai premiar o mesmo filme dez vezes, claro que não é o ideal, mas depende muito de cada ano também, porque tem que se aprender a ganhar e a perder é parte do processo pedagógico também, principalmente, quando tu manda o teu filme para o mundo. Geralmente, a gente fala que faz cinema estudantil, mesmo de cinema estudantil ele ainda é cinema, ele tem objetivos diferentes do que é feito no mercado ou até do cinema universitário que também está muito mais voltado para o mercado, mas ele ainda é cinema e ele tem que ser visto como tal. Ele também é arte e, às vezes, tem isso de dizerem “ah não, uma brincadeirinha que os alunos fizeram” e não bem assim, isso aqui é sério, eles estão trabalhando, estão trabalhando a própria matéria, as relações sociais, estão trabalhando várias coisas. Assim, os alunos estão trabalhando habilidade de pesquisa, imaginação, criatividade, então o festival é importante para isso também. E eu acho que o festival é uma oportunidade de trazer a própria comunidade para dentro da escola, isso é outro potencial fantástico que ele tem. Porque, às vezes, a escola é um pouco afastada da comunidade e por meio de uma atividade cultural como cinema, que é muito popular, é uma porta para aproximar a comunidade do ambiente escolar. No caso do festival, ele acontece dentro de um colégio estadual, isso é irrelevante, ele poderia ser em um municipal ou até particular. Trabalhando dentro da escola, mais para a parte da educação da mensagem, isso é algo que se debate muito, por exemplo, os alunos têm que trabalhar a questão do desperdício de água e eu sempre digo para os meus alunos, vocês podem fazer, mas não façam um manual dizendo o que precisa fazer, não coloque o personagem virando e dizendo “gastar água é feio!”, vocês podem colocar isso dentro da história de vocês, o educativo não significa tratar o seu público como se ele não soubesse raciocinar, e, às vezes, essa confusão acontece... porque, às vezes, tu está avaliando o teu próprio aluno por baixo entende? E eu acho que é até o papel do professor de desafiar o aluno: “Contem-me uma história em que eu entenda que não posso desperdiçar água, que a água tem um valor essencial na vida. Eu vou aprender muito mais do que se você colocasse um aluno com uma pia ligada, gastando água, para me dizer que não posso gastar água”. Então, essa é a questão, por isso eu digo que o cinema estudantil ainda é cinema, o cinema estudantil ainda que tenha um viés educativo, e tem que ter mesmo, ele não é um guia, não é para ser um outdoor dizendo o que fazer e o que não fazer, é isso que eu digo e defendo fortemente. Porque a linguagem audiovisual é uma linguagem por si só e é uma linguagem que nós, seres humanos, conhecemos inconscientemente. Porque se for pensar, a nossa memória é audiovisual, quando tu vai lembrar de algo tu lembra de como tu estava em



relação às imagens e, muitas vezes, a gente até coloca trilha sonora. Então, a gente conhece inconscientemente, mas a gente não domina tudo e eu acho superimportante para os estudantes dominarem essa linguagem. Eu não acho que os alunos têm que sentar ali e fazer um filme, necessariamente, mas se ele conseguir sentar na frente da televisão e na frente da internet e não ser tão passivo em relação aquilo que vê, ouve e lê, se ele conseguir entender a linguagem básica, estamos no lucro. Eu não quero que o aluno saiba o que é decupagem, plano médio, plano geral, como a gente falou, a ideia nunca foi formar realizador, se formar melhor ainda, se for uma porta de entrada fico superfeliz, mas o objetivo principal não é esse. É a visão de mundo que o audiovisual nos possibilita, trazer a comunidade para dentro. O nosso curso, por exemplo, ele era aberto à comunidade, trouxe essa troca entre alunos e professores. E a gente percebe que eles querem se expressar e os alunos também. Acredito que o professor está ali como um mediador, claro, a gente sabe que, às vezes, o aluno tem alguma ideia que pode ser ofensiva, de alguma forma, ou preconceituosa. Então, o professor tem que intervir e dizer que ele não pode contar aquela história por tais motivos. Porém, ao mesmo tempo, vamos supor que o aluno, ele não tem uma mensagem clara de como é a questão da água, entendeu, ele sabe contar uma história de um cara passeando na quadra, se tiver uma proposta por trás disso, mas sem uma mensagem clara tá ok. O produto não é onde está o processo pedagógico, o processo pedagógico está no processo em si, no fazer. Não precisa obrigar os alunos a fazer um filme com uma mensagem, não precisa ter uma mensagem... Tem que cuidar para não ser um desserviço, a gente sabe que estamos em uma época com muito retrocesso, então, cabe ao professor ficar atento. E ao mesmo tempo, a gente tem que valorizar mais o processo do aluno do que o produto final. Claro, a gente quer que o produto final fique bom, não estou dizendo que não importa, mas, às vezes, tentando alcançar um produto bom tu acabas bloqueando o processo pedagógico. O festival é a combinação, é o momento de celebrar. O fato de perder ou ganhar faz parte do jogo. Claro que todos querem ganhar, é natural. Ainda mais que o festival, o grande evento, é a mostra do ensino médio destes adolescentes dos 14 aos 18 anos. Conversamos com os alunos que perder também é um momento de reflexão, onde ele pensa os motivos de não ter ido bem, se forem fazer um filme no próximo ano, talvez ele pense muito mais em algum ponto que antes não foi pensado e isso foi um aprendizado, a derrota também é um aprendizado, e nem mesmo é derrota, é “deixar de ganhar”. Então, tirando toda aquela parte que a gente falou da troca, a competição também é importante. Dificuldade é a mãe da criatividade, por isso é importante ir fazendo esses ajustes. É uma coisa que eu sempre falo e uma frase que eu parei de usar porque eu achava que assustava demais os alunos: que o produtor é a pessoa que cuida da parte prática do filme e pensa planos para caso as coisas derem errado, e elas vão dar (risos). Nem sempre fazer cinema é um mar de rosas, às vezes, em uma dificuldade um aluno acaba desistindo, acontece, faz parte do processo, temos que fazer de tudo para que isso não ocorra, mas está além do nosso alcance. A gente sabe como funciona a comunidade, o habitat escolar, por falta de termo melhor, microcosmo da escola. Na escola temos pequenos grupos que não se comunicam, eles estudam na mesma sala de aula e, sei lá, trocam 20 palavras. E durante o processo tu une grupos que talvez não conversassem, eles começam a dialogar e ver muito mais coisas em comum do que eles achavam que tinham. Então, como tu colocou: a dificuldade - ou ela afasta ou une. Acho muito legal quando você vê aqueles alunos que tu nunca viste conversando e eles estão



ali e estão conversando sobre o projeto, como fazer. E por quê? Porque estão dividindo o mesmo sonho! Talvez em aspectos diferentes, mas estão. E ninguém pode ser obrigado a fazer. Tipo, se o aluno é obrigado a fazer já é metade do caminho para dar errado. O processo não aconteceu do jeito que deveria. Então a gente faz a divulgação para se inscrever no festival, mas você não pode fazer um filme pensando que o filme vai para o festival e ganhe um prêmio. Explicamos que isso é consequência. Se vocês quiserem fazer o filme e só exibir dentro da escola, não tem problema, mas claro, o ideal é que compartilhe com a cidade, sempre digo isso, mas ele não pode virar essa pressão, né? Senão, o objetivo se perde.

Pergunta 8 - Quando o Festival de Guaíba se tornou internacional, o que você achou?

PATRICIA - *Imagina? “Viu professora! É da Argentina!” Viu como temos que cuidar do espaço da gente e eles se interessam em enviar vídeos para nossa cidade? Então, vocês são tão importantes quanto eles. Aqui em Guaíba, na zona mais periférica, eles têm mania de dizer “Professora, hoje nós vamos para Guaíba?” E eu digo: vocês estão em Guaíba! “Mas a gente vem da vila”. Vocês são guaibenses como eles e hoje vamos no centro da nossa cidade. Não “em Guaíba”. Por tudo isso e muito mais, temos que levar eles para verem os vídeos e haver essa integração e ver o mundo como um todo. Não é melhor que eu porque mora em Porto Alegre ou no centro de Guaíba. Todos somos importantes e fazemos a diferença. Os meninos da periferia produziram os vídeos. Se no ano passado não tivesse pandemia eu ia fazer com a EJA... porque eles tiveram poucas chances na vida e tu pega aqueles adultos na quarta série primária e eu queria fazer vídeo com eles... Eles dizem que são velhos e burros e eu digo que não, por isso pensei nos vídeos. São adultos que se menosprezam e eu sempre digo que eles têm muito pra dar e, tenho certeza, de que eles têm mesmo. Peço sempre pra dar aula de artes e sempre invento. História em quadrinhos, teatro e eles ficam receosos. Eu trabalhava em uma escola muito pobre como diretora e sempre gosto de voltar lá porque é um espaço que tem muita vulnerabilidade. Tem muito tiroteio por lá, um aluno colocou fogo na escola. Então, a comunidade toda se uniu e, hoje em dia, a escola tem horta, eles trabalharam e durante 3 anos não tinham banheiro. A escola sofreu de tudo naquela vila e a comunidade não abandonou a escola. E prometo para ti que quando eu voltar lá vou fazer um vídeo com aquela gurizada. E ganhamos, em 2018, o festival de dança! Troféu, certificado, tudo nessa escola. Conseguimos uma van e dançaram até no mercado público de Porto Alegre!*

INÊS - *Sempre participamos, assistimos aos filmes, levamos os grupos para ver os lançamentos. Então, o filme internacional é legal porque ele dá mais horizontes. Sai desse mundo de pertinho e traz vivências de outros lugares, outras situações. Quando eles viam os de Santa Catarina já era um deslumbre, pois mostrava as praias... imagina o internacional.*



JOANA - *Sobre o festival internacional, fomos convidados para ir para a Argentina. Fomos com os alunos, MacGiver e Michele. Não me envolvi muito, mas lembro que naqueles 10 anos atrás uma plataforma chamada Movie Beta, da Espanha, uma plataforma de cinema, cujo organizador era gaúcho. Ele nos descobriu e veio oferecer para nós. E precisávamos fazer uma seleção dos filmes. Escolhemos os filmes que não precisavam de legenda e encontrávamos um material riquíssimo e gratuito nessa plataforma. Aos poucos o pessoal ia inscrevendo os seus filmes e nós utilizamos essa plataforma para fazer a mostra internacional. Os filmes da mostra internacional não eram vídeos estudantis, mas aí analisamos as categorias e faixas etárias para debater com os alunos e utilizar os filmes para fins pedagógicos. Nenhum filme era “passado por passar”. Durante a divulgação dos filmes internacionais nas escolas já distribuímos as sinopses e as faixas etárias, mas a maior parte era de classificação livre. Então, os alunos e professores aproveitaram muito os debates para referências e aprendizados. Alguns eram legendados e outros não, então, escolhemos aqueles que não precisavam de legenda para contar a história. O SESC, que era parceiro também, fornecia documentários, mas havia uma curadoria muito forte para escolher esses filmes. Tudo era assistido antes de ser veiculado.*

3.3 A Produção de Vídeo Estudantil na visão dos alunos

Neste subcapítulo apresentaremos a visão de ex-alunos, ou seja, um pouco de sua memória de quando eram alunos e participaram do Festival de Cinema Estudantil de Guaíba. Fazer vídeo é algo lúdico, é uma ação que os alunos gostam de fazer, além de trazer uma linguagem que está próxima de sua realidade. Segundo Pereira (2014), fazer vídeo para o aluno é o momento que ele tem voz dentro do espaço escolar. É o momento que ele utiliza todo o aprendizado que teve ao longo dos anos para desenvolver um vídeo que ele e seu grupo idealizaram.

Se analisarmos os vídeos feitos por estudantes nos últimos 20 anos (2001 a 2021), podemos perceber o quanto eles cresceram e aprenderam sobre a vida e sobre a técnica. Por isso, este é o momento em que os ex-alunos trazem lembranças de como foi fazer vídeo na época em que eram alunos e a sua relação com o referido festival, mesmo após terem saído da escola.



a) Vai muito ao cinema? É cinéfilo? Gosta de ir ao cinema? Qual sua lembrança mais antiga com o cinema?

EDUARDO – O meu nome é Eduardo, sou natural da cidade de Guaíba. A cidade já teve cinema, depois ele foi desativado e agora o prédio onde se encontrava já não existe mais. Eu nasci na década de 1990 e esse cinema já não funcionava na cidade, tanto que a primeira vez que eu fui em uma sala de cinema foi em Porto Alegre, cidade vizinha, do ladinho de Guaíba. Na época, eu devia ter uns 9 ou 10 anos. Hoje em dia as crianças já vão cada vez mais cedo, mas eu demorei pra ir ao cinema, então eu acho, tenho certeza na verdade, que meu primeiro grande contato com o audiovisual foi a televisão. Na década de 90 em especial, a televisão aberta, especificamente, ela era muito visada. Hoje em dia a gente percebe que a televisão aberta perdeu um pouco do seu impacto devido às outras mídias. Nos anos 90 eu passei a minha infância assistindo televisão. Então, eu assistia muitos filmes, era uma criança que adorava filmes de terror, normalmente, as crianças têm medo, mas eu adorava filmes de terror. Naquela época esses filmes, inclusive, passavam durante a tarde, hoje em dia tem a questão da censura e a classificação indicativa e já nem permitem que isso aconteça, mas a década de 90 era um episódio a parte da humanidade (risos), e telenovela também, sempre gostei muito de assistir novela, as narrativas das novelas e de todos os horários.



Figura 3 – Videocassete

Meu primeiro fascínio pelo audiovisual foi, propriamente, pela televisão, antes mesmo de ser pelo cinema. Eu tinha contato com filmes exibidos na televisão e depois, um pouco mais grandinho, tinha o videocassete (Figura 3), o nosso querido e extinto videocassete, adorava ir às locadoras ver os filmes, mas minha sessão favorita sempre era dos filmes de terror.

Então, essa fase foi muito assim: da telenovela e da televisão na minha vida. E aquilo me chamava muito a atenção. Na minha família não tenho ninguém que seja do meio artístico, mas ao mesmo tempo quando eu assistia televisão a questão da atuação me chamava muito a atenção. Assim, começou a me despertar o interesse em querer ser ator, mas, enfim, em 1990 não tinha internet, basicamente, a discada começava a engatinhar no Brasil em 1995. Então, a gente não tinha essas informações todas que a gente tem hoje em dia. Eu pensava: como se faz para ser ator? Eu não sabia o que tinha que fazer, se era faculdade ou curso. Eu não sabia. Comecei aos poucos a me interessar pela atuação, então, comecei a fazer teatro no núcleo teatral do Instituto Estadual Gomes Jardim de Guaíba, que é um grupo muito antigo aqui da cidade e é muito importante. Neste espaço comecei a fazer minhas primeiras peças, meus primeiros trabalhos como ator, então, à primeira vista, eu queria ser um ator e o festival foi um estímulo para isso!



LEONARDO - *Sim, não toda semana, mas sim. Nós íamos sempre em família, sempre gostei de ir. Gostava de filmes de comédia, quando eu era menor gostava muito de filmes de animação.*

b) Como você entrou no festival? Como começou a participar dele? Como conheceu o festival?

LEONARDO - *Foi no Anita Garibaldi, eu estava no quarto ano, tinha dez anos e um amigo meu tinha feito um roteiro e mostrou para a professora responsável pelo laboratório de informática e ela disse: Vamos fazer um vídeo? Então, fui convidado para fazer o papel do professor, da história que ele fez. Nós gravamos em um dia, eu acho, e esse foi o primeiro vídeo para o festival. Não, foi só nossa turma. A escola toda participa, todas as turmas participam. Aí a gente juntava um grupo, fazia o vídeo na escola e nos inscreviam no festival.*

c) Qual foi e como foi sua primeira participação no festival através do envio de um vídeo, quem participou?

EDUARDO - *E aí eu chego no ensino médio. Eu estudava em um colégio chamado Cônego Scherer e o meu amigo, um grande amigo de infância, nós acabamos nos separando no ensino médio, cada um foi para um colégio diferente porque nosso colégio anterior só tinha o fundamental, não tinha ensino médio. Então aquela turminha de amigos acabou se separando e esse meu amigo, o Roger, ele estudava no colégio Estadual Gomes Jardim. Ele era aluno do professor Valmir, e aí, um certo dia, ele pegou e me disse assim, tipo: “Sabia que tem um festival aqui na cidade? Festival de cinema, que a gente pega e faz um filme e aí é exibido”. E eu pensei: “Nossa, não tinha ouvido falar desse festival”. Ele começou a “pilhar” e aí a gente se juntou e disse: “Vamos fazer um filme!” Eu pensando, nossa, que oportunidade né, conseguir atuar para câmera, aí nossa, primeira coisa que me veio, não conhecia de outra forma, vou tentar fazer vamos ver, mas claro, meu interesse maior era ser ator. Acabei, indiretamente, assumindo um papel de liderança como produtor também, então, apesar de eu querer, principalmente atuar, eu acabei fazendo todas as outras funções. Esse meu amigo me ajudou muito também, principalmente, com a operação de câmera. Ele entendia essas partes mais técnicas e ele era muito bom nisso. Acabei ficando com roteiro, dirigi e atuei, meus outros amigos também atuaram e a gente acabou fazendo esse filme, um filme de terror, obviamente, porque foi eu que escrevi e eu adorava filme de terror, terror/suspense, e a gente fez esse filme que se chamava “Na Noite”. Em 2005 e 2006, estávamos no Ensino Médio, e concorremos, então, na edição daquele ano do festival que deveria ser a 4ª ou 5ª edição da época, e ganhamos! E ganhamos muitos prêmios para um primeiro filme, ganhamos 4 ou 5 prêmios, eu lembro que ganhamos do júri popular, direção eu ganhei, melhor filme e uma das atrizes ganhou como melhor atriz coadjuvante. Ganhamos e eu pensei: “olha só, ganhamos...” isso*



deu um incentivo muito grande, de que nós somos capazes de fazer. E aí foi indo, cada um foi seguindo um caminho.

LEONARDO - *Eu só fiz o papel do professor nesse primeiro curta. Depois fomos assistir a mostra e a premiação na Ulbra. A turma toda e um pouco da escola foi junto, aí assistimos os vídeos. Fomos de manhã e de noite vimos a premiação. Todo mundo curtia, mas nem toda escola participava. Desde 2014 até 2019 eu participei todos os anos. 2020 eu não participei, porque fui para outra escola, uma escola de ensino médio.*

d) Qual importância que o festival e o vídeo tiveram para sua formação educacional? O que você gostou mais e o que não gostou?

EDUARDO - *Eu investi mais no trabalho de ator, eu procurei uma agência em Porto Alegre e aí me agencei, fiquei um pouco em São Paulo, estudei lá, fui pra São Paulo e fiquei 3 meses. Conheci pessoas do meio audiovisual, fiz alguns comerciais de televisão, gravei comerciais, fiz testes e, mais especificamente, gravei um curta-metragem para um pessoal que eram alunos do curso de produção audiovisual do SENAC de São Paulo. Fiz uma atuação, trabalhei num filme deles naquela época, em 2008. E isso foi em um estado bastante grande, porque eu fiz esse filme com eles como ator, pela primeira vez como ator, não precisando me envolver com outras funções e aí eu verifiquei como funcionavam, as técnicas deles, era um pessoal de faculdade. Era um nível que eu ainda não conhecia, com outros equipamentos, outros meios de trabalhar. Fiquei bastante encantado com aquilo e terminamos o filme, foi maravilhoso, e vendo eles trabalharem me chamou a atenção, que mundo mágico é esse do audiovisual, que coisa bonita! Voltei para o Rio Grande do Sul um pouco depois dessa época para fazer vestibular e pensei que queria fazer algo para o audiovisual, então, fiz o curso de Realização Audiovisual na Unisinos. Consegui me formar e trabalhei muito com televisão, trabalhei na TV Unisinos, na UFRGS TV, na TV Pampa, com algumas produtoras também e, paralelo a isso, continuei agenciado com uma agência de Porto Alegre onde fazia comercial e atuação, trabalhando nesse meio também, além da questão dos outros projetos paralelos que a gente acabou emendando. Foi o Festival que me mostrou e deu a chance de mostrar um pouco do meu trabalho e me incentivou a continuar, diretamente e indiretamente né, inclusive quando a gente fez nosso primeiro filme em 2005/2006 nós não tínhamos nem câmera, quem nos emprestou a câmera, aquelas HI8 que ia uma fita que chamava assim, uma fitinha, analógica semidigital, mas analógica ainda com fita, foi o professor Valmir que emprestou a câmera para o meu amigo. Ele era aluno do professor Valmir e nos juntamos e fizemos o filme. Por isso é muito simbólica essa minha relação com o Valmir, ele emprestou a câmera né, olha o gesto que ele fez, isso já é acreditar no aluno, entregou a câmera para o aluno, ele fazia muito disso, é uma característica muito forte dele de acreditar no aluno, é um mérito muito grande dele. Quando é algo para o aluno desenvolver o audiovisual ele nem pensa duas vezes ele vai lá e faz. Por isso entregou a câmera que ele tinha, do trabalho dele, para os alunos, pra mim que ele mal me conhecia. E olha que eu era de outra escola, ele conhecia só o Roger. E foi a partir daí que a*



gente foi se conhecendo e aí minha vida mudou para sempre né, a profissão que eu tenho até hoje foi desses meandros do festival. Assim, uma coisa seguiu a outra.

LEONARDO - *Nós fomos nos aprofundando com as posições de câmera, no roteiro, nas histórias, no jeito de filmar, no jeito de atuar, aí em 2017 ou 2016, nós formamos o grupo que estudava a fundo todas as técnicas do cinema. E dentro desse grupo tinha outro grupo separado, para pensar em outras formas de vídeo. Por último, agora, nós não estávamos conseguindo pessoas novas para o grupo, mas, recentemente, conseguimos e o grupo está forte de novo! Porque os alunos vão se formando e o grupo vai se renovando, então, precisamos de pessoas novas para continuar o projeto. Fazemos um vídeo como grupo e alguns vídeos separados, tipo, não é só um vídeo que a escola vai mandar no ano, quem tiver uma história boa e o grupo aprovar podemos fazer a história e mandar também! Eu acho que a gravação dos vídeos é a melhor parte, ou a gravação ou quando começamos a pensar na história, porque é aí que a nossa imaginação começa a fluir. Então, eu acho que a gravação e a história são as melhores partes. Eu desenho né, e o festival fez eu descobrir que sou muito bom animando, então, é nisso que eu estou investindo. Comecei a estudar mais sobre animação, tipo, desenhos animados de 1940 da Disney, que são muito fluídos né. O festival também ajuda a nos aproximarmos mais, tanto da tecnologia como das pessoas que estão à nossa volta. Além de aumentar a autoestima das pessoas também. Fazendo os vídeos as pessoas ficam mais empolgadas e isso eu vejo na turma, não só em mim. Tem gente também que não gosta de aparecer, mas fica atrás das câmeras! Pretendo, talvez, fazer graduação em história, pois teve um documentário que a gente fez sobre a História de Guaíba, não me lembro bem em que ano foi, acho que foi sobre os 90 anos de Guaíba. Aí fomos na Casa do Gomes Jardim, é um museu, para aprender mais sobre a história do lugar e da cidade, tiramos fotos e tudo. Aprendemos mais, além de fazer o vídeo.*



4 De aluno a professor

Ser aluno é um dos melhores momentos da nossa vida. Temos a liberdade de estudar e, na maioria das vezes, não precisamos trabalhar, só estudar. Essa liberdade gera e cria responsabilidades. Portanto, estes alunos estão em formação desde corporal, social, cultural e psíquica. Eles percebem as mudanças no seu corpo, no seu cérebro, como pensavam e como pensam. E agora, o que será que eu devo fazer? E o futuro como vai ser? E o medo de crescer? Como crescer de forma saudável sem medo do futuro e da vida? A escola é o espaço onde o aluno se socializa e aprende todas essas ações, emoções e divide com professores e colegas. A escola, para muitos alunos, é como a segunda casa. Alguns alunos ao saírem da escola sentem tanta falta do convívio e dos debates que voltam à escola depois de formados para continuarem a sentir essa energia boa que a escola transmite. Um destes alunos foi a Michelle, que outrora havia sido aluna do Instituto Estadual Gomes Jardim e, nesta escola realizou, juntamente, com outros colegas, o primeiro vídeo da escola e anos depois voltou à escola como professora.

Profª MICHELE - *O meu primeiro vídeo não foi para o festival, o professor deu um trabalho e a gente tinha que fazer um teatro. Então, a gente resolveu fazer um vídeo, porque ia ser mais fácil. Só que não é que nem hoje né, que todo mundo tem um celularzinho. A gente pegou uma câmera filmadora emprestada, começamos a filmar achando que ia ser uma maravilha, pegava um pedaço de um, um pedaço de outro e depois a gente se deparou com a tal da edição e aí a gente passou um pouco de trabalho pra editar o vídeo no videocassete. O professor Valmir que era da escola, ficou sabendo da “função” que estávamos tendo. Ele já tinha muita vontade de fazer um festival, já tinha conseguido até uma produção um ano antes, mas não vingou. Aí ele começou a estimular, fazer mais, trabalhar, e a gente até acabou fazendo um filme, só que daí foi um média-metragem e não acabou entrando como competição, mas participou do festival também. Então, no primeiro ano eu participei com dois, o vídeo ganhou 5 prêmios e o outro ganhou menção honrosa, porque não podia competir. Nesse primeiro ano a gente já participava como auxiliar do profe Valmir, ajudando a organizar as mostras, mas era informal, era um festival pequeno de dois dias, se não me engano, e tinha pouquíssimos vídeos e a gente voltava para casa faceiros, cheios de troféus, era bem pequenininho. Então, aí começou a jornada, pois nos outros anos a gente continuou participando, todos os anos, de alguma maneira.*

Foi na Escola Gomes Jardim que comecei as produções. No primeiro ano todas as produções eram da escola, foi um festival quase que interno, era aberto



para todo mundo, mas as produções que saíram eram da escola. Eram vídeos mais curtos, pois gravar e editar em VHS era mais difícil. Tínhamos uma produção e uma equipe bem menor; inclusive os jurados assistiram os vídeos na hora, debatiam os vídeos na hora. Hoje em dia, se a gente for fazer isso, a gente fica 15 dias assistindo. Porque hoje, em 2021, com a ajuda da tecnologia, principalmente o celular, temos muitas produções.

No segundo ano a gente ajudava o professor Valmir na organização de tudo. Era uma turma muito boa, mas era muito bagunceira também. Na época era conhecida como uma das piores turmas da escola, mas era a que mais pegava / chegava junto e fazia as coisas. No primeiro ano do festival eu estava no 2º ano do ensino médio e no segundo ano do festival eu estava no 3º ano. Era o ano de sair da escola e aí eu participei com mais dois vídeos. Então, dois vídeos inscritos e três prêmios cada um também, e todos envolvendo a turma toda. Isso porque a gente era muito esperto, o professor pedia um trabalho e a gente já angariava pontos para todas as matérias para encaixar dentro do vídeo e aí todo mundo participava.

E uma coisa que eu acho muito interessante são pessoas que não apresentavam trabalho na frente da turma porque tinham vergonha, passaram ao longo desses dois anos a trabalhar isso, e o rendimento delas mudou totalmente dentro de sala de aula, a postura com os colegas. Para ti ter uma ideia, neste 2º ano a gente arrecadou dinheiro da cidade toda e ficou 15 dias em Tapes gravando um vídeo (*As Fantásticas Aventuras Filosóficas*³), só estudantes de 15 e 16 anos. Já podem imaginar o perigo, né (risos) loucura total, mas deu tudo certo.

E quase 20 anos atrás, eu me lembro que era tenso, fico pensando “gente, que povo louco de deixar um bando de adolescente, alguém emprestar a casa e dar tudo certo!” e ninguém se matou, foi tudo tranquilo assim (risos). E era legal que os professores da escola Gomes Jardim também se envolviam, tipo, a gente precisava de uma professora e eles ajudavam. Teve um ano que a gente fez, no segundo ano do festival, em 2003, um dos curtas era sobre a escola, sobre o cotidiano da escola. A gente inventou uma ficção e precisou dos professores da escola e eles se envolveram, participaram. Fizeram as ceninhas lá bem bonitinhas... e hoje é muito tranquilo, a gente vê muito professor fazer isso, porém 20 anos atrás, tu imaginar, é muita coisa, é muito diferente.

E, convenhamos! O Valmir foi um visionário, porque hoje tu pensar num festival de cinema, numa mostra, é muito tranquilo. Minha filha produziu mais de 100 vídeos esse ano, porque resolveu que todos os trabalhos da escola ela ia colocar no canal dela e transformar em vídeo. Então, hoje é muito fácil, né! Tem o celular, mas há 20 anos não era todo mundo que tinha um computador para fazer a edição. Eu fui ter muito tempo depois um computador de edição, com uma placa de vídeo boa, enfim, era só no videocassete mesmo que a gente editava, era muito difícil.

Então o Valmir foi um visionário sim, em pensar 20 anos atrás que isso era possível e que isso era uma ferramenta útil em sala de aula. Hoje eu sou formada em Artes por causa dele, eu digo que ele é culpado disso (risinhos) e com certeza é. Todo o meu trabalho de graduação foi mostrando a utilidade do vídeo em sala de aula, uma coisa que ele me apresentou há 20 anos, coisas que ele trazia já em 2001. No festival, se debatia e criticava a mídia. Aprendemos que não podemos acreditar em tudo que está na mídia, imagina que ele já estava ensinando isso aos alunos naquela época. Ah, se todo professor tivesse trabalhado isso né!! Não estaríamos hoje com esse problema de tanta notícia falsa por aí.

³ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=la6Vh_Z9tus.



No 2º ano começou a entrar mais vídeos, no 1º ano foram duas ficções apenas, e mais, esse meu outro que era maior e muita propaganda. No 2º ano começou a ficar mais estruturado, começou a surgir mais trabalhos de outras escolas. Foi o primeiro ano que eu fiz uma animação, então ali já começou a categoria animação, cada vez que a gente fazia alguma coisa o professor Valmir dava um jeito de fazer uma categoria!!!

Em 2004, a gente saiu da escola e, mesmo assim, a gente participou com um curta, mas não tinha o que fazer com ele. Neste ano a gente participou, mas não tinha nenhuma categoria que não fosse estudantil. Assim, em 2005, começou a mostra alternativa também, sempre procurando vídeos voltados para educação. Não uma mostra aleatória, começou como uma mostra alternativa para que os ex-alunos tivessem incentivo para seguir produzindo. Ele sempre estava pensando em como melhorar e isso foi melhorando muito. O próprio seminário de educação começou em um turno, depois passou a ser uma semana inteira de seminário, com um monte de palestras, um monte de atividades, fora as atividades durante o ano. Em 2005, então, teve a mostra alternativa e eu participei e aí meu vídeo foi premiado.

Depois, em 2006, eu comecei a participar como convidada mesmo, já estava na comissão organizadora, então, não faria muito sentido eu concorrer também. Iria ficar meio complicado (risos), mas participava de outra forma. Aí, em 2006, eu inventei de fazer um Super8. Então, o que o Valmir fez? Vamos botar uma mostra de Super8! (risos). Ele ia enxertando, porque se produziu tem que participar! Então, ele fez uma mostra Super8, por dois anos.

O festival de Gramado, na época, estava segurando a mostra de Super8, então o Valmir conseguiu ainda manter por uns dois ou três anos essa mostra, trazendo os mesmos filmes que participavam do Festival de Gramado sobre Super8.

Eu entrei como organização mesmo, como produtora, que na época eu tinha uma produtora de eventos, e passei a trabalhar mais na organização do evento, do planejamento. Tive que assistir os vídeos para selecionar, essa parte que é muito complicada de tu analisar trabalhos em um contexto totalmente diferente, pegar um trabalho da Vila São Jorge, que não tem estrutura nenhuma e comparar com os vídeos de uma escola particular, por exemplo, que vinham aqueles vídeos profissionais, então tinha que fazer todo um trabalho de analisar os vídeos dentro da realidade das escolas.

Enquanto eu estive na comissão organizadora essa era a proposta, depois, em alguns anos, foram trabalhos mais técnicos, porque as pessoas que estavam ali entenderam que era esse o objetivo, mas enquanto eu estive na comissão a proposta era de a técnica não ser o quesito mais importante, e sim, da gente conseguir ter um trabalho educacional, ou seja:

- Foi feito por alunos ou foi feito por professor?
- Foi feito por outros profissionais?
- Tem uma mensagem educativa?
- Tem um contexto dentro da realidade da escola?

Então, tudo isso sempre foi analisado vídeo por vídeo, era um trabalho bem complicado de se realizar, mas bem legal também.

Inclusive chegou em um ponto que alguns vídeos de algumas escolas que começaram lá no início do festival e mantiveram um núcleo, chegaram em um ponto tão profissional que aí entra a questão de como a gente iria equiparar? Começou o Valmir a criar categorias para conseguir dividir e não ser injusto. Porque, imagina,



eu trabalho em uma associação na Vera Cruz, que é vila da vila⁴. Qual o recurso que eles têm? Qual é? O meu celular. Eu falo “toma meu celular, vão gravar” e claro, eu explico, ajudo, mas é esse o recurso que eles têm, dentro de uma cultura de que é difícil marcar outro dia e outro horário e ter responsabilidades.

Não tem como a gente pegar uma escola que tem toda uma estrutura de cinema e comparar. Então, foram sendo criadas essas divisões de acordo com a necessidade. Tem bastante animação? Não? Então, vamos criar animação. Os pequeninos começaram a fazer vídeos? Como é que tu vais analisar o trabalho dos pequeninhos junto com os alunos maiores? Antigamente era tudo junto, mas chegou um ponto que teve que dividir e separar o ensino médio do fundamental. Daqui a pouco se tem muito vídeo tem que separar o fundamental em duas partes, do 1º até o 5º ano e as séries finais.

De acordo com o número de inscrições e de trabalhos recebidos, teve que ser feito esse trabalho também de dividir essas obras. O que nem sempre é fácil colocar em caixinhas que, às vezes, vem alguma coisa como documentário e você fala:

- Nem a pau, Juvenal! Isso aqui não é um documentário, isso é um telejornal ficcionado, uma mistura de linguagens.

Isso ocorre porque os estudantes não assistem documentários, então, eles não sabem fazer documentários e as professoras também não assistem. Até hoje é muito difícil tu ver um documentário que não tenha mistura com ficção, com telejornal, com outras linguagens. Tudo isso é uma construção de muitos anos. A animação, por exemplo, virou uma categoria muito forte, pois durante alguns anos eu fazia muitas oficinas nas escolas sobre animação. A gente fazia as oficinas durante o ano para depois chegar lá e ter muitos trabalhos de animação. Pensamos que formando professores a gente teria uma cadeia, onde ensinaria os professores e os professores ensinariam os alunos, mas não aconteceu. Então, hoje a gente não recebe quase nada de animação. Vimos que não adianta, é um trabalho contínuo, todo ano a gente tem que dar as oficinas e buscar novos recursos.

Uma curiosidade, que a família aqui em casa é toda centrada no cinema. Em 2007, a minha mãe fez um curta para o Festival, pois ela voltou a estudar porque resolveu fazer um curso técnico de meio ambiente. Minha mãe já é falecida e ela tinha que fazer um trabalho e resolveu fazer um vídeo, eu a ensinei. Eu senti muito orgulho da minha mãe, porque eu não fiz nada, eu ensinei para ela tudo o que eu podia ensinar em 24 horas. Ela foi ver sobre reciclagem, foi conhecer na cidade de Eldorado⁵, foi em vários lugares conhecer como é que funcionava e, então, ela conseguiu fazer esse vídeo que ganhou prêmio no festival também.

Para mim foi um momento muito marcante deixar que minha mãe conseguisse também participar e acabou se tornando uma atividade de família. Eu tinha uma produtora e a minha irmã trabalhava comigo. A produtora assumiu boa parte das ações do festival como as fotos, os vídeos de apresentação, toda a organização da cerimônia de premiação que a gente fazia. E tudo tinha que ser o máximo, pois era a noite dos sonhos deles! Então, a minha irmã também passou a participar comigo, em 2009, e começamos a usar: O berço dos novos cineastas.

⁴ Bairro de periferia.

⁵ Cidade vizinha localizada a 44 km de distância de Guaíba.



A gente usava essa frase, frequentemente, o Valmir dizia que Guaíba era onde nasciam os novos cineastas, então, construímos essa frase e meu sobrinho foi o primeiro mascote, depois, foi a minha filha, por isso que eu digo que é uma história realmente de família!

Eu fiquei na comissão até 2013, depois eu continuei auxiliando, mas eu achei que como eu já estava envolvida com os alunos, os alunos participando, não era interessante eu continuar na comissão. Porque sempre fica aquela coisa, se ganhar um prêmio e você estiver envolvido na comissão todos podem reclamar. Toda vez que a escola Gomes Jardim ganhava um prêmio, mesmo que o Valmir nem tenha assistido o vídeo, a gente escutava: Ah, mas é porque o Gomes... / Ah, porque o Valmir...

Eu não achava isso interessante e acabei só assessorando e saindo. Em 2015, entrei, pela primeira vez, como professora, eu enviei dois trabalhos, se não me engano, mas o que foi premiado foi uma propaganda que foi feita nesta Vila que eu te falei. Então, para eles foi uma coisa extraordinária, uma conquista incrível. A gente pode acompanhar todo esse processo de jovens que não sabiam falar, jovens que não sabiam escrever, que não sabiam falar duas frases contínuas falando com uma câmera. Hoje gravam trabalhos muito superiores, então, é um trabalho bem interessante. E eles participaram depois de novo, em 2016, não receberam prêmios, com um curta sobre sustentabilidade.

Em 2018, foi a estreia da minha filha, então, eu comecei a questão de participar como mãe, aí ela participou também no vídeo da escola, foi eu que gravei e ajudei a escola a construir o trabalho. O vídeo não ganhou nada, mas participou.

Depois, em 2019, eu participei com os meus alunos de novo, a gente fez um projeto sobre religiões, participamos com três vídeos e como era um projeto do canal deles, do Youtube, ganhou uma premiação à parte, assim, não foi dentro dos critérios do festival e um dos dois vídeos que minha filha participou ganhou um prêmio de criatividade.

Em 2020, com a pandemia, foi uma loucura, eu nem lembrava que tinha produzido um vídeo no início do ano com meus alunos. A minha filha, Malu, tinha produzido mais de cem vídeos e eu não estava nem lembrando, nem tinha visto nada do festival. No último dia eu vi e disse: "Oh Valmir, eu vou te mandar aqui e tu te vira, se precisar de alguma coisa me pede!".

E aí ela participou com três curtas e eu participei com um curta dos meus alunos. Meus alunos ganharam destaques nas categorias e minha filha ganhou como melhor atriz. Então, ela já tem seu próprio trofeuzinho do festival, é um orgulho para mim, ter participado dessa história e ter esses frutos! Ver esses pezinhos tão perto não só os de longe. Eu conheço gente que se formou em cinema, que participou de oficina comigo lá no começo e não sabia nada e hoje é cineasta formado, que é ator, ou tem uma outra formação que, indiretamente, o festival instigou. Porque, não necessariamente, tem que ser cinema, tem professores também, eu mesma não fiz cinema, eu fiz artes, então, um monte de gente escolheu sua profissão decorrente do festival. Eu acho isso muito legal!

Naquela época, não tinham muitos festivais de cinema, não era uma coisa que bombava, tinha os tradicionais, como o de Gramado que tinha uma mostra de vídeo. Porque antes tinha essa diferença, mostra de vídeo e mostra de cinema né, se não era película não era cinema. Hoje em dia nem tem mais essa nomenclatura, tanto é que antigamente o festival era Festival de Vídeo Estudantil, depois passou a ser Festival de Cinema Estudantil, porque existia essa diferença de nomenclatura.



E é uma mudança incrível, é uma evolução, porque quando tu tens uma criança de 8 anos produzindo um monte de vídeo tu não vais deixar sozinha dentro do ambiente virtual, tu tens que estar acompanhando. Obviamente, eu a ajudo nas edições, dou as dicas, ajudo a editar. Sabe, fico apavorada com a quantidade de crianças que produzem sozinha, sem ajuda do pai ou da mãe, talvez eles nem saibam que ela tá postando vídeos, então, tem a questão de ensinar essa criança a se preservar, ensinar a criança a linguagem. A minha filha mesmo diz: “Ai mãe, dá uma vergonha alheia, às vezes”. Coisas que ela vê, mas eles estão produzindo sozinhos e isso é fantástico.

Quando que a gente ia imaginar que teriam concursos para uma criança de 8 anos produzir um vídeo sozinho? Eles já sabem editar fotos, eles sabem mudar cor de cabelo, eles sabem tudo! Se a escola não tiver, hoje, esse pensamento de que precisa trabalhar as mídias, de que precisa ensinar a leitura midiática e que a escola precisa estar atualizada e saber usar a tecnologia a seu favor. Não é mandar guardar o celular, é pensar como eu (professora) posso usar esse celular dentro da minha sala de aula? Só que isso hoje é uma discussão que todo mundo está fazendo, mas há 20 anos nem tinha celular direito e o cara já pensava nisso!

A mostra estudantil continua sendo nacional e é só aqui, porque é muito difícil analisar se é estudantil um vídeo vindo de fora. Porque são matérias diferentes e é muito complicado. Então, é só a mostra nacional estudantil. E tem as divisões ali, infantil, fundamental e médio. E a mostra Internacional, que seriam as mostras alternativas de antigamente, são trabalhos que hoje se recebe do mundo todo porque é muito mais fácil, coloca em uma plataforma, passa para a pessoa e você baixa o vídeo. Antigamente era muito mais difícil, tinha que mandar a fita e isso era um custo muito alto, para fazer uma inscrição no festival gastava-se uns R\$100,00 porque alguns festivais exigiam em mini DVD, em fitinhas em outros formatos e era uma função fazer aquilo lá. O Valmir sempre procura os vídeos com propósitos educativos. Em 2020 fui jurada em algumas categorias e passei um trabalho, porque o meu foco sempre foi o educativo: Isso aqui vai funcionar em sala de aula?

Essa é sempre a pergunta que a gente fazia nas mostras alternativas:

- “Se eu tivesse que dar uma aula eu poderia usar isso aqui para alguma coisa?
- Eu poderia mostrar isso aos meus alunos com algum propósito?
- Posso tirar proveito disso?”

Passei um trabalho, porque a técnica de todos era perfeita e todos tinham mensagens muito boas, então, esse sempre era o foco! Violência e sexualidade a gente sempre teve muito cuidado de trazer dentro de uma necessidade de um assunto que tá sendo tratado, como por exemplo, a violência sexual, a gente até traz, mas mesmo assim sempre tem muito cuidado para que todas as mostras sejam livres, sejam abertas, para que todo mundo possa assistir e ser um festival “família”, que não tenha censura, que é muito complicado.

Lembro que no início do festival havia muita preocupação do Valmir, porque muitos estudantes reproduziam a violência e muito filme de terror, porque era o que eles assistiam. Geralmente, a gente reproduz aquilo que assiste.

Quando começou a se entender que a escola tinha que lançar uma ideia, um tema, então, veio trabalhos que tinham conteúdo. Eu sempre me preocupei nos meus trabalhos, mesmo nos curtas que não eram para o festival, que eram para outros festivais, que tivessem uma mensagem, que não fosse um vídeo vazio.



Outros pensam só na estética, o festival mesmo do Super8 tu vai ver é muito bonito, não me agregou nada, mas muito bonito. Então, vai também do que eu aprendi com o Valmir, eu achei que isso era importante, de ensinar algo, de despertar algo em alguém. Pode ser uma comédia e ser alguma coisa educativa, não necessariamente, educativa disciplinar, ali dentro das disciplinas escolares, mas que tragam uma reflexão, isso é bem interessante.

O impacto que percebo nos alunos é muito grande. Vou dar dois exemplos, o dos meus alunos e o da minha filha, eles são diferentes porque são realidades diferentes. Os meus alunos moram dentro de uma vila, não têm autoestima, às vezes, nenhuma, e estão acostumados a reprovar, perder o ano. Eu tinha alunos de 17 anos cursando o 7º ano e ele achava normal. Eles diziam coisas do tipo: “Ah eu tenho minha casa, um quartinho nos fundos do quintal da mãe, sabe?” - Ah o meu pai ganha mil reais e isso já é um grande salário”.

Essa era a realidade deles, então, para eu pegar, levar no cinema e dar um lanche para eles, tu não tens noção do que é. Teve uns que traziam as embalagens para casa, sabe!? Eu sempre fiz essa coisa de “Ok, então vamos gravar, quem é que topa?” - “Ok, então fulano e beltrano, vamos gravar em Porto Alegre conhecer a religião africana de lá, depois a gente passa no shopping e faz um lanchinho”.

Pensa em jovens com quase 20 anos, tendo comportamento de criança, feliz e diziam: “Ninguém vai acreditar que eu fui ao shopping comer no MC Donald’s”.

Mas com certeza, para esses jovens a autoestima aumentou, a segurança deles para falar em público melhorou. Alguns até queriam que fizessem palestras, que desenvolvessem teatro depois e atividades dentro da associação.

Os alunos que estavam no último ano presencial, estão lá desde o início do canal, com vídeos semanais. Eles apresentaram um teatro tranquilamente e eles não tinham condições de decorar um diálogo no início do projeto. Para mim a maior vitória foi ver um aluno que não sabia escrever em dois anos dizer: “Tá sora, o que quer que eu fale?”

No início eu tinha que fazer o roteiro, eles não ensaiavam, não adiantava dizer para eles ensaiar, eles não decoravam. Era assim, às vezes tu dava uma frase que não tinha três palavras e eles não conseguiam falar e gaguejavam, sabe? Alunos grandes, estou falando de no mínimo 14 anos... e por último estão falando frases bem grandes, compostas, improvisando, fazendo personagens. Então, com certeza é em todos os fatores da vida deles. Se eles vão fazer uma entrevista de emprego isso vai ajudar. Eles vão saber falar melhor, vão saber se portar melhor, vão apresentar trabalhos na escola também melhor, a escrita vai melhorar, porque eles vão aprender a produzir texto para o vídeo. Assim, a produção textual vai melhorar também.

Com certeza, dentre todos os quesitos, melhora, principalmente, na autoestima de alunos que não tiveram oportunidade na vida. Eu acredito que nesse sentido a gente ajudou muito. Como eles têm um canal eles participavam de eventos e as pessoas sabiam que eles tinham o canal. Teve uma vez, em uma reunião que fomos, e eles participaram do evento com uma peça de teatro. Tinha uma menina que sabia que eles tinham um canal e pegou um autógrafo deles. Foi muito legal da parte dela. Os alunos saíram de lá com uma grande felicidade. Para eles foi numa realização que não tem cabimento.

E o outro exemplo que eu te trago, foi um exemplo que eu vivenciei agora durante a pandemia (2020), que a minha filha não queria fazer aula online, porque a minha filha é uma criança extremamente tímida. E na primeira aula ela rasgou uma



borracha inteira, não falou uma palavra. Assim, o jeito que ela tinha de apresentar os trabalhos era nos vídeos. Nos vídeos ela se sente segura. Ela não conseguia elaborar uma fala, não conseguia elaborar textos mais longos. Agora ela topou fazer um vídeo para o festival de Guaíba deste ano (2021). Ela vai entrevistar o Valmir, o troço é para o final do mês e ela já tem tudo decorado tranquilamente! Tá falando mais, tá se expressando melhor, se sentindo mais confiante também, então, com certeza, é um processo que auxilia muito em sala de aula e fora dela.

Percebo que os alunos se sentem empoderados. Eles se sentiam muito bem, eles tinham voz, eles podiam falar dos temas que eles queriam. Eles podiam construir, se sentiam o máximo em ir para o festival e ver o trabalho deles. As pessoas os reconheciam. Pessoas que moram em uma vila (comunidade carente), elas são invisíveis e ali no festival ele é igual aos outros, não é um menino catando lixo que ninguém vê.

O festival foi evoluindo junto com a tecnologia, com certeza, e a gente vê isso até com os próprios influencers, que se atropelam para aparecer e fazer fama a qualquer custo e colocam coisas a público que não são interessantes. É uma programação totalmente vazia, tem canais interessantíssimos com uma procura muito baixa e canais totalmente vazios ou até disseminando o ódio com uma procura bem alta. Então, essa discussão do ensinar a assistir, ensinar a perceber o que é importante, o que eu estou tirando daqui, o que eu posso trazer pra minha vida, fazer uma leitura crítica, não somente saber se é verdade ou falso, saber todo o contexto daquilo ali, não adianta nada ser esteticamente bonito e não me agregar em nada.

Às vezes um vídeo simples, feito com um celular simples, com um som horrível tu olha e pensa: “Cara, que legal!”

Eu me lembro de uma vez sobre um filme que passou no Festival de Super8, na minha época uma Super8 que você comprava o rolinho de 3 minutos e mandava depois para revelar. Quando ele mandou revelar viu que estava velado (perdeu o material) e o que ele fez? Ele raspou tudo e fez pontinhos. Fez uma história com pontinhos, perdeu a inscrição de Gramado, não perdeu o rolo do filme. Fez uma animação pontinho por pontinho à mão. Então, esse tipo de trabalho que é uma coisa artesanal e inventiva em outros festivais passa batido.

O Festival de Guaíba conseguiu manter a sua proposta, conseguiu manter o festival educativo, além de ser estudantil, porque podiam ver vídeos de estudantes. É necessário ter muito cuidado com o júri, é preciso chamar pessoas de fora até para ser imparcial. Porém, ao mesmo tempo, essas pessoas têm uma visão do cinema tradicional e não de um cinema educativo. Primeiro tem que explicar para os jurados que o festival de vídeo estudantil é diferente. Cansei de bater boca com jurado, cansei de ver jurado bater boca com outro jurado, tentando mostrar que é um festival diferente. Foi criado assim a premiação ‘criatividade’ para, por exemplo, dar aos vídeos e curtas que, mesmo com poucos recursos, conseguiram fazer algo muito interessante, isso é a criatividade.

O prêmio Educação é a mensagem, não importa, pode ser o áudio ruim e precisa de legenda para entender, mas a mensagem é perfeita, então foram criadas categorias para valorizar o esforço dos alunos. Também pensando nos vídeos de qualidade ótima que entenderam a proposta e começaram a fazer os temas que a gente debate ações educacionais. Antes destas categorias, tinham vídeos muito bons com qualidade muito boa, mas que não ganhavam prêmios porque a proposta não era equivalente. Os professores entenderam e começaram a fazer de acordo



com a proposta do festival, sempre temos escolas começando a fazer vídeo e precisamos incentivá-los. O festival cresce com as necessidades que surgem, por isso precisamos ter esse jogo de cintura todos os anos.

Imagina que a gente não tem a realidade de todo o processo, temos uma noção da realidade das escolas daqui de perto, mas das escolas de longe a gente tem que dar uma pesquisada. Imagina, a gente recebeu um vídeo de uma escola no Acre, até quando o menino ganhou o prêmio ele gritou: “Acre existe!”

Quem de verdade fez o vídeo, o aluno ou o professor? Depois de um certo tempo, ao olhar o vídeo a gente sabe identificar:

- Ah, esse aqui o professor foi roteirista.
- Esse aqui o professor foi o diretor.
- Esse aqui não, esse aqui é cursinho de cinema dentro da escola.
- Esse os alunos pegaram o celular e deram um show de criatividade.

Então, ao longo do tempo tu treina o olho para isso, só que as pessoas, normalmente jurados que vem do cinema, não tem esse olhar. Sabe, são poucas pessoas, são poucas “micheles”, “joanas”, “valmirs” com anos de festival e que tem esse olhar, voltado mais para a questão educacional.

Daí você pensa: Ah, então vou colocar uma professora para ser jurada. Não vai funcionar também, porque elas vão se deslumbrar pelos efeitos técnicos, aquelas transições que a gente tem pavor, elas vão votar por uma música que elas gostam, por uma qualidade técnica, elas saem do foco, é impressionante. Então, vamos trazer o pessoal do cinema? Aí eles vão pelo ponto técnico de ver o que está na tela e não levam em conta o processo. E colocar os dois também não dá certo, então, é muito complicado. Não pode colocar sempre os mesmos jurados, não pode ser sempre a mesma comissão senão já vão dizer que tem vínculo. É algo difícil e, principalmente, quando são muitas categorias.

Essa questão de criar várias categorias foi, justamente, para dar importância ao processo educativo que o vídeo proporciona. Valorizar o que os alunos realizaram para reconhecer de alguma forma aquele vídeo. Se não se encaixou em nada, mas esse projeto está muito bom, maravilhoso, como é que a gente pode valorizar? Nem que seja um ‘certificadinho’, alguma coisa assim, mas sempre valorizar o processo! O festival de vídeo estudantil é diferente de um festival de cinema. O Valmir tinha, antigamente, muito da questão da “Menção Honrosa” e eu tenho pavor, eu ganhei muita menção honrosa no festival (risos), porque os vídeos participavam como convidados, então o Valmir queria valorizar o nosso trabalho.

- Há uma menção honrosa que vai para o filme...

Eu dizia:

- Valmir, eu tenho pavor disso... por que a gente está premiando esse vídeo?
- Ah, é porque tem uma boa mensagem.
- Então dá o prêmio de Melhor Mensagem.

Porque tem essa liberdade dentro do regulamento, tem os prêmios do Júri e tem essas outras que a gente pode criar e mencionar, então é bem isso, se a gente acha que tem um vídeo que foi injustiçado com certeza a gente vai sair da caixinha e botar ele em outra caixinha, sempre com o intuito de valorizar o trabalho dos alunos e do professor.



É sempre uma relação complexa. E é complicado, porque como eu tive os dois lados, no primeiro ano eu fui lá e ganhei um monte de prêmio, segundo ano fui lá e ganhei mais, fiquei faceira. No terceiro ano eu não estava participando da mostra competitiva e quando começaram a chamar os ganhadores eu fiquei... poxa eu queria estar lá. E quando eu participei com os meus alunos foi muito triste não ganhar, não por mim, sabe, mas pelos alunos. Porque eu já sou macaca velha, eu já fui para um monte de festival em vários lugares, já vi muita injustiça acontecer com outros trabalhos, e a gente fica triste pelos alunos. E até é uma coisa que eu vou conversar com o Valmir, pois se a gente leva os alunos é muito triste ver eles saindo tristinhos, porque por mais que eles entendam e aceitem bem, eles ficam todos miudinhos, tristinhos, murchinhos, e dá dó ver isso.

Para a minha filha, no primeiro ano que participou, eu falei:

- *Filha, tua categoria já passou e tu não ganhou tá, mas não tem problema.*
- *Ah mãe, tá bom. Mas tem certeza? Eu não tenho chance?*

O coleguinha dela ficou tão desesperado que a mãe dele disse que a categoria deles ia ser outro dia, porque não queria dizer pra ele que não tinha ganho. Então, é bem complicado levar para premiação, e isso era uma coisa que eu não percebia enquanto comissão, enquanto organização, só quando virei professora e levei os alunos percebi essas ações. Eu via só a festa, porque é a coisa mais linda do mundo de ver quando alguém ganha e é aquela gritaria de comemoração. A gente quer que as pessoas vão para prestigiar isso, que têm as torcidas e tal, mas quando vemos o outro lado que é dos alunos que não ganham, entristecemos. A gente vê todo mundo tirando fotos com os premiados e você saindo de fininho. Talvez no meu lugar como produtora eu não ficasse assim tão triste, mas ver os meus alunos, a minha filha, é triste.

Então, são coisas que tem que melhorar, óbvio, não vai ganhar todo mundo, mas a gente tem que pensar numa forma de mostrar que o importante não é o troféu, porque isso ainda é muito forte. As próprias escolas trabalham ainda muito o ganhar, a sociedade nos trabalha a importância do ganhar. O ano que meus alunos ganharam o prêmio, na escola, era todo mundo dando parabéns, no ano que eles não ganharam passou batido, isso é complicado de explicar para eles. Então, ainda é muito forte na gente essa coisa do prêmio, ainda temos que amadurecer, mas ao mesmo tempo tu não pode tirar a premiação, pois isso é um incentivo também, é difícil. Sabe, é um ponto que o Valmir tenta tirar das caixinhas e premiar mais gente, mas o troféu ainda é muito caro e não dá para dar pra todo mundo, infelizmente.

*É muito forte a questão do prêmio, é muito forte aquele momento, mas sabemos que se pegar um vídeo e colocar em vários festivais em um pode ganhar “Melhor Atriz” e no outro pode nem ser mencionado; em um pode ganhar “Melhor Fotografia” e no outro não ganhar nada; e pode ganhar todos os prêmios em um festival e no outro não ser nem classificado. Depende das pessoas que estão analisando, do perfil do evento e de várias coisas deste tipo. Em Porto Alegre, a gente até fazia “**Os Desgramados de Gramado**”, em uma época... (risos).*

Lembro que a gente foi para um festival no Uruguai e eles vieram para cá com um grupo para exibir o vídeo deles. O professor e os alunos, todos com Síndrome de Down. O professor Álvaro, por exemplo, acho muito legal o trabalho dele, chegou até a fazer vídeo comigo. Ele me ajudou em fotografia em alguns trabalhos meus, foi muito legal. Eu fiquei muito surpresa de ter contato com os alunos dele, porque é uma realidade muito diferente dos alunos com Down daqui.



Quando a gente foi para o Uruguai a gente ficou muito surpreso, porque é uma cidade muito pequena, que nem Guaíba, eles têm um teatro enorme. Vi uma menina com 15 anos com Down dando uma palestra que eu fiquei com vergonha, e pensei: Não vou falar nada hoje aqui eu vou embora!

Pois foi incrível a palestra dela. O trabalho deles é totalmente diferente dos nossos e da nossa realidade aqui. E, então, a gente foi para lá e divulgou o Festival de Guaíba, não apenas o festival em si, mas sua ação pedagógica, principalmente. A gente conseguiu colocar o Festival de Guaíba no calendário dos festivais, no guia dos festivais por muitos anos. Teve uma vez em Gramado que tinha um estande que gravava minicurtas que passavam no dia do festival. A gente ia lá de dois em dois, fazia uma historinha e no final falávamos: “Só não esqueçam do Festival de Cinema de Guaíba!” E todos fazíamos isso, todos enrolavam em uma historinha e no final falavam sobre o Festival de Guaíba, até que no fim o cara perguntou: “O que era esse festival?”

Então, a gente fazia essas coisas para divulgar o evento, porque não tinha rede social, não era assim como é hoje. Precisávamos colocar o pé no chão para divulgar o festival e suas ações pedagógicas. Tem muita história maluca, nestes anos de festival, por exemplo, teve uma vez que um aluno veio do Acre, sem professor. Imagine o problema que deu lá, nem sei como ele conseguiu passagem. Chegou aqui não tinha estadia, deu uma de louco, conseguiu uma passagem e veio, porque tinha um vídeo dele que ia passar no festival. E aí o que a gente faz com um menor de idade sozinho? Não podia deixar na rua, tivemos que pagar a estadia dele. Então, tem muita história e eu não saberia contar todas.

Eu acho que o professor Valmir merece esse reconhecimento. Escolhi meu curso por causa dele, eu incentivo minha filha a fazer vídeos porque eu aprendi com ele. Eu uso isso em sala de aula, como eu te falei, o meu trabalho de graduação foi o vídeo na educação por causa dele. Então, eu sou uma pessoa, quantas pessoas também foram tocadas por ele, pelos vídeos que assistiram no festival?

Lembro de uma história, a gente tinha 15 ou 16 anos e ajudávamos a montar o festival, queríamos que fosse perfeito. Eram aquelas mostras e as crianças vinham da escola para passear. Entravam correndo, gritando, não prestavam atenção em nada e a gente ficava muito chateado, e dizia: “Nossa, Professor, ninguém prestou atenção nos vídeos, a gente arrumou com tanto amor e carinho”. E ele dizia: “Se a gente salvar uma alma, já está bom”.

E até hoje é uma coisa que eu carrego para o resto da vida. Se tiver uma pessoa que a gente ajudou a se tornar um ser humano melhor, aproveitou aquela oportunidade, então, conseguimos nossos objetivos como professores. Quando penso que essa ação é realizada desde 2002, quantas pessoas ajudamos? Quantos professores capacitamos? Quantas vezes fizemos alunos sorrirem, chorarem e esperarem a premiação? Sonharem com o troféu? Professores repensando a sua didática em sala de aula? Colocar o vídeo e a sua produção como uma ação do seu fazer pedagógico? Colocar isso em um contexto escolar, com muitas crianças, com mostras que quase lotavam o auditório em um dia, ou seja, quase duas mil crianças, dependendo das mostras, é criança, é gente, é produção e o Valmir se dedicava muito a isso.

A única constante do festival é que dinheiro nunca tinha. Então, é aquilo, um doa camiseta, a gente vende a camiseta para juntar o dinheiro que precisa ali para produção. Assim que sempre funcionou, como um coletivo, uma família. Lembro do Valmir pagar várias contas com o dinheiro dele, porque tem que pagar as coisas



com antecedência. Ele fazia isso contando com o dinheiro que ia entrar e nem sempre entrava e ele não recebia nada. Lembro muito do Valmir assinando cheques dele e dizia para nós: “Depois a gente vê”.

Isso é muito amor, salário de professor já não é grande coisa e tu pegar parte do seu salário para um festival é muito amor ao que você realiza. O Valmir andando para cima e para baixo a pé, porque carro não tinha, não tinha nem a casa própria dele ainda e já estava envolvido, gastando e investindo no festival. Então, com certeza é a história de uma vida, 20 anos de muito envolvimento para o cinema e para com a educação do país.

EDUARDO - Meu nome é Eduardo, sou natural da cidade de Guaíba. O Valmir sempre acreditou muito, tudo o que ele podia fazer e estava ao alcance dele ele conseguia, encaminha a gente, na verdade foi só o começo da minha relação com ele. Isso foi em 2005, quando eu o conheci a gente emendou vários projetos juntos. Tanto é que depois que eu me formei eu voltei para o festival para trabalhar junto com ele, como apoiador do festival, como força de trabalho, ajudando na organização, seleção dos filmes e curadoria. Gostei, porque é um trabalho como organizar os desfiles de carnaval, é uma época do ano, mas é o ano inteiro trabalhando para aquele momento chegar. Então, eu voltei para trabalhar junto no festival em 2015/2016, já com o Valmir e com a Joana Ferraz, uma pessoa que é fundamental na história do festival de Guaíba. Ela trabalha na Secretaria de Educação de Guaíba e foi o braço direito do Valmir durante todos esses anos. O único festival que ela não participou foi o primeiro, porque o primeiro festival foi interno, somente da escola Gomes Jardim, uma competição interna, uma mostra, não era nem competição, era uma mostra da escola.

A partir do segundo ano ele se tornou um festival de fato, que abriu para colégios de fora de Guaíba e de outras cidades. Desde a segunda edição a Secretária de Educação da cidade começa a pegar firme junto com o festival apoiando em tudo. Aí entra o papel da Joana Ferraz, que segue da segunda edição até o ano passado (2019).

E a parte que fui me envolvendo com a educação foi natural, acho que aconteceu naturalmente quando eu retorno para o festival em 2015, depois de formado, para dar palestras. Primeiramente, o Valmir me chamava para dar palestras para os alunos para falar da minha trajetória. Eu sou um exemplo (risos). A cidade sempre me usa como exemplo para o festival, sabe o aluno que começou no festival e depois se formou em uma universidade. Seguidamente eu converso com os alunos da cidade sobre isso, sobre como é a carreira, como se pode gerenciar a carreira, como funciona o audiovisual. Explicar para eles que já existe formação, porque a formação no audiovisual é muito recente aqui no Rio Grande do Sul, o primeiro curso foi o da Unisinos de 2002, 2003, é muito recente, então, era um pouco dessas palestras que o Valmir me chamava para dar no festival, tanto para os alunos quanto para os professores, porque a ideia do festival é justamente fazer com que os professores e alunos trabalhem juntos para fazer uma obra audiovisual durante suas aulas. Então, eventualmente, eu dava uma capacitação, uma oficina para os professores aprenderem a mexer em uma câmera, fazer enquadramentos, às vezes, questão de edição de imagens, então, foi assim, nesses trâmites.

Eu trabalhei na UFRGS TV durante 4 anos também e nas TVs Universitárias é muito comum ter muitos estagiários, obviamente, porque faz parte da formação,



tanto do pessoal do jornalismo, cinema, publicidade, relações públicas, então, eles têm contato com a televisão em suas disciplinas. Mas na UFRGS TV eu era funcionário, nós tínhamos muitos bolsistas, cada ano tinha uma leva de bolsistas, uns chegavam e outros iam embora. Quando eles chegavam, nós, funcionários, dávamos capacitações para eles, mais ou menos como tutores. Dávamos cursos internos para eles e acho que isso tudo me ajudou a estudar, me capacitar para poder ensinar. Porque eu acabava pesquisando e estudando um pouco mais para passar o conhecimento e foi algo que acabei gostando muito. Por isso disse que foi uma coisa muito natural, porque eu não procurei, eu não cheguei efetivamente a estudar a docência para o cinema, foi acontecendo naturalmente no decorrer da minha carreira e é uma coisa que eu acabei gostando e faço isso até hoje.

Voltei para o festival, justamente, como uma forma de contribuir com tudo que o festival fez por mim lá no começo. E trazer meu depoimento para os alunos que estão vindo e podem ser os próximos cineastas ou não, necessariamente, cineastas, podem ser novos educadores, porque o audiovisual e a educação estão cada vez mais andando juntos. Essa educação da linguagem audiovisual para mim é cada vez mais importante e o que eu puder colaborar para ajudar nesse ambiente eu tento fazer.

Na sala de aula eu não cheguei a atuar, geralmente, eram cursos patrocinados por secretarias de educação. Fiz tanto nas cidades de Guaíba como na cidade de Tapes. Em Tapes foi um projeto de turno inverso, onde a secretaria municipal tinha um projeto onde reunia essas crianças e fazia em turno inverso. Assim fui contratado para fazer um curso de audiovisual. Esses cursos que eu ministro são cursos geralmente contratados, ou por secretarias de cultura ou de forma privada mesmo, como uma consultoria ou algo assim, mas eu trabalhei efetivamente muito forte com o festival de cinema, ou seja, para a secretaria municipal de Guaíba. Realizamos várias capacitações isoladas para professores, então, a gente tem cursos focados para os alunos mais jovens e para os professores. Instruir os alunos em sala de aula, então, são cursos fechados e direcionados para um público específico, conforme o contratante necessitar.

E o foco é diferente, quando é destinado aos professores é para multiplicação mesmo, é para eles passarem para os seus alunos, até porque a proposta do festival, a ideia é ser de aluno para aluno, ser estudantil, não é que os professores façam os filmes, mas que eles possam orientar os alunos. Os filmes devem ser dos alunos, inclusive está no regulamento do festival. Trabalhei tanto tempo lá que o regulamento tá aqui na ponta da língua. O papel do professor no cinema estudantil é orientar, dar apoio, gerenciar, fazer essa gerência né, mas para fazer de fato são os alunos que devem fazer o filme. O professor é um mediador.

Sobre a importância do festival de Guaíba no cenário nacional: eu nasci nos anos 90, finalzinho do ano de 1990, então o que temos hoje de internet e essa globalização não era tão engajada como é hoje em dia. A Internet estava recém começando, e no meu caso, lá atrás, o festival me abriu essas portas para eu poder desenvolver meu trabalho. Hoje em dia temos uma nova realidade com a internet, temos os produtores de vídeo com celular, com tantas coisas que podem ser feitas, com tanta informação e, também, temos a questão dos youtubers, que não tínhamos antigamente, que já é outra coisa. Mas mesmo com toda essa informação a gente precisa se organizar, eu tenho um certo receio que isso, em algum momento, pode dar um colapso de tanta informação e tantas possibilidades que nós temos, mas aí entra o papel dos festivais de cinema estudantil, porque os festivais



de cinema estudantis são diferentes dos comerciais, é uma coisa bastante delicada que a gente tem que cuidar pra não confundir com uma competição. Isso é sempre uma discussão muito forte nos debates e mesas redondas sobre festivais de cinema estudantil. O que é competição, o que é educação, o que é para o trabalho. Às vezes, os próprios professores confundem, então, eu vejo os festivais como uma grande oportunidade de integração, porque para mim o audiovisual é completo, para muitas áreas ele é interdisciplinar. Os festivais têm a possibilidade de esclarecer isso para as pessoas, tanto aos alunos quanto aos professores, porque quando eu faço a produção de um filme, e a produção de filme é algo complexo, eu tenho que trabalhar com patrocínio, com gerenciamento, com gente, a comunicação entre as pessoas. Alguns alunos gostam mais da atuação, como é a postura, como eu vou dar o texto, a palavra, então o audiovisual é muito completo dentro do processo educacional. Quando eu vou construir um cenário eu tenho que cuidar da iluminação, textura, cores, então, olha quantas áreas do conhecimento a gente pode trabalhar, a arquitetura, um pouco de história da arte, um pouquinho de tanta coisa, a fotografia também, o enquadramento, questões de estética. Então, os festivais de vídeo estudantil eles vão dar essa oportunidade dos professores de mostrarem o seu conhecimento e fazer esses alunos se desenvolverem entre eles, se comunicarem, se unirem, porque o cinema é muito coletivo e cada vez mais eu acho que a gente precisa desse coletivo. Às vezes, sinto muito individualismo, muita competição, muita ganância, e o audiovisual é uma possibilidade de todos se reunirem por um bem comum e produzir aquele filme. E no caso dos alunos quando eles assistem esse produto feito, na tela, é muito emocionante, eles têm a sensação de “Eu posso!”, “Eu sou capaz disso!”.

Percebo que, independentemente desses alunos seguirem ou não a carreira de cinema, eu vejo que isso não é o principal objetivo de um festival de cinema, claro ele vai mostrar a profissão, ele vai mostrar como funciona, mas não significa que ele deve formar grandes cineastas. Os festivais trabalham essa relação da educação e como o audiovisual pode ser construtivo para sociedade como um todo, a nível de comunicação dos alunos, da articulação, de criar responsabilidade entre eles e deixar exercer a criação deles, deixá-los livres para poderem criar.

É por isso que defendo sempre que os festivais de cinema cresçam e se multipliquem cada vez mais e possam ter mais intercâmbio entre eles. Percebo que o papel do professor Josias é fundamental, ter o Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil⁶, a revista Roquette-Pinto⁷, as pessoas precisam conversar cada vez mais e é lindo trocar experiências entre vários professores de diferentes estados, as dificuldades de cada colégio e o que cada um enfrenta, bem como suas satisfações.

Eu acho, então, que os festivais de cinema e o cinema na educação é uma ferramenta muito potente de educação, de comunicação e de fazer uma sociedade mais justa e, principalmente, para educar audiovisualmente as pessoas. Serve tanto para professor quanto para os alunos. A gente trabalha com vídeo o tempo todo, o tempo todo mesmo, ainda mais na pandemia (2020) onde a gente sentiu muito isso. Levou um tempo para as pessoas aprenderem o básico da linguagem audiovisual, a gente aprende tanta coisa, a linguagem escrita, a linguagem de sinal. A linguagem audiovisual eu vejo que é cada vez mais importante a gente saber o básico até

⁶ Site do CBPVE, disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cbpve/>.

⁷ Roquette-Pinto – a revista do vídeo estudantil, disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/>.



quando a gente assistir um telejornal, entender o contexto daquilo, não cair nas famosas fake news que tanto a gente foi assolado na pandemia e nas eleições. Para que as pessoas possam ter autonomia para julgar essas imagens, ter autonomia para fazer um julgamento mais sensato das imagens, de um capítulo da novela, de um telejornal, de um filme que está assistindo. Enfim, eu sou um grande defensor dos festivais de vídeo estudantil que eles continuem por muito e muito tempo e que possam se comunicar entre si cada vez mais também.

Hoje em dia, temos nossas câmeras nos nossos celulares com nossos microfones, então, qualquer um pode ter um canal no youtube. Pode ir lá e botar seu vídeo, mas com grande responsabilidade, pois é o meu discurso que estou dando. O papel do cinema na educação vai ensinar essa responsabilidade, porque não é só colocar seu vídeo na internet. Precisamos pensar na responsabilidade social que o aluno deve se preocupar, tipo: “Olha o que tu tá falando”. “Olha teu enquadramento”. “Olha a responsabilidade de expressar essa opinião dessa forma”. “Tu tá preparado para isso?” “É isso que mesmo tu quer?”

Fazer um vídeo, fazer um filme, tu repensas, principalmente, no processo de edição de imagens. Quanto tempo a gente fica na área de edição, trabalhando, pensando: “Ah, mas será que isso é assim?” – “Será que fica bom assim?”. Então o audiovisual te dá essa possibilidade de refletir sobre o seu discurso, o que você está fazendo e preparar essas crianças para isso é fundamental para a gente evitar tantas coisas na internet, tantas brigas que acontecem nas redes sociais. “Ah, mas eu não quis dizer isso, quis dizer aquilo...”.

Tudo isso, essa análise de discurso de uma grande mídia e a gente tem nossas responsabilidades, a internet ao mesmo tempo é tão democrática e tão livre que as pessoas esquecem que existem responsabilidades. Não é uma terra sem lei, tudo o que a gente faz ali é a gente como cidadão, é a gente no mundo e isso é fundamental. O cinema é uma grande ferramenta para trabalhar, entre muitas outras coisas, principalmente, a responsabilidade com a imagem, mas uma coisa muito importante é essa responsabilidade do discurso, de como vai ser dita a tua mensagem.



5 Carta de um professor apaixonado

O Festival e eu

Santa Maria da Boca do Monte, Inverno de 2021.

Meu nome é Roberto Silva da Silva, sou Professor de Língua Portuguesa e Literatura de Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul e, no momento, Mestrando em Educação pela UFRGS, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social da UFSM, sou fundador do Núcleo de Vídeo Terra Cambará do Colégio Estadual Augusto Meyer: um projeto possível graças ao Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema de Guaíba.

Foi na quinta edição que eu e o Festival de Guaíba nos encontramos. Ainda o via como um festival de uma escola. Quando me deparei com as mostras e encontrei educadores de outros municípios e do Uruguai, vi que o evento era maior do que meu raso preconceito poderia imaginar. Nos oito anos seguintes eu vi o “Festival do Gomes” se tornar muito mais do que um evento: tratava-se de um ponto de encontro de educadores como eu. Falo de gente que acredita que o audiovisual é uma porta aberta para a ampliação da visão de mundo e do imaginário estudantil.

*Não me furto do direito de dar o crédito ao festival, por ele ser O (e este é bem maiúsculo) motivador da criação no Núcleo de Vídeo Terra Cambará. Este que, por treze anos foi referência de cinema estudantil, primeiro em Guaíba, depois no Rio Grande do Sul e, finalmente, no país. Não vou me limitar às cinco edições que ganhamos como melhor filme na nossa categoria, principalmente, porque tais projetos foram resultado do aprendizado longo e paciente de oito anos trocando experiências com cineastas, educadores e estudantes do Acre, do Uruguai, da Itália, do Paraná e de Campo Bom. Sim, amigos, este é o grande prêmio do Festival de Cinema Estudantil de Guaíba e Mostra de Curtas e Longas Nacionais e Internacionais: **a troca**. Nunca fui sozinho ou com alunos e alunas para vencer, fui para aprender. E aprendi muito. O reconhecimento que o Sobrado - apelido que demos ao Núcleo do Colégio Estadual Augusto Meyer - teve ao longo dos anos no Rio de Janeiro, no Estados Unidos, em Alvorada, em Campo Bom, em Santa Maria é consequência de tudo de bom e não tão bom que aprendemos no mais antigo e tradicional festival de vídeo estudantil do Brasil.*

Hoje estou longe do set de filmagem. Estou levando para a Academia tudo o que aprendi em treze anos de festival. Sinto saudades de tudo: do Seminário Mídia e Educação, do frio na barriga da noite de premiação, do beijo no troféu, do abraço acompanhado de um “até o ano que vem”, no Valmir. Voltarei para compartilhar tudo com quem estiver organizando, pois se não é para compartilhar, para que serve estudar! Que o Município de Guaíba enxergue o Festival como eu um dia e o torne Patrimônio Imaterial da cidade e lhe dê um espaço digno de sua grandeza.

*Vida Longa e Próspera ao Festival!
Eu sou e sempre serei seu Amigo.*



6 Criando Memórias

O Festival de Vídeo Estudantil de Guaíba é o mais antigo do Brasil. Hoje temos mais de 50 festivais de vídeo estudantis em funcionamento. Se temos festivais de vídeo estudantis é porque temos alunos e professores realizando vídeo com os alunos. O que temos percebido é que muitas cidades criaram seus festivais depois do festival de Guaíba. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, já tinha o Festival do Rio, que abria um espaço para que exibíssemos também vídeos de alunos. Era um espaço dentro de uma amostra de cinema da cidade. O festival de vídeo estudantil de Guaíba era um festival específico para produzir e debater vídeos de estudantes, sob mediação de um ou mais professores responsáveis, por isso classificamos como o 1º festival de vídeo estudantil do Brasil.

Das teorias que pesquisamos na universidade na relação de produção de vídeo e processo educacional uma delas é a Neurociência e a sua relação com o aprendizado e a criação de memória. Para criar memórias é necessário que haja uma relevância emocional, se não há uma relevância emocional para o sujeito muitas lembranças se perdem na memória de curto prazo.

Defendemos que a produção de vídeo estudantil trabalha muito a questão de criação de memória de longo prazo. Em 1997, quando iniciei a fazer oficina de vídeo em escolas públicas do Rio de Janeiro com alunos do terceiro ano do ensino fundamental, trabalhávamos o processo do fazer vídeo como processo educacional. Passado mais de 20 anos esses alunos me encontram nas redes sociais e conversam comigo sobre aquele tempo e as coisas que produzimos. Isso ocorre porque criou-se neles uma memória de longo prazo que é efetivada com a emoção que o vídeo proporciona.

Ao conversar com o ex-aluno do Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim, MacGiver Silveira, percebemos que realmente produzir vídeo dentro do espaço educacional contribui de diversas maneiras e uma delas é a criação de memória de longo prazo. Neste bate-papo MacGiver comenta sobre a sua relação com o cinema e com o Festival de Cinema Estudantil de Guaíba.



6.1 O MacGiver da vida real

Quando era estudante não ia com tanta frequência ao cinema, comparado com os dias atuais, bem menos. Até porque na época de estudante a situação familiar era mais escassa. Minha família era humilde e não tínhamos condições de fazer as coisas que a modernidade hoje nos proporciona com mais acesso e com um custo um pouco mais acessível. Não tínhamos também carteirinha estudantil, nem desconto.

A minha lembrança mais antiga de ter ido ao cinema, mesmo não tendo muita noção na época, foi quando a minha mãe me levou para ver um filme na cidade de Canoas. E até é engraçado, porque ela não tinha muita noção e acabou me levando para ver Assédio Sexual⁸ com Michael Douglas. Eu era guri, tinha uns 8 anos. Lembro que entrávamos e não tínhamos muita noção, na época, tinha os filmes Máscara e Assédio Sexual, mas a coitada, meio perdida, escolheu Assédio Sexual, porém isso me marcou bastante. Foi o primeiro filme que vi no cinema.

A primeira vez que participei de um vídeo na escola eu lembro que estudávamos no 2º ano do ensino médio de uma escola bem tradicional daqui de Guaíba, o Gomes Jardim. Nossa turma era terrível, a mais bagunceira da escola. Eu fazia parte de um grupo de alunos, eu assistia mais do que fazia. Esse grupo um dia tirou uma porta de um vestiário e jogou do segundo andar do pátio da escola. Vandalismo total. Era um grupo terrível, metade da turma era assim, metade brigava.

Então, em uma matéria de biologia a professora veio com uma proposta para fazermos um teatro sobre o tema bactérias. Aí um grupo da turma achou mais fácil, na nossa cabeça, fazer um vídeo. Mas não tínhamos nada, nem filmadora, nem noção de tomada, cena, edição. Imagina, estamos falando de quase 20 anos atrás. Topamos aquele desafio e foi um aprendizado que uniu a turma toda. E foi assim, com essa história começamos esse movimento de vídeo estudantil na escola. Na época não tinha ainda o festival. Em uma exibição do vídeo, o professor Valmir, que era um aficionado pelo cinema, viu esse movimento, viu o resultado do trabalho e como aquela turma terrível havia melhorado. O professor Valmir deve ter pensado: se fazer vídeo conseguiu fazer aquilo na turma que era complicada, imagina as demais turmas que estudavam de verdade e que eram engajadas? O que não poderia sair de resultado? Então, ele resolveu criar o primeiro festival de vídeo naquele mesmo ano. Participamos dessa produção que foi a primeira, fizemos outra no decorrer do ano e depois o festival não parou mais.

Hoje percebo que nossa turma foi o que motivou aquela ideia que o professor Valmir já tinha de fazer alguma coisa, um festival voltado para o cinema. Então, quando ele viu o vídeo ficou perplexo com aquela turma bagunceira que fez aquele vídeo. Ele achou que poderia dar certo, mas faltava o incentivo. Ele criou o festival, tanto que outras turmas da escola criaram outros vídeos nas suas disciplinas, então foi um movimento que começou na nossa turma.

Mas porque a gente pensou em fazer vídeo? Lembro que a tia da minha namorada, na época, Michelle Villanova, tinha uma câmera. E pensamos em pegar emprestado a câmera com ela. Quando fomos pegar a câmera estava estragada. E

⁸ É um filme de suspense erótico estadunidense de 1994 dirigido por Barry Levinson, estrelado por Michael Douglas e Demi Moore. Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Disclosure (filme).



eu fiz jus ao nome MacGyver⁹ e consertei a câmera. O problema era uma pecinha do REC e fui a Porto Alegre, em uma assistência técnica, para achar a peça e era mais barato consertar a câmera do que mandar arrumar, a câmera era uma mini VHS.

A nossa turma era diferente, tinha os “cdfs” que estudavam, os que matavam aula e só queriam jogar futebol, os bagunceiros que queriam bater nos outros. Tinha um grupo que jogava as coisas de cima. Para teres uma ideia, às vezes, chegava na turma da noite que fazia umas maquetes e meus colegas colocavam fogo nas maquetes. Um absurdo. Várias vezes eles tomaram advertência e foram lá muitos amigos da diretora e tentaram de alguma forma “reabilitá-los” dentro de um projeto. E num projeto conseguimos unir grupos que não estavam nem um pouco a fim de trabalhar uns com os outros.

Quando iniciamos a produzir o vídeo foi uma construção coletiva. Ninguém ficou de fora e deu super certo. Todos participaram, cada um tinha suas obrigações e compromissos e todo mundo trabalhou junto. A edição foi uma ação à parte, lembro que juntamos uns monitores de TV e videocassete e como não tínhamos computador com software para editar, tiramos da câmera, jogamos para um videocassete e selecionamos o tempo para gravar com REC e pause, e tinha que ser muito rápido. E tu sabe que ela tem um tempo (atraso entre apertar o REC e o play) que o REC e o pause ficavam meio fora de timing. Hoje a gente faz isso em 15 minutos e levamos uma tarde inteira para fazer esse.

Tínhamos a imagem da câmera do cassete e rádio para colocar um som no videocassete. Mas era uma coisa surreal para a época. Tanto que saímos em matéria da Zero Hora, capa no Diário Gaúcho e ganhamos uma página inteira por isso. Por fazer vídeo com as condições que tínhamos na época. Era uma batalha, mas muito legal e inovadora para a região.

No curta eu tive todas as nossas produções que fizemos ao longo da vida, sempre fui diretor. Claro, diretor e editor, mas a edição fazíamos de maneira coletiva.



Figura 4 - Primeiro vídeo realizado.

O primeiro vídeo que fizemos foi uma edição do Jornal Nacional (Figura 4) e como o tema era bactérias, foi o Jornal Nacional Especial sobre as bactérias¹⁰. Claro, que além de diretor eu também atuava e neste vídeo específico eu era, digamos, o William Bonner, o âncora do jornal.

⁹ Foi uma série de televisão americana de ação-aventura criada por Lee David Zlotoff, que durou 7 temporadas, de 1985 a 1992. O agente secreto Angus MacGyver, interpretado por Richard Dean Anderson, trabalha como “um solucionador de problemas” para a Fundação Phoenix em Los Angeles e como agente para o Departamento Governamental de Serviços Externos (DXS), ambas fictícias. Educado como cientista, MacGyver serviu na Guerra do Vietnã como técnico da Brigada antibombas. Muito versátil e possuidor de um conhecimento enciclopédico de ciências físicas, MacGyver resolve problemas complexos ao criar coisas a partir de objetos comuns, grande parte das vezes com a ajuda do seu canivete suíço. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/MacGyver>.

¹⁰ Vídeo disponível em: <https://youtu.be/3iXJttPEVcY>.



Tínhamos as chamadas, os repórteres, as autoridades internacionais, tinha o Bush que falava inglês e uma pessoa que traduzia. No início, quando íamos fazer a abertura do jornal, um colega nosso se sentou num carrinho numa mesinha de rodinha e outro ia empurrando, então, ele ia nos filmando em movimento.

Ficamos tão animados que na época criamos a produtora Explorer Produções. É legal pensar nisso agora, pois vejo que fomos nós os alunos que começamos a produção de vídeo nas escolas aqui da região. Se todos os professores tivessem noção de como isso muda na vida de uma criança ou adolescente, eles aplicariam muito mais nas escolas. Como exemplo, posso dizer que fazer esse trabalho na escola me ajudou muito na vida e ainda ajuda até hoje.

Olha, posso te dizer com todas as letras que fazer vídeo na escola é um estímulo para a criatividade, por exemplo, o primeiro vídeo que fizemos se fossemos fazer só um trabalho escrito era muito simples: vou me sentar na biblioteca, pesquisar sobre as bactérias, tipos, o que elas fazem, fazer um texto, colocar numa cartolina, mostrar para turma e deu. Agora, fazer um vídeo sobre bactérias tu tem que atuar, achar o assunto, encaixar esse assunto de uma maneira lúdica que seja fácil de entender e que não seja maçante. Imagina fazer um telejornal sobre bactérias com atores simulando coisas, casos, é um universo que não tem limites. O vídeo estimula a criatividade que abrange todas as áreas da tua vida, tu te expressas melhor, consegue ter uma relação interpessoal melhor, o vídeo é primordial por isso. Escrever é muito fácil, agora, atuar em cima do tema e transformar em imagens, sem ser um slide, tem que ter muita criatividade.

Sobre a autoestima lembro de alunos que eram totalmente acanhados na aula. No vídeo eles se desenvolveram, se transformaram, mudaram da água para o vinho. Tínhamos colegas retraídos que não participavam de atividade nenhuma e, de repente, se viam dentro de um universo cinematográfico onde se redescobriram, se reconheceram e mudaram as suas vidas. Ainda tenho contato com alguns destes alunos, às vezes nos encontramos e conversamos sobre a vez que fizemos um vídeo ou falamos algum bordão do vídeo. Tem um vídeo, depois do Jornal Nacional, que era sobre filosofia¹¹. Fomos fazer um vídeo sobre a vida dos filósofos e cada um de nós era um filósofo que tinha seus pensamentos. Fizemos roupas, barba e conseguimos que uma empresa de ônibus aqui da cidade nos levasse a uma fazenda no sítio de um amigo, no interior. Passamos uma semana, 20 pessoas gravando um vídeo. Fomos acompanhados de alguns responsáveis. Mas foi só para fazer o vídeo. E foi um vídeo bem longo de quase 1 hora. E isso tudo realizamos em 2002 aqui em Guaíba, um movimento dos estudantes que a escola aceitou.

Naquela época eu lembro que para fazer os créditos e a abertura enquadrámos a filmadora na frente da tela de um computador e gravamos a tela, era assim mesmo. E fomos testando vários computadores para ver o que vemos tinha aquela linha vertical subindo.

Para Gramado fomos no 2º ano para visitar o festival. Já tínhamos saído da escola quando participamos com o Super 8 daquele festival. Eu não lembro bem qual o ano, mas depois da escola continuamos fazendo o trabalho num grupo mais fechado e fomos agregando outras pessoas. Depois que acabou o ensino médio, começamos a realizar oficinas de vídeo para crianças e adolescentes.

Para isso, fomos em escolas da rede pública e montamos turmas onde ensinamos o pessoal a operar câmera, o que era cena, take, editar pelo

¹¹ Vídeo disponível em: https://youtu.be/la6Vh_Z9tus.



videocassete, iluminação, técnicas básicas que mal sabíamos, mas nos preocupávamos em multiplicar aquele conteúdo. Tínhamos uma parceria com a prefeitura e com a Secretária de Educação que, na época, patrocinava o festival e ajudava. Tinha a professora Joana que era muito envolvida e trabalhava na secretaria de educação e ali era uma forma de nos ajudar e auxiliar novos estudantes a participar, mesmo aqueles que não tinham experiência nenhuma.

No nosso caso aprendemos a fazer vídeo estudantil mexendo mesmo, na prática. Aprendemos filmando, olhando, tendo noção com base em filmes que vimos, lendo sobre o tema. Lemos alguns livros sobre a iniciação ao cinema, não me recordo os nomes, mas pesquisamos como fazer os planos, enquadramentos, close, um monte de coisa. A maior parte foi mexendo, fazendo, errando e gravando de novo. Não tínhamos ninguém para nos ajudar. Foi na cara, coragem, curiosidade, testando. Coisa de jovem com muita energia e vontade de aprender.

Fazer oficina foi algo bem legal e inovador para gente, ensinar alunos com o pouco conhecimento que tínhamos, quando entrou o professor Valmir na jogada foi através dele e do conhecimento que aprendemos na escola. O básico que sabíamos, tínhamos uma experiência mínima, mas que era muito para quem não entendia de nada e passamos adiante. Essa ideia de fazer oficinas foi do Valmir pensando na vida do festival. Foi ao acaso que aquele grupo daquela turma do ensino médio fez um vídeo e gostou, fez outro, passaram para o 3º ano e continuaram fazendo. Se criou aquele grupo do nada. Mas o Valmir se preocupou com isso, que conforme fossem passando os anos, a ideia de fazer vídeos pudesse morrer. E como fazemos para não morrer? Vamos tentar ensinar outras pessoas, para que outras pessoas façam e aprendam. Eu conheço pessoas que realizaram oficinas com a gente e depois seguiu nesta área, fez faculdade de cinema, trabalha com produções hoje e que era mais novo que a gente. Não conhecia nada, fez oficina conosco e daqui a pouco produziu vídeos na escola e seguiu a carreira. Tenho certeza de que em algum momento da vida, para quem participou das oficinas, ela foi muito útil, independente da linha que a pessoa foi seguir. Fazer cinema na escola é muito mais do que escolher uma profissão é aprender a ver o mundo! Eu falo isso por experiência, pelo que aconteceu com minha vida e como eu evolui, como eu cresci e as oportunidades que eu tive, tenho certeza de que muito foi em decorrência do ensino médio onde eu fazia vídeo.

São poucos os professores que pensam que o cinema na escola tem uma ação mais pedagógica do que formar um cineasta propriamente dito, a questão é que se trabalha cinema na escola para criar um ser humano que consiga se desenvolver melhor, consiga interagir melhor, tenha um trabalho bom, são coisas que partem daí.

Uma coisa interessante foi perceber que quando iniciamos a fazer vídeo a relação com os professores foi melhorando. Eu sempre circulei no meio dos alunos bagunceiros, mas sempre fui muito amigo dos professores, mas notei que com a questão das produções de fazer vídeo, mostrar o nosso trabalho e empenho, os professores gostavam. Sentia que os professores me tratavam de igual para igual, não tinha mais aquela distância entre aluno e professor. Havia um outro nível de relacionamento com o meu grupo, um respeito, um amadurecimento. Parecia que não nos viam mais como adolescentes, mas como pessoas, profissionais, era um respeito diferente. Não que não tivessem antes, mas por estar fazendo o que fazíamos era algo diferente, muito mais legal.



O que eu mais lembro das gravações ou dos professores, do festival, é que era uma diversão muito grande. Tudo era engraçado. No vídeo um colega nosso, numa cena a cavalo, ele veio em cima do cavalo e não conseguiu controlar o cavalo e o animal passou embaixo da árvore e ele caiu. Acho que o único acidente que tivemos em relação ao vídeo foi aquele. Foi um susto, mas depois rimos muito. Sobre o festival eu lembro que era uma emoção, apesar de serem poucas pessoas e poucos vídeos, mas o Valmir fez os prêmios de melhor filme, direção, como se fosse o Oscar.

Lembro que sentimos muita emoção cada vez que anunciavam um prêmio ou que ganhamos. Aquilo motivava e era uma alegria, sempre foi assim em qualquer edição do festival ou se era um festival de outro lugar. O frio na barriga sempre foi do mesmo jeito.

Sabe, eu diria para os professores que estão pensando em fazer vídeo e talvez achem que isso não é um processo educacional para pensarem de forma diferente, pois fazer vídeo é sim uma forma pedagógica de ensinar. Há 20 anos, com um mínimo de incentivo que tivemos (levando em consideração que o Valmir entrou depois) conseguimos dar um passo importante e mudar a vida de vários adolescentes e crianças daquela época com as oficinas na sequência. Hoje, em 2021, é muito mais fácil trabalhar com produção de vídeo estudantil, porque a tecnologia está na palma da mão dos alunos.

Antigamente, os equipamentos eram caros, tinha que ter conhecimento técnico e ser curioso e, mesmo assim, podia não conseguir. Para filmar era caro, para editar era caro. Agora, o aluno tem na palma da mão, a diferença é que o professor tem que incentivar o uso correto da ferramenta, porque uma criança já tem um celular para ver vídeo e pode fazer também. Hoje a gente abre o Tik Tok, o Instagram, o Reels, YouTube é um monte de gente brincando e fazendo vídeo. O acesso está muito mais fácil. O professor como educador precisa estimular o uso da criatividade como aconteceu conosco há 20 anos. Os conhecimentos das ferramentas os alunos já têm. Só falta o professor trazer um tema relevante e fazer com que o aluno tenha um olhar diferente. Fazer uma coisa de alguma matéria, por exemplo. Independente da matéria, os temas são vastos.

Os professores também estão mais atualizados, porque o acesso está na mão de todos. Vale a pena investir no cinema na escola, no vídeo estudantil, porque ajuda no desenvolvimento do aluno, da criança, pode transformar em um ser humano melhor e hoje está muito mais fácil e democrático. Só precisamos direcionar e motivar para que esse aluno use as ferramentas de maneira correta.



7 A Visão do Criador: com a palavra, prof. Valmir

Diante de muitas histórias e depoimentos lidos até aqui, tanto de professores quanto de alunos, com certeza várias perguntas poderiam ser feitas ao professor Valmir, mas, no nosso ponto de vista, duas perguntas são de extrema importância e curiosidade, ainda que uma pergunta seja complemento da outra:

- Professor Valmir, por que você criou o festival? O que te motivou?

Eu sempre tive um amor muito grande pelo cinema e pela fotografia. Sempre tive vontade de aplicar algo relacionado em minhas aulas, porém minha formação é em jornalismo e filosofia, e o que eu poderia trabalhar em artes? Como eu tinha esse amor pelo cinema e pela fotografia, eu comecei a trabalhar dentro da disciplina de artes, em 1995, quando entrou a questão do cinema e da fotografia. E, a partir dessas aulas, veio a ideia de motivar os alunos a fotografarem a cidade, porque logo que cheguei em Guaíba percebi que para a autoestima do guaibense nada funcionava, nada dava certo, os alunos achavam a cidade feia. A autoestima em relação ao negacionismo da cidade era muito grande. E ao motivar os alunos a fazerem fotos, eles começaram a ver a cidade de uma forma mais bonita, criar e recriar um olhar sobre o mesmo, sobre a cidade e a aprender com esse olhar.

Então, durante esse ciclo da fotografia, já fez 20 anos agora em 2021, iniciamos a exposição de fotos no museu Carlos Nobre. O que acredito ser uma coisa inédita em Guaíba, uma escola conseguir manter uma exposição de fotos durante 20 anos, com imagens feitas por alunos, porém o projeto de fotos na escola começou antes. A primeira exposição foi em 1997 e deu certo. E como eu trabalhava a história do cinema, pensei: “Por que não tentar motivar os alunos a trabalhar em um roteiro?”. Nessa época as coisas eram mais complexas, pois era a época do videocassete.

Em 2001, uma antiga aluna (Aline Benfato) saiu do roteiro e fez um vídeo contando a história do antigo cinema de Guaíba que era o Cine Teatro Gomes Jardim, inaugurado em 1917. Essa aluna, junto com a mãe, pegou imagens do museu e fizeram um pequeno documentário. Foi o primeiro curta feito aqui antes do festival. Aí, no ano seguinte, dissemos que era possível, e comecei o ano com essa ideia de motivar os alunos a fazer curtas. Pensei em fazer um festival com três categorias no primeiro ano: propaganda, documentário e ficção. O primeiro ano foi em 2002 e foi coincidência, pois em março de 2002 eu morava do lado do antigo cinema e demoliram o prédio do antigo cinema. O festival aconteceu no final do ano. Sempre digo que Guaíba terminou um ciclo do cinema e começou outro que foi o festival que é uma outra proposta de fazer cinema. Então, esse foi o início do festival.

Foi a paixão pelo cinema e com a demolição do cinema de Guaíba, acabei roubando um tijolo que eu guardo aqui na escola a sete chaves que foi o que restou do cinema. Uns 5 ou 6 anos depois, voltei para minha terra natal, onde assisti meu primeiro filme do Teixeirinha quando era criança. Lembro que meus pais não tinham



dinheiro para pagar para ver o filme, eu queria porque queria e meu tio pagou. Eu pude ver o filme do Teixeira e foi minha paixão poder ver um filme que passou lá no interior de Antônio Prado, na capela Santo Antônio e, naquela época, a gente não tinha nem TV.

Quando eu voltei para minha terra, demoliram o prédio onde eu assisti o filme do Teixeira. Eu fui lá e tinha uns tijolos soltos por lá... aí eu peguei um tijolo também. Hoje, os dois tijolos estão aqui na escola, um que marca o fim do ciclo do cinema de Guaíba e o que marca o ciclo da minha paixão pelo cinema.

Às vezes penso no motivo que me levou a fazer vídeo com os alunos. Na época, fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, se debatia muito a questão crítica da mídia. Assim, como professor, iniciei esse trabalho com fotografia para que os alunos tivessem um olhar mais crítico. Sempre trabalhei a questão da leitura crítica da comunicação no geral e nada melhor que tu fazer, do que apenas ficar olhando, pois a questão do fazer ajuda a entender melhor a linguagem cinematográfica, as escolhas e o motivo que me faz escolher um plano e não outro.

Quando olhamos um filme podemos não gostar do roteiro, da fotografia, da história, mas há filmes que valem a pena ver por esse conjunto de coisas que faz um filme ser melhor ou nem tanto, este gosto pessoal é estético e pode ser trabalhado. Então, trabalhar essas questões na prática se aprende muito mais e nada melhor do que começar isso na escola. Imagina nascer um grande cineasta, roteirista na cidade?

Temos que espalhar essa semente dentro da escola, algo pedagógico e educativo, com certeza. Muitas vezes um talento adormecido que começa na escola pode despertar para uma área profissionalmente no futuro. Segundo a Olga Reverbél (1974), a função da escola não é formar um aluno pintor, um aluno artista, ator, fotógrafo, cineasta ou algo assim, mas fazer com que ele entenda esse universo da arte, que ele saiba um pouco quando ele vai assistir um filme, que ele tenha uma noção mínima de produção. Não sou formado em artes, mas vejo essa carência dentro das escolas que ensinam as artes de forma abrangente, porém, devem ensinar para que o aluno tenha uma visão mais ampla, não só da história da arte, do desenho, mas da fotografia e do cinema também.

Acho que a questão do “fazer” é muito importante para formar um aluno crítico, para que ele tenha um outro olhar em cima da mídia. Até por isso acabei inserindo a categoria ‘propaganda’ no festival, para que o aluno possa entender a ideologia da propaganda: “O que está por trás de uma propaganda?” – “Quanto se gasta para fazer uma propaganda?” – “As pessoas compram de uma forma sem pensar em função da propaganda?”.

Como fazíamos todos os anos: tínhamos como referência o Cinema Paradiso¹² (filme de 1988) que foi um ponto muito grande e, também, a partir desse filme que eles criaram os próprios roteiros. É um excelente filme para ensinar os alunos a repensar o cinema.

Como eu disse, no fim da década de 90 e no começo dos anos 2000 houve muita discussão sobre a questão da mídia. Tinha o livro do Arlindo Machado “A TV Levada a Sério”, de 2000, neste livro o autor debate apresentando que a TV também poderia ser uma coisa boa, justamente, em uma época em que havia uma discussão sobre a importância da TV e como a televisão, como meio de

¹² Filme Italiano de 1988 narra a história de Totó que se encanta com o cinema e conta com a ajuda de seu amigo Alfredo, o projecionista. Essas lembranças chegam quando Totó, agora adulto cineasta de sucesso, recebe a notícia que seu amigo que ensinou cinema faleceu.



comunicação, podia manipular as massas. Mas todo esse debate era em cima do ver mídia. Nesta época, estava em voga a questão da educomunicação. Fui atrás e li alguma coisa sobre essa questão de São Paulo e se falava muito do poder da TV Globo e dos meios de comunicação. Pesquisei um pouco desse contexto do poder da mídia.

Outro filme que eu exibia e debatia eram trechos do filme *Cidadão Kane* que depois foi feito um documentário sobre a Globo, "*Muito Além de Cidadão Kane*"¹³, que também, fazia muito uma leitura crítica da mídia. No meio das aulas fazíamos isso e, em Guaíba, também realizamos uma ideia que veio de São Paulo, uma semana sem televisão. Fizemos algumas edições buscando mostrar para as pessoas a importância delas se desligarem da TV para fazerem outras coisas: ler um livro, dar uma caminhada, etc.

Foi muito forte nos anos 90 essa questão da leitura crítica da mídia. Fui buscando parcerias, ideias, pesquisando e vendo a nossa realidade. Foi neste sentido que tentamos, aos poucos, experimentar o fazer mídia. Queríamos sair da aula teórica, pegar a câmera na mão e, aos poucos, embarcar na ideia do Glauber Rocha: "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça". Fazer aprendendo, sem importar o que vinha, o importante era fazer, experimentar.

Às vezes me frustrava, porque em uma turma de 30 alunos 1 ou 2 conseguiam fazer um vídeo, os outros não, cada um com seus motivos. Foi uma evolução ver o festival hoje e graças a Deus avançamos, uma das alegrias é que alguns alunos começaram no festival com uma brincadeira, uma atividade de sala de aula, e isso acabou virando profissão na vida deles. Eu sempre reforço a questão de Guaíba ser a cidade da Revolução Farroupilha, nosso sonho está sendo concretizado na prática que seja o berço de novos cineastas. Por que não fomentar o nascimento de novos cineastas? Mas a questão é essa: "ver" para se ter um aprendizado e uma crítica do visual e "fazer" para aprender na prática.

Tem uma frase que eu também cito sempre, do Rubem Alves, que fala muito sobre a sensibilidade e o aprender a ver, qual a escola que não deve só se preocupar com a expressão verbal, mas ajudar o aluno a enxergar toda essa questão do mundo da imagem. Nós somos bombardeados, nas redes sociais, por imagens que se sobressaem ao texto, então, como entender a questão da formulação dessas imagens. É fundamental entender e trabalhar sobre o poder das imagens para, também, compreender o que é o filme. E isso pode-se fazer dentro da escola ensinando os alunos a produzir vídeo.

Como Freinet acreditava que o aluno deveria fazer parte de uma comunidade e juntar essas ideias com as da mídia, criei um jornal da escola. Ele é feito pela escola e pelos alunos e foi uma tentativa, também, de trabalhar outras formas de mídia dentro da escola. Tivemos o rádio também, que foi um pouco complexo, tivemos oficinas durante o festival para tentar explicar um pouco sobre, como usar dentro das escolas. Mas, na escola pública, infelizmente, tudo é difícil, pois dependemos de recursos que nem sempre conseguimos e, assim, muitos projetos terminam no meio do caminho.

¹³ Beyond Citizen Kane é um documentário televisivo britânico de Simon Hartog exibido em 1993 pelo Channel 4, emissora pública do Reino Unido. O documentário mostra as relações entre a mídia e o poder do Brasil, focando na análise da figura de Roberto Marinho. Disponível em: <https://youtu.be/s-8scOe31D0>.



Desde o primeiro festival, trabalhamos tanto o aluno quanto o professor. A gente faz o Seminário Mídia e Educação, durante pelo menos 1 dia, e trabalhamos para formar o professor nessas áreas. A ideia é mostrar para o professor as possibilidades que ele tem de trabalhar a mídia dentro da sala de aula.

Fizemos vários seminários e ainda seguimos fazendo, no ano passado foi com lives¹⁴. Sempre tivemos palestras e oficinas sobre o melhor uso da mídia dentro da sala de aula. Então, se formos olhar, os principais cineastas do estado já passaram por aqui: Jorge Furtado, Carlos Gerbase, Giba, Otto Guerra. Alguns atores também, como Sirmar Antunes, por exemplo. Nós procuramos, no festival, trazer essa parte no debate. Mostrar o que estamos fazendo em termos de educação.

Como eu falei, na época, tinha essa questão da educomunicação que era muito ligada à questão do rádio. Tanto que o Ismail Soares não trabalhava a questão da mídia, só depois de 2005 que ele vai fazer isso. Ele tinha muito claro essa ideia de como fazer a escola se comunicar e o rádio era o elemento principal para essa ação.

Morei em Pelotas, no bairro Fragata, em uma igreja realizamos uma rádio de corneta que tinha em cima da igreja, na vila Gotuzzo, lembrando que tudo tem uma origem. Tentamos fazer uma rádio popular e eu ajudava nesta ação de fazer um programa feito junto com a comunidade. Tenho orgulho de ter vivido em Pelotas durante 5 anos e aprendido muito, enquanto estudava na Universidade Católica.

Temos também a questão do Freire, que vem com um trabalho inicial ligado à igreja, que fazia você repensar e criticar o que estava vendo e não só aceitar. Falando no Freire, foi em Pelotas que eu também assisti a primeira e única palestra do Paulo Freire. Que foi no colégio Pelotense. São coisas que ficam na minha mente. Eu tive a oportunidade de entrevistar ele para um trabalho na Católica. Uma das perguntas que fiz para ele foi o que ele achava e aquela época ele lutava pela luta da filosofia no segundo grau. Tive orgulho de ter contato com ele, até porque, de certa forma, ele fazia parte de nossos estudos na filosofia. Todo esse aprendizado e visão que absorvemos na Católica foi desencadeado, eventualmente, na sala de aula de forma direta ou indireta.

No primeiro festival eu só tive uma professora que esteve ao meu lado direto, nem a direção me deu apoio. Então, escutava frases do tipo: “O que? Esse maluco inventou um festival?”.

Às vezes percebo que até hoje aquele professor que sai um pouco da rotina conteudista parece que não está dando aula. Que é “matação”, enrolação. Ainda hoje eu vejo, como diretor, que, às vezes, a gente é muito cobrado para seguir aquele padrão que é mandado pelo governo, como o conteúdo, currículo, etc. Porém, os trabalhos que fizemos na sala de aula como o teatro ou a mídia dão muito mais trabalho para organizar. Percebo que “desestruturar” a escola e as pessoas, de certo modo, é algo difícil.

No início foi bem difícil, até por isso que no segundo ano do festival fui buscar apoio da prefeitura, porque até hoje, mesmo estando na direção, sentimos uma dificuldade de atingir 100% dos professores, queríamos que toda escola abraçasse o projeto e, passados 20 anos, não conseguimos. Há uma resistência pelo fato de não enxergarem a importância do cinema na escola. Uma vez uma professora comprou um filme pirata que estava passando no cinema e quase sempre é isso: professores que só passam filmes. Sempre briguei na escola que os alunos e

¹⁴ Disponível em: <https://fb.watch/8q5tv5y IT/>.



professores deviam ir ao cinema. Houve uma época em que eu era contra a pirataria, em usar filmes irregulares, até porque o festival sempre exibiu filmes com a autorização dos diretores para valorizar o trabalho do profissional. Até porque quem vive da cultura e da arte sai prejudicado. Não foi fácil fazer o primeiro festival. O apoio foi mínimo, mas graças a Deus, no segundo ano, tivemos apoio da prefeitura, mas é complicado ter apoio da direção e dos colegas.

E a tecnologia não ajudava, no início foi difícil por causa do VHS, mas houve uma turma que abraçou muito bem. Quando fizemos um festival conseguimos garantir pelo menos 2 filmes no festival, nesse primeiro momento. Lembro que eles passaram uma semana das férias de junho para gravar um curta. Foi em Tapes, alugaram um ônibus com os pais e tudo. Mas sempre há uma resistência por parte dos alunos. Porém, depois que começam a fazer isso, eles se empolgam e ficam muito felizes com o resultado. Às vezes é bom empurrar a tecnologia para a sala de aula, não é só o ver, mas também o fazer. E o que faz as pessoas mais críticas é o fazer, a prática, com uma visão mais ampla da escola. É a escola que oportuniza, que valoriza, que possibilita aos alunos fazerem vídeo na escola. Mas o resultado é gratificante quando eles enxergam seu trabalho numa tela e num festival.

Por isso que eu sempre digo, trabalhar o cinema é trabalhar com todas as artes, envolve tudo! É um trabalho de equipe, percebo o envolvimento da família que se envolve de uma maneira ou outra. O pai que precisa levar o aluno, pais que fazem uma parte no curta e ajudam nisso ou aquilo, com recursos muitas vezes. Então, é por isso, também, que eu acho importante trabalhar o cinema dentro da escola, porque ele une as turmas, une até as pessoas de fora da escola, muitas vezes. Principalmente no festival que a gente vê que a família está presente, que vibra e fica feliz com as premiações. E aquilo, além de uma nota, é um prêmio que eles ganham no festival. Esse é o poder do cinema dentro da escola que extrapola a sala de aula, que envolve a família, a comunidade. Teve um ano que vieram uns alunos do Paraná, com os pais, então, eu acho que é essa a magia do festival e do cinema estudantil.

Eu tenho percebido que depois de nosso festival outros festivais surgiram aqui na região, lembro que em alguns lugares tinham festivais comerciais, mas eu sinto que a partir do nosso festival de vídeo estudantil surgiram outros, é um desafio nosso também, como coloco para a prefeitura, se nós não abraçarmos esse festival com mais recursos, outros festivais irão nos sobrepor. Esse é nosso desafio, de não perder o nosso foco e nos reciclar e buscar novos recursos.

Devemos analisar outras ações como a questão do glamour, então, a gente fica triste quando os alunos não ganham o prêmio, mas faz parte da vida, nem tudo a gente consegue vencer. Às vezes, entramos num jogo e não sabemos a importância do fazer, às vezes, só de estar no festival já é um prêmio, mostrar as convivências, as trocas, estar presente, mostrar pra outros estados e até outros países. Não só aqui no estado e no Brasil, mas teve também uma escola do Uruguai, lá de Montevideo, um professor que trabalhava com alunos com Síndrome de Down e eles trabalham com cinema.

Eles vieram para cá com um filme e passaram alguns dias conosco. E no ano seguinte eles fizeram o primeiro festival lá na cidade deles em Montevideo, inspirado em nosso festival. Então, de certa forma, nosso festival motivou pessoas que vieram aqui em Guaíba e tentaram fazer algo semelhante de acordo com as suas características e possibilidades. Temos Campo Bom, o professor Marlon, que acredito que se inspiraram em nós. Temos também Alvorada que tem uma história



muito grande. Na época, se não me engano, ou depois, eu vi em Porto Alegre algumas escolas que faziam e fizeram alguns festivais internos. Tem várias experiências que surgiram a partir daqui também.

Temos aqui em Porto Alegre uma escola que criou um núcleo de cinema bem forte graças ao nosso festival. Então, o festival motivou não só alguns outros festivais, mas também, motivou escolas a criarem núcleos e a fomentar o cinema dentro da instituição, a partir das formações e das oficinas. É por isso que eu acho importante essa formação do professor como multiplicador. Às vezes, eles querem fazer e não têm o domínio para fazer o curta, então, é muito importante toda essa questão da formação.

Eu trabalhava com os alunos sobre a história do roteiro, então, eu deixava de lado essa parte técnica, até porque eles têm bem mais facilidade com as tecnologias e isso me facilitava, pois eles buscavam como era melhor para fazerem tal coisa. A partir de certo ano, creio que 2010, houve uma crescente de curtas, e daí por diante sempre foi crescendo. No primeiro ano, por exemplo, foram 10 curtas inscritos aqui da escola. Um professor daqui que faz administração fez diversas propagandas. E a tecnologia tem facilitado os alunos a fazerem, além da diversidade de temáticas.

Uma coisa que me chamou muito atenção nas primeiras edições foi uma temática muito recorrente: o terror. Até comecei a me questionar, por que os alunos gostavam tanto de fazer filmes de terror? Hoje já mudou bastante. Como são mais filmes inscritos as temáticas são bem mais diversificadas. Então, do primeiro festival, de 10 passamos a quase 2 mil inscritos, um recorde de inscrições. Nós abrimos espaço para curtas de outros países, e isso é interessante também, que o aluno tenha essa visão de como se faz curtas em outros países e outras culturas. Por isso trouxemos essa experiência de integração com eles também. Eu acho isso muito importante.

Os alunos começaram a produzir mais. Percebemos que na nossa região houve um aumento de vídeos com temática social¹⁵. Eu vejo que o festival é uma reprodução do que o aluno está vivendo. E que, também, dependendo do momento em que vivemos. Agora, na pandemia do Covid-19, tem um monte de vídeos com essa temática. A escola reflete um pouco a vida deles, a questão da depressão e do suicídio, por exemplo, tem aparecido muito. Então, é um momento de filmes da época, da vivência que reflete. Quando eu era professor deixava o tema livre, queria que cada grupo escolhesse um assunto ou gênero. Nessas temáticas cada um procurava passar sua visão e seu entendimento de vida também. Mas a questão social eu tenho visto muito nos últimos anos.

Começamos com o nome vídeo estudantil no primeiro festival e depois passou a ser Festival de Cinema Estudantil de Guaíba. Essa mudança é porque a tecnologia foi evoluindo. Até estávamos discutindo se era vídeo ou cinema, porque para nós filme é cinema. Então, com as mudanças tecnológicas saímos de vídeo para cinema. O festival começou com o nome de “Festival de Vídeo Estudantil” e, atualmente, usamos o nome de “Festival Nacional de Cinema Estudantil” e “Mostra de Curtas e Longas Nacionais e Internacionais”. Não mudamos o foco que é o estudantil. Abrimos espaços para outras produções universitárias, alternativas até para o aluno que saiu da escola, mas que continua produzindo, ter a oportunidade de exibir seus filmes em outras categorias.

¹⁵ Como aponta o professor Josias Pereira, no artigo de 2016, sobre o Festival de Vídeo Estudantil do Capão do Leão.



Abrimos um pouco o leque para que eles vejam essas produções mais profissionais, independentes, para ampliar seus olhares e eles terem uma visão mais crítica. Assim, eles podem aprender com essas outras opções e terem referências. Acho que esse casamento de alunos e profissionais é importante, mas o foco segue sendo o estudantil. Essa mudança aconteceu por essa evolução da tecnologia. Eu vi alguma coisa esses dias, alguma discussão sobre o que é cinema e o que é vídeo, mas a mudança basicamente foi essa.

No ano que vem, em 2022, vou me aposentar e sair da cidade de Guaíba e me preocupo como vai ficar o festival. Eu tinha um projeto de criar em Guaíba um museu do cinema gaúcho, que abrigasse o festival de cinema, uma coisa mais independente. A prefeitura, desde 2019, se afastou por questões de preferências internas, agora, nessa gestão, a ideia é nós retomarmos. Pensar no futuro é importante. Saindo daqui onde o projeto vai ficar? Na escola? Prefeitura? Ou no estado? Será que o estado vai dar continuidade? São questões que começam a ser pensadas, já que não temos nenhuma lei por enquanto. A única lei que nós temos é que o festival faz parte do calendário do município. Mas não existe nenhuma lei ainda da prefeitura. Ela ainda não abraçou nosso festival como sendo um festival da cidade. Mas é importante, pelo menos, pensarmos em uma lei que transforme o festival em um evento na cidade para que a prefeitura aloque recursos para isso.

Espero e sonho que depois de 20 anos tenhamos continuidade, que não pare nunca. O desafio é formar pessoas que levam a ideia a frente com algum ex-aluno ou algum professor coordenando. Não gostaria de me afastar e que alguém descaracterizasse o festival. Gostaria que ele seguisse na mesma linha de forma pedagógica. Esse é um desafio, pois eu ainda não consegui falar para a nova gestão da prefeitura. Pedir que abracem o festival como sendo um evento do município, que seja um projeto da cidade e não da escola tal ou do professor Valmir.

Eu acho que cinema e educação combinam muito bem, porque dentro da sala de aula tem a questão da formação da educação do olhar. Se não for na escola o espaço onde o aluno possa aprender a ir ao cinema, onde ele vai aprender? Acho importante a questão de o professor trabalhar isso dentro da escola. Porque senão, onde o aluno vai aprender a ver, apreciar, criticar um filme. Acho que a escola tem essa função. Retomando aquela ideia da educação... ela tem que ser como um todo, deve trabalhar todas as artes, não só a pintura e a história da pintura, mas a dança, o teatro e o cinema. Fazer vídeo é muito mais do que uma questão técnica, é a arte em seu esplendor, fazer cinema é educar para vida!



Referências

- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marrie F. **Os novos modos de compreender**: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva. Porto Alegre: Fundação lochpe, 1991.
- BAZIN, André. **O realismo impossível**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BETTO, Frei. **A Educação do olhar**. Site Oi Educa, 2006. Disponível em: <http://www.oieduca.com.br/artigos/frei-betto/a-educacao-do-olhar.html>. Acesso em: 21 out. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEREIRA, Josias. **A produção de vídeo em escolas**: um estudo sobre o perfil dos professores que trabalham com a criação de vídeos em escolas do município do Rio de Janeiro. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PEREIRA, Josias. **Produção de vídeos nas escolas**: Uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador. 1º Ed. Pelotas, RS: ErdFilmes, 2014.
- PEREIRA, Josias; DAL PONT, Vânia. **Como fazer vídeo estudantil na prática da sala de aula**. Pelotas: Erdfilmes, 2018.
- PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas**: educar com prazer. Pelotas: UFPel, 2012.
- REVERBEL, Olga Garcia. **Técnicas dramáticas aplicadas à escola**. São Paulo: Editora do Brasil, 1974.



Anexos



PLL 038/2025 - AUTORIA: Ver. Manoel Eletricista

VERIFIQUE A AUTENTICIDADE EM <https://www.camaraguaiba.rs.gov.br/portal/autenticidadepdf>

CODIGO DO DOCUMENTO: 028854 **CHAVE DE VERIFICACAO DE INTEGRIDADE:** 2717C08C5F674FCAFA7AE6B625079BB8

Anexo A - Imagens do festival de 2002 a 2020

Imagens de 2002



Imagens de 2003



Imagens de 2004



Imagens de 2005



Imagens de 2006



Imagens de 2007



Imagens de 2008



Imagens de 2009



Imagens de 2010



Imagens de 2011



Imagens de 2012



Imagens de 2013



Imagens de 2014



Imagens de 2015



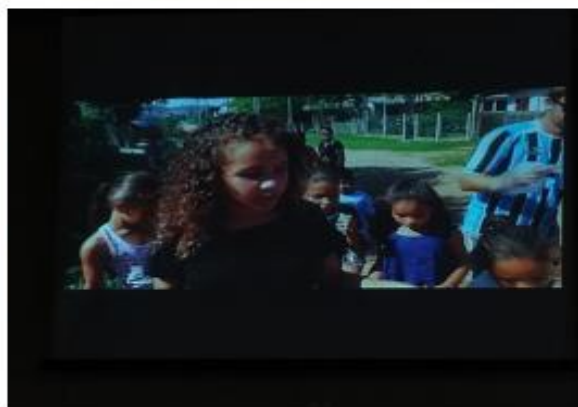
Imagens de 2016



Imagens de 2017



Imagens de 2018



Imagens de 2019



Imagens de 2020

